

SÉRIE
FAMÍLIA BERNARDESCHI
LIVRO 2

HERDEIRO DA
MÁFIA

O PLAYBOY E A VIRGEM

CLÁUDIA CASTRO

HERDEIRO DA
MÃFIA

O PLAYBOY E A VIRGEM

Cláudia Castro

Copyright © Cláudia Castro

Capa: **Criativa TI**

Revisão: **Cláudia Castro**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

***Dedico este livro a
todas as pessoas que
sacudiram a poeira e
superaram as dificuldades.***

NOTA DA AUTORA

Seja bem-vinda ao meu mundo extraordinário dos livros. Passando antes de você começar a ler o livro, para dizer o quanto estou grata a todo amor que minha Família Bernardeschi vem recebendo.

Quando fui desafiada a escrever sobre Máfia, confesso ter ficado um pouco receosa, mas como nunca fujo dos desafios, mergulhei no mundo da pesquisa, li tudo sobre mafiosos desde o início quando surgiram as primeiras famílias até os dias atuais.

Escolhi como pano de fundo desta Série, famílias mafiosas da Itália. Eu sou uma descendente de italianos e por isto, tenho muita familiaridade com alguns valores e estilos destas famílias. Somos amorosos, apegados a família e tudo para nós vira festa.

As famílias mafiosas italianas, são extremamente fiéis aos seus, são pessoas de Fé e de amores intensos. Nesta série, foco nas relações familiares, nos negócios e nos amores arrebatadores.

Se você é daquelas que aprecia livros de máfia Dark, com abuso sexual e muito sangue, esta Série não é para você. Porém, se deseja viver emoções imprevisíveis, rir, chorar e se emocionar com um belo final feliz, pode chegar. Está no lugar certo.

Por fim, eu te peço um grande favor, ao terminar de ler, avalie, deixe sua opinião. É muito importante para nós, escritores, ser avaliado. Esta é nossa profissão, paixão e fazemos com total dedicação. E por isto repito: por favor, ao final deixe sua avaliação.

Agora chega de conversa e vamos ao nosso fodástico, Lorenzo Bernardeschi.

Beijos da Cláudia.

Quando uma mulher louca surge em sua vida...

O que você faz?

Eu estava em uma mesa de carteados em um dos meus cassinos, quando o gerente da Seduzione me ligou.

— Chefe, desculpe te ligar, mas tem uma mulher enlouquecida dando um show no balcão do bar.

— Porra, por que você não resolve isto? Não dá conta de uma mulher?

— Claro que dou chefe, mas tem um probleminha. Ela está aos gritos dizendo que está grávida do grande Lorenzo Bernardeschi.

Quase cuspi todo o uísque na mesa. Grávida? Impossível, sempre tomei todo o cuidado do mundo, nunca trepava sem preservativo. Eu me levantei quase derrubando a mesa e pedi desculpas aos meus parceiros.

— Vou precisar sair e resolver um problema. Terminem sem mim.

Entrei na minha Ferrari e acelerei toda a sua potência até a boate. A impostora com certeza estava armando para mim. O trânsito estava tranquilo e cheguei em menos de vinte minutos. Entreguei as chaves do meu carro para o manobrista e me dirigi a minha entrada privativa.

Antes de me aproximar da mulher, me encontrei com meu gerente, que estava apavorado por não ter resolvido sozinho. Ele me conhecia muito bem. Eu era justo com meus funcionários, mas não aceitava falhas.

— Lorenzo, os seguranças queriam arrancar a mulher de lá a força, mas fiquei preocupado com a repercussão negativa.

— E o que eu posso fazer de diferente, Jeff?

O homem estava transparente, mas não se deixou abalar.

— Vamos até a parte de trás do bar, e o senhor verifica se a conhece.

Balancei a cabeça acatando a sugestão dele e o segui até o local. Quando consegui ver a mulher, senti um baque. A Senhorita Encrenca era linda, uma verdadeira deusa da beleza. Tinha um cabelão castanho quase ruivo até o meio das costas, uma bunda espetacular e coxas feitas para abraçar meu corpo.

Ela estava dançando com uma taça de vinho na mão e quando virou o rosto em minha direção, fiquei impactado com sua beleza. Ela parecia uma divindade mística saída das ilhas gregas. Com certeza, se eu tivesse comido aquela mulher iria me lembrar. Estufei meu peito e caminhei em direção ao balcão do bar.

A senhorita encrenca se virou em minha direção e deu uma risada.

— Lorenzo Bernardeschi, o filho do Don. O mais cobiçado, o mais gostoso e com certeza, o mais babaca de todos.

Putz, de onde a porra da mulher me conhecia? Enquanto ela me desafiava de um jeito que mexia com meu pau, eu tentava me recordar se algum dia a tinha visto em algum lugar.

— Pelo jeito você me conhece bem e gosta, não é?

Ela deu uma gargalhada, se ajoelhou no balcão e veio engatinhado em minha direção. Eu observei que no canto esquerdo do bar, havia duas garotas morrendo de rir e filmando tudo. Fiz sinal para o gerente perguntando quem era e ele me respondeu ser as garotas de uma despedida de solteiro. Na mesma hora saquei qual era a delas e resolvi entrar na brincadeira. A deliciosa parou de quatro perto de mim e jogou seu charme.

— Assim você me magoa, matador. Pensei que minhas curvas seriam inesquecíveis.

Passei a língua pelos meus lábios, mordi o lábio inferior e virei o jogo.

— Preciso repetir para refrescar minha mente.

Puxei sua cabeça e a beijei de forma selvagem, como se minha língua violasse seu corpo. Eu a chupei com força e mordi seus lábios. A mulher deu um pequeno gemido e eu a retirei do balcão a jogando em minhas

costas. Ouvi as amigas gritando palavras de incentivo.

— Aproveita Anna, mostra ao bonitão quem você é.

Sem nenhum pudor ela rebolava a bunda no meu ombro e me dava pequenas mordidas nas costas. Eu a levei para meu escritório, tranquei a porta e a joguei no sofá. Ela caiu sentada, abriu as pernas me mostrando sua calcinha e passou a língua pelos lábios. Arranquei minha gravata, fui até ela e a beijei cheio de tesão. As mãos dela tentavam arrancar meu cinto, mas eu não ia deixá-la dar as cartas.

— Você vai ter que aguentar minha pior versão, Senhorita Encrenca.

— Você não sabe quem eu sou, Lorenzo Bernardeschi.

— Não preciso saber sua identidade para te foder, Encrenca.

Peguei minha gravata e amarrei em seus pulsos. Ela deu uma risada desaforada.

— Adoro homens que precisam de imobilizar uma mulher para se sentir mais macho.

Caralho, aquela mulher estava fodendo meus miolos.

— Eu não preciso te mostrar que sou macho, porque depois de mim, você não vai ter outro igual.

Ela abriu as pernas e me olhou como se estivesse possuída por uma raiva diabólica.

— Então me mostra do que é capaz, Matador.

Eu peguei os dois lados de sua blusinha branca e arranquei todos os botões de uma vez. Seus peitos enormes e lindos pularam para fora em um sutiã de renda branco. Tirei seu short preto junto com a calcinha e a deixei somente com seu salto vermelho. Ela continuava me desafiando com o olhar e era uma visão dos deuses.

Continuei vestido e comecei a explorar seu corpo com minha boca. Eu chupei cada centímetro de sua pele. Ela gemia, pedindo mais. Mordi os bicos dos seus peitos e a mulher parecia gostar da dor, porque implorava por mais.

Quando minha boca chegou em sua boceta muito molhada, ela levantou seu quadril para cima tentando se aliviar, mas eu queria ser mau. Saí de cima dela, fui até o bar do meu escritório, enchi o copo de uísque e gelo.

— O fogo precisa de gelo para provar sua superioridade, sabia Senhorita Encrenca?

— Eu preciso do seu pau me fodendo, Matador, não de gelo.

Ela estava com hálito etílico denunciando que havia bebido, mas não estava bêbada para não ser consensual.

— Você tem certeza do que quer? Porque se tiver, eu vou te dar.

— Quero ver do que o Matador é capaz. Porque até agora não me surpreendeu, Lorenzo Bernardeschi.

O jeito dela falar fazia meu pau ficar ainda mais duro, se é que era possível. Com o gelo na boca, eu maltratei sua pequena boceta linda. Ela gemia, se retorcia, me xingava pedindo para ser penetrada, mas ainda não era hora. Joguei um pouco de uísque em seu umbigo e o suguei com vontade. Depois bebi um pouco da bebida e a beijei com voracidade.

Meus dedos pressionavam seu clitóris enquanto minha boca tomava a dela. Aquele estava sendo um ato insano e delicioso. Depois dela quase se perder em uma explosão de prazer, eu parei. Ela me olhou com raiva por estar negando a ela o orgasmo que seu corpo tanto queria.

— *Figlio di puttana, fottimi.*

Eu vou te foder, Senhorita Encrenca, mas somente quando eu quiser. Ela gritou mais alguns palavrões enquanto eu tirava minha roupa de forma calma. Quando ela viu meu corpo e o tamanho do meu pau, percebi um leve rubor em sua fase, como se ela estivesse apreensiva.

— Gosta do que vê, Senhorita Encrenca?

— Vai se foder, Matador.

— Vou foder você, cremosa.

Levantei o corpo dela de forma rápida e ela deu um gritinho de susto.

— Quero você com esta bunda deliciosa de quatro para mim.

A visão dela de salto vermelho de costas, com aquela bundona redonda, me deixou louco. Coloquei a camisinha, dei um tapa em sua bunda e fui para cima dela. Entrei de uma vez na mulher e levei um susto do caralho quando ela gritou de dor como se algo tivesse sido rompido. Saí de dentro dela apavorado, eu não fodia virgens.

— Caralho, você era virgem, porra. Qual seu problema, garota?

Ela virou para mim com ódio e gritou cuspendo em minha cara.

— O meu problema são vocês. Mafiosos desgraçados que acham que são donos do mundo. Eu quis, está bem? Isto não é nada demais, é só uma pele e mais nada. Não é sobre você, é sobre mim.

— Pelo amor de Deus, eu tinha o direito de saber, caralho.

— Direito? Vai se foder, Lorenzo Bernardeschi. O mundo não é sobre você. Vou repetir para ver se me entende: eu quis. Eu odeio esta babaquice de virgindade e adorei ver sua cara de espanto ao foder uma virgem. Não. Eu não sou a mocinha pura e sonhadora. Sou dona de mim e quer saber mais? Você não é bom como pensa.

Fiquei em choque ouvindo a mulher. Ela vestiu o short, pegou sua camisa que estava sem nenhum botão, mas a amarrou na frente sem vestir o sutiã e saiu correndo do meu escritório. Quase saí correndo nu atrás dela, mas me lembrei a tempo de voltar e me vestir. Caralho, que mulher louca era aquela?

Capítulo 1

Voltei tropeçando para dentro do meu escritório, tentando localizar minhas roupas. Vesti minha calça por cima do corpo, porque não consegui achar minha cueca. Depois achei a camisa e saí correndo enquanto a vestia. Quando cheguei na saída do corredor ao qual dava acesso a boate, me deparei com Silvano, meu segurança, que estava assustado.

— Chefe, tentamos alcançar a garota, mas a maluca pulou o muro da doca onde recebemos nossas mercadorias.

— Sério? Você está me dizendo que um monte de homem foi enganado por uma *ragazza*?

Silvano respirou fundo e balançou a cabeça afirmando a incompetência dos meus homens.

— Silvano, onde estava a empresa contratada para segurança do meu empreendimento?

— Chefe, infelizmente falharam. Fique tranquilo, vou providenciar a troca da empresa e dentro de cinco minutos o senhor estará com as imagens da câmera de segurança.

Respirei fundo e virei as costas voltando para o meu escritório. Pessoas incompetentes sempre me deixavam possesso. Era inadmissível gastar uma fortuna com sistemas de última geração, contratos milionários para manter nossos negócios seguros e uma encrenca com cara de vinte anos derrubar todos eles.

Bati a porta do meu escritório, me servi com duas doses de uísque puro e engoli todo o líquido sem respirar. Eu me sentei no sofá e respirei algumas vezes de forma lenta para tentar me acalmar. No fundo, lidar com sentimentos conflitantes, nunca foi algo presente no meu cotidiano e quando acontecia, me deixava frustrado. A falta de controle era algo incomum para mim.

Uma virgem maluca se jogar em cima de mim daquele jeito e depois despejar sobre mim todo seu veneno, saiu do meu script. Estava saindo do banheiro depois de me vestir de forma correta, quando me deparei com

Silvano com as imagens das câmeras.

Depois de analisar cada uma delas, confesso que a coragem da garota me deixou fascinado. A rapidez dela ao escalar aquele muro, foi peculiar. Assisti as cenas algumas vezes, tentando descobrir quem era aquela mulher.

Meu Deus, quando estava fazendo minha higiene, me deparei com alguns vestígios do seu sangue virginal e fiquei indignado com a atitude dela. Guardei o pendrive em meu bolso e me lembrei das garotas que estavam com ela.

— Silvano, vamos para a central de vigilância. Preciso identificar se as amigas delas ainda estão na boate. Elas estavam em uma despedida de solteira.

Meu segurança não questionou e me seguiu em silêncio. Esta era uma das virtudes dele, além de um excelente profissional, era fiel a mim e a minha família. Verificamos todas as telas existentes no grande painel que ocupava uma parede da sala, até identificarmos duas delas acertando as comandas na recepção da boate.

Silvano passou um rádio aos seguranças para conduzi-las a sala privada. Aquele era um local para mediação de questões conflitantes ocorridas entre frequentadores da boate. Quando entramos, nos deparamos com as duas jovens bonitas que acompanhavam a senhorita encrenca.

Uma delas estava sentada no sofá e era possível ver seu tórax subindo e descendo quando respirava. A outra, diferente da amiga, andava de um lado para o outro com nariz empinado com uma expressão de impaciência.

Assim que me viu, colocou a mão na cintura e me questionou com um tom arrogante.

— Quem você pensa que é para mandar seus brutamontes nos arrastar para cá como criminosas?

Encarei a baixinha com um olhar assassino, passei a língua nos lábios para ganhar tempo e me acalmar.

— Eu não penso, *ragazza*, eu sou o dono deste lugar, mas tenho certeza de que vocês sabem disto, não é?

A infeliz deu uma risada sarcástica e me enfrentou:

— O grande Lorenzo Bernardeschi, o maior playboy da Sicília. Não faço parte do time que abaixa as calcinhas para você, seu *puttano*.

Audaciosa a garotinha, nunca fui chamado de prostituto antes por ninguém, mas ela cansou minha paciência.

— Ótimo saber que não preciso me apresentar e se te interessa, *ragazza*, você não está no seletto grupo de mulheres que me atraem. — Ela abriu a boca para me xingar, mas eu a interrompi. — Quero saber quem é a louca que estava com vocês?

A arrogantezinha ficou com a bochecha vermelha e respirando com ódio por ter sido ignorada. Se estivéssemos em outro momento, eu gostaria de fazer hora com a cara dela, mas eu estava interessado demais na informação para prosseguir.

— Não sei do que está falando, Lorenzo Bernardeschi. — Ela falou meu nome em tom de deboche, me dando uma fígada no pau. Até que a baixinha era gostosa falando meu nome daquele jeito.

Dei uma gargalhada e resolvi ser teatral. Abri os botões do punho da minha camisa olhando fixamente para ela. Enrolei as mangas até o meio dos braços mostrando minhas tatuagens, caminhei devagar para o local onde estava o carrinho de bebidas, coloquei uma dose dupla de uísque em um copo com gelo, voltei para a cadeira imponente atrás da mesa e me sentei diante delas.

— Não tenho pressa, posso esperar vocês se lembrarem.

Ela revirou os olhos, passou a mão nos cabelos e respirou fundo. Quando abriu a boca, a amiga que havia permanecido muda até naquele momento, resolveu falar e me fez levar um choque com o nome que ouvi.

— Anna Faustino.

— O que você disse?

— Isto mesmo que você ouviu, a louca que estava conosco, se chama Anna Faustino.

Acertei o corpo na cadeira, ficando com as costas eretas. Senti os pelos do meu corpo ficarem eriçados com o sobrenome maldito. Meu Deus, não era possível, devia ter algum engano. Respirei fundo tentando manter meu estado de choque disfarçado.

— E posso saber por que ela resolveu inventar aquela mentira absurda sobre estar grávida de mim?

A garota calada balançou a cabeça de um lado para o outro, fechou os olhos jogando o pescoço para trás e depois de alguns segundos me respondeu.

— Porque minha amiga não tem um parafuso no lugar naquela cabeça oca. Ela estava com raiva da família e a idiota aí, a provocou com uma aposta absurda...

A garota baixinha interrompeu a amiga.

— Chega, Helena, já falou demais. Pode nos deixar sair, por favor? Não temos mais nada a dizer.

Eu estava disposto a interrogá-las sobre aquela história, mas mudei de ideia, pois precisava colocar meus pensamentos no lugar.

— Silvano, acompanhe-as até a saída.

Meu segurança abriu a porta e esperou elas se levantarem. A baixinha invocada ficou me olhando com raiva e quando passou por mim, despediu de forma abusada.

— Até nunca mais, seu babaca.

— Silvano, aproveite para informar a recepção que as duas estão proibidas de voltar a MINHA boate.

Ela bufou e pensou em retrucar, mas foi puxada pela amiga chamada Helena. Quando me vi sozinho na sala, caí sentado no sofá, respirei fundo e falei para mim mesmo.

— Parabéns, Lorenzo Bernardeschi, foi foder logo a *maledetta*

Faustino.

Aquilo só podia ser sacanagem do destino.

Capítulo 2

Saí daquele escritório correndo feito uma louca. Meu coração estava disparado com meu ato insano. Eu não voltei para o interior da boate, pois sabia que seria contida pelos seguranças do maldito filho do Don. Arrisquei por um corredor em sentido oposto por onde tinha entrado carregado por Lorenzo.

Saí correndo pelas docas de mercadoria quando avistei um paredão que cercava toda a área, isolando-a da vista da rua. Sem pensar nas consequências do meu ato, retirei minhas sandálias, subi em um dos containers encostado ao muro, dei um impulso em meu corpo e com uma força que eu nunca imaginava ter consegui pular.

Tentei descer do outro lado da rua de uma forma menos perigosa, mas falhei e caí em cima do teto de um carro, machucando meu braço. O alarme do veículo disparou, mas eu não tinha tempo para pensar. Respirei fundo, segurei meu braço e desci do carro.

Olhei para os lados e vi um táxi entrando na rua. Saí correndo e entrei em frente a ele, o motorista precisou frear de uma vez e parou a centímetros de mim.

— Está louca, garota? Quase te matei.

— Moço, me leva embora, por favor.

— O que você aprontou, hein menina?

Ele permaneceu me olhando desconfiado e então resolvi usar o nome do meu avô.

— Não aprontei nada, mas se o senhor me levar em casa, vai ganhar a gratidão eterna do meu avô, Domenico Faustino.

O motorista arregalou os olhos e mudou de ideia na mesma hora.

— Entre, eu te levo para casa. — Odiava usar o nome do vovô para conseguir benefícios, mas naquela hora não tinha outra opção.

Entre pela porta de trás e gritei para ele acelerar. O carro saiu em

disparada. Só voltei a respirar, depois de alguns minutos sem estar sendo seguida.

Fechei meus olhos, respirei fundo para tentar acalmar meu coração. Precisava pensar rápido, eu não podia chegar em casa com a camisa amarrada de um jeito indecente, sem sandálias e com arranhões nas coxas.

Minha única saída era ligar para minhas amigas e torcer para elas terem chegado em casa. Procurei minha bolsa pelo banco do carro e não encontrei, então me lembrei de tê-la deixado com Helena quando subi no balcão do bar.

— Que merda, só faltava esta.

— Falou comigo, moça? — Ouvi a voz do motorista do táxi, olhei para frente e me deparei com ele me olhando pelo retrovisor.

Talvez aquele homem com jeito paternal pudesse me ajudar.

— O senhor pode me emprestar seu celular? Preciso falar com minha amiga.

Ele me entregou o aparelho e sorriu satisfeito. Aquele era o efeito que meu avô causava nas pessoas. Todo mundo queria estar na lista de favores do grande Domenico Faustino.

A minha sorte foi ter números semelhantes com os das minhas amigas, caso contrário, não saberia como falar com ela sem procurar seu nome na agenda. Quando eu, Helena e Paola compramos nossos celulares, escolhemos combinações iguais, somente com o último número diferente.

— Helena, pelo *per l'amor di Dio*, me diga que não está em casa.

— *Anna, sua doida, onde você se meteu? Por que fomos interrogadas por um Lorenzo Bernardeschi muito nervoso?*

Putá merda, meu coração disparou só de ouvir o nome daquele *belíssimo stronzo*.

— Não tenho tempo de explicar agora, Helena. Só me diz onde estão?

— *Espera, a outra maluca quer falar com você. Dio mio, por que*

insisto em andar com vocês duas?

Minha amiga era um doce de pessoa, era tímida e centrada, muito diferente de mim e Paola. Não consegui falar nada, porque logo em seguida os gritos dela tomaram conta da ligação.

— *Annaaaaaa, PARAAA TUDOOO. O QUE VOCÊ FEZ COM AQUELE HOMEM LINDO E BABACA?*

Meu Deus, estava difícil conseguir a informação que eu mais precisava.

— Escuta-me, Paola. Eu preciso me encontrar com vocês antes de chegar em casa. Onde estão?

— *Estamos seguindo para a minha casa. Helena avisou aos pais que vai dormir in my house. Sua bolsa está conosco e seu celular com milhões de mensagens da sua mãe. Não abrimos nenhuma. O que você quer fazer?*

Eu precisava responder minha mãe, antes dela colocar todos os seguranças da família atrás de mim. Nós só conseguimos sair sem eles, porque eu garanti a ela estar junto dos homens do pai da Paola. Ela só me deixou sair porque disse que seria como uma despedida da minha vida de solteira.

Claro que era mentira, nós estávamos sozinhas por nós mesmas. Paola enganou o segurança dela e fugimos. Estava cansada daquela vida de vigilância vinte e quatro horas.

— Abra as mensagens dela e diga que vou dormir na sua casa, porque precisamos estudar para uma prova da faculdade. — Ouvi a gargalhada da minha amiga, revirei os olhos e respirei fundo. — Eu não estou brincando, entendeu, Paola?

— *Calma, aí, nervosinha. Estamos te esperando na esquina da minha rua. Não demore.*

Desliguei a ligação e pedi ao motorista para mudar o trajeto. Percebi ele me observando durante todo o tempo da ligação, mas não queria assunto com um desconhecido, então eu fechei os olhos e encostei a cabeça no vidro

da janela.

Enquanto o carro seguia sentindo meu novo destino, lembrei da minha loucura com o homem mais odiado da minha família. Eu sempre o achei lindo. Desde o dia da inauguração da boate, quando ele estava recebendo os convidados com uma loira estonteante ao seu lado.

Naquela época eu só tinha dezoito anos e era cheia de sonhos. Bastou dois anos, para eu descobrir que o mundo era feito de decepções. Saí dos meus devaneios turbulentos, quando o táxi parou e vi minhas amigas ansiosas me esperando. Saí do carro, fiz um sinal com os olhos para elas esperarem, peguei minha bolsa e paguei o taxista.

Quando o carro saiu, elas pularam em cima de mim em um abraço coletivo. Somente naquele momento, percebi o quanto estava tensa e desabei a chorar. Elas conheciam meu drama e por isto, não fizeram perguntas.

Andamos até a casa da Paola, fomos recepcionadas pelo seu segurança, que entrou na frente dela com os braços cruzados e a encarou com um jeito feroz.

Luigi era um homem lindo, tinha quase dois metros, loiro e com olhos azuis escuros violentos. Eu tinha certeza de que ele era louco por minha amiga, mas ela fingia não perceber.

Com uma expressão assassina, ele abriu a boca para falar, mas foi interrompido por minha amiga abusada que deu um beijo em sua bochecha, perto da boca e o provocou.

— Desfaz o bico, *amore mio*. Você me conhece. Estou inteira, sem nenhum arranhão. Pode ficar tranquilo, o papai não saberá que sua filhinha fugiu do segurança dela.

O homem bufou, saiu de nossa frente, nos dando passagem. Entramos em silêncio rumo ao quarto de Paola, não precisávamos de mais problemas naquela noite.

Quando chegamos lá, fui interrogada por elas. Contei tudo o que havia acontecido até aquele momento e ao terminar minha narrativa, me deparei com as duas com olhos arregalados me olhando.

— O que foi? Vão ficar me olhando sem falar nada? Eu não me arrependo, se isto importa a vocês.

Helena respirou fundo, balançou a cabeça para os lados e veio com seu sermão.

— Você deve ter um parafuso a menos, Anna. Como faz uma loucura desta e com um desconhecido?

Olhei para ela, dei um sorriso safado e sem nenhum remorso, a respondi.

— Faria tudo de novo. Aliás, eu vou terminar o que comecei, ou não me chamo Anna Faustino.

Capítulo 3

Depois de conversar com as amigas da senhorita Encrenca, resolvi terminar minha noite. O que parecia ser somente um dia de folga para jogar cartas com os amigos, acabou virando uma cena da ópera italiana.

Odiava ter meus planos mudados por questões externas, inclusive, com tanta incompetência.

O manobrista trouxe minha menina, apelido carinhoso dado a minha Ferrari. Aquele era um modelo único fabricado para mim sobre medida. Quando entrei em meu carro, acionei o som no último volume, ouvindo *Good Times* do Ghali e acelerei pelas ruas da Sicília.

Velocidade era o meu fraco, e por isto, investia muito dinheiro na fórmula um. No último ano havia me tornado um dos sócios da maior equipe da Itália: a Ferrari.

No início meu pai não acreditou no meu investimento, mas bastou o primeiro ano para recuperar tudo e dobrar meu capital investido.

Quando cheguei em casa, a adrenalina ainda circulava veloz em meu sangue, por isto resolvi passar pela nossa academia. Morávamos em uma mansão na Sicília, cada família com sua ala separada. Precisava gastar minha energia na esteira e colocar meus pensamentos no lugar.

Eu estava saturado com a quantidade de envolvimento com os Faustinos na minha vida. Primeiro fui obrigado a ouvir que eles eram os mais perigosos, os mais isto, os mais àquilo. Na verdade, eles eram sim, os mais incompetentes e cruéis, principalmente, com crianças e mulheres.

Pode parecer irônico, mas minha família, apesar de ser uma das máfias mais tradicionais da Itália, não éramos adeptos a envolver mulheres e crianças em nossas negociações. Para nós, estes deveriam ser protegidos. Eu não era machista como os mais velhos da dinastia Bernardeschi e não admitia violência contra elas.

Adorava ver a beleza, a inteligência e a astúcia das minhas primas e irmãs. Nina era uma verdadeira peste, mas de uma sagacidade invejável. Manu, uma fofa e carinhosa. Ela era a caçulinha, com apenas oito anos.

Como dizia mamãe: “*ela foi um lindo susto do destino*”.

Minhas irmãs eram meus amores, elas sabiam disto e abusavam da minha boa vontade. Eu estava de olho na Nina, desde o atentado sofrido por meu pai e meu tio, vinha observando minha irmãzinha cheia de proximidades com nosso amigo policial.

Não gosto da arrogância dos policiais, mas Matteo era nosso amigo de infância. Apesar de estar do outro lado, ele sempre conseguiu separar amizade, dos nossos negócios.

Naquele dia, eu precisava do meu primo Luciano, mas ele havia perdido o hábito noturno de se exercitar, principalmente, por estar com sua linda Antonella, grávida de trigêmeos.

Mais uma loucura do destino, meus primeiros sobrinhos teriam sangue dos Faustino. Eu tinha convicção de que não me casaria nunca e não queria filhos.

Depois do atentado, meu pai ficou paraplégico e eu passei a ajudá-lo mais de perto. Quando papai resolvesse se aposentar, eu ocuparia o meu lugar de Don daquela família.

Graças a Deus, apesar de ter perdido o movimento das pernas, o grande Freddo Bernardeschi continuava com seu poder de liderança inabalável.

Eu apreciava bastante meu título de herdeiro da máfia, mas ainda não estava pronto para assumir todos os negócios da família. Queria ter tempo de curtir a vida sem tanta responsabilidade sobre minha cabeça.

Sempre brinquei com meus primos, dizendo que eu deveria ser o caçula. Luciano era como um *vecchio*, todo sério e concentrado. Vincenzo, um verdadeiro nerd, só pensava em acumular conhecimento na sua área. Logo eu, o boêmio, de bem com a vida, um playboy, era o mais velho e por consequência, o futuro Don.

Durante meu exercício na esteira, cenas do acontecido com a senhorita Encrenca surgia em minha mente. A garota era gostosa para caralho e tinha uma boca desenhada, feita para me chupar.

A imagem dela de costas para mim, com seu cabelão como um manto cobrindo suas costas, não saía da minha cabeça. Puta que pariu, ela era uma visão do paraíso. Respirei fundo, frustrado e falei sozinho.

— Porra, tinha que ser uma Faustino? Esquece, Lorenzo, não serve para trepar com você.

Eu tinha nojo daquela família. Se eu soubesse que a senhorita Encrenca era uma diaba disfarçada de deusa, jamais teria encostado um dedo nela. Quando senti a mulher apertada e ela deu um grito de dor, meu coração quase parou.

— Mulher louca dos infernos. *Maledetta!!!*

Por minha livre e espontânea vontade, nunca deflagaria uma maldita virgem. A maioria dos homens da máfia querem uma mulher intacta para se casar, mas eu não pensava em casamento pelos próximos dez anos.

Eu era um cafajeste, playboy assumido, mas eu jamais machucaria uma mulher no ato sexual. Ela foi uma filha da puta ao me deixar no escuro. Meti o pau com vontade naquela boceta deliciosa, putz que merda! Balancei a cabeça para um lado e outro várias vezes para esquecer aquela noite.

— Lorenzo, a *ragazza* não existe. Acabou. Passou, entendeu?

— Falando sozinho, primo? – Fui surpreendido por Vincenzo.

Respirei fundo, diminui a velocidade da esteira para caminhada leve, enquanto meu primo pegava uma água no frigobar.

— *Vichenzo*, se você soubesse a merda na qual fui me meter. Porra, até agora não consigo acreditar.

Meu primo deu um sorrisinho cínico e debochou:

— Aposto minha herança que tem mulher envolvida.

— Deve ser porque não sou um celibatário como você, não é primo?

Ele deu outra risada e se justificou.

— Não sou celibatário, só não tenho o mesmo dom que você tem de se apaixonar a cada dia por uma mulher diferente. O que houve com você

nesta noite?

Resolvi sair da esteira e chamei Vincenzo para se sentar comigo na área de lanche da academia

— Primo, eu sei que você é o mais discreto desta família, mas precisa me prometer segredo sobre o que vou te contar.

— Nossa, estou começando a ficar preocupado, nunca te vi assim.

— Posso confiar em você?

— Assim me ofende, porra, claro que pode confiar em mim. Somos família, lembra? Seu problema, nosso problema. Desembucha.

— Cara, eu fodi uma Faustino. — Meu primo me arregalou os olhos e depois começou a rir descontrolado. — Porra, *Vichenzo*, não é para rir da minha noite fodida.

— Desculpe-me, primo, foi mais forte que eu. Cara, o que está acontecendo com nossa família?

— Não sei. Parece que o destino está de putaria conosco.

— É, mas me conta. Como foi isto?

Contei toda a história para o meu primo, sem deixar passar nada. Ele tentava controlar a vontade de rir, mas algumas vezes falhava e o eu o xingava. Depois de me ouvir, ele respirou fundo e fodeu meus miolos.

— Primo, estou prevendo a terceira guerra mundial nesta situação, porque se te conheço bem, o proibido te atraí.

— *Vichenzo*, obrigado por nada. Vamos dormir que é melhor.

Ele deu uns tapinhas no meu ombro e saiu rindo da academia. Meu sentimento era de que o destino havia resolvido foder minha família. Nunca imaginei viajar para os confins da Rússia, para salvar uma Faustino.

Pelo menos, Antonella não havia sido criada no covil de maldades do *vecchio* Domenico. Pelo jeito o pai dela, era o único a ter o sangue bom na família e fugiu da contaminação prejudicial.

Papai estava mantendo a imprensa calada sobre a esposa do meu

primo. Ele havia ofertado um bom dinheiro ao dono dos principais jornais, para plantar a notícia de que o maldito Nikolai foi encontrado morto em seu carro e não havia sinais da garota sequestrada por ele nos Estados Unidos. Nossa família decidiu não divulgar a história da Antonella, até o nascimento dos bebês.

Suado e cansado de tanto pensar, saí da academia rumo ao meu quarto. Necessitava de um banho quente, demorado e depois dormir algumas horas. Precisava estar descansado para a noite, pois meu pai havia marcado uma missa com toda a família em nossa capela particular, para agradecer o livramento no atentado. Logo após, todos nós jantaríamos juntos.

Saí do banho e fui direto para a cama, não gostava de vestir nada para dormir. Puxei o edredom para cima do meu corpo e meu último pensamento antes de dormir, foi a *maledetta signorina guai*.

Capítulo 4

Depois de conseguir aplacar a curiosidade das minhas amigas, resolvemos dormir. Bastou ficar em silêncio no escuro, para as lembranças de pior dia da minha vida vir à tona.

Ter sido enganada pelo homem o qual eu sempre sonhei em me casar, acabou com meus sonhos de casamento de princesa. Desde o meu nascimento, fui prometida para o filho de um dos empresários mais poderosos da Sicília, além de seus negócios terem ramificações com os do meu avô. A junção das duas famílias seria benéfica para ambos.

Eu estava com vinte anos e Alessandro com vinte e dois. Ele era lindo, carinhoso, mas sempre me tratou como se fosse uma peça de cristal. Sempre achei lindo o modo com o ele se relacionava comigo, me sentia protegida e segura.

Às vezes eu me arrumava com roupas mais sedutoras e me jogava para cima dele sem nenhum pudor, mas estranhava a falta de entusiasmo dele. Quando eu o questionava, a resposta era sempre a mesma:

— *Cara mia, rispetto la tua famiglia.*

Confesso que me sentia frustrada, mas acabava acreditando, pois meu avô era mesmo um homem temido e respeitado por todos. Meus pais sempre me protegiam das loucuras do vovô, como por exemplo ter que certificar minha virgindade por laudo médico.

Graças a Deus, papai era sensato e era o único a não temer o pai. Ele foi enfático ao negar tamanho absurdo. Depois do escândalo causado pelas denúncias contra a minha família, passamos por alguns momentos complicados, principalmente, quando a história do médico monstro foi relacionada ao nome dos Faustinos.

Para nossa segurança, eu e mamãe viajamos para a casa da minha tia na Grécia. Desde a notícia da morte da minha prima, que eu estava bastante abalada, Antonella era minha melhor prima. Quando descobri o que ela passava nas mãos daquele médico desgraçado, chorei muito, me senti

culpada. Minha prima sofreu tudo calada, sem pedir ajuda para ninguém.

No fundo ela não tinha com quem contar e saber de tudo o que aconteceu debaixo do meu nariz, sem nossa intervenção, abalou um pouco o relacionamento da nossa família com vovô. Apesar dele jurar não saber de nada, eu não acreditava. A minha admiração de neta, ficou bem estremecida.

Passamos quase dois anos fora da Itália. Meu pai achou melhor nos manter longe do escândalo e da ira do vovô. Eu e Alessandro conversávamos poucas vezes por aplicativo de mensagens. Ele estava sempre ocupado. Infelizmente, a fuga da minha prima, ocasionou a demissão dos seguranças da nossa casa e eu nunca mais soube do Luca.

Meu pai nos visitava todos os meses, mas evitava comentar os problemas da família perto de mim. Quando fez um ano em que estávamos morando com tia, ouvi uma conversa muito estranha entre ele e minha mãe.

— Mirella, papai anda a cada dia mais louco. Ele queria um atestado de virgindade de nossa filha, segundo ele, exigência do pai de Alessandro.

— Você negou, não é, César? Não quero nossa filha passando por esta humilhação.

— Eu neguei, *amore mio*. Ele me xingou, dizendo que eu deixo você mandar em mim. Mirella, preciso contar com sua discrição, mas estou articulando com a família, para destituir o papai do seu cargo de Don. Ele não pode estar com uma saúde mental boa.

— Meu Deus, é grave assim? Seu pai sempre foi genioso, mas nunca maltratou a família. Você sabe o motivo dele tratar Antonella daquele jeito, não é?

— Sei e nunca concordei. Depois de descobrir o que nosso médico de família fez com ela, me senti omisso.

— Não fica assim, *amore mio*. Eu não acredito na morte da Nella, para mim tem algo grande atrás desta morte precoce.

— Tomara que você esteja certa, infelizmente, fiquei sabendo que Nikolai pensa assim também.

Naquele dia eu não dormi a noite. Fiquei rolando na cama pensando

na conversa dos dois. Eu não conseguia entender como ela teria fugido do meu avô e ainda estar viva. Esperei papai viajar e tentei buscar informação com mamãe, mas ela não disse nada.

Quando voltei para Itália, os prejuízos causados pelas denúncias contra nossa família tinham sido solucionados e recebi com alegria a notícia de que vovô queria marcar meu casamento. Faltavam apenas três meses para meu aniversário de vinte e um anos. A data escolhida para meu enlace foi o dia do meu aniversário.

Meu noivado foi comemorado com uma festa suntuosa, como eram as comemorações feitas por vovô. Música, gente bonita, presentes caríssimos, homens com seus ternos impecáveis e mulheres com joias de família. Eu estaria mais feliz se meu noivo demonstrasse um pouco mais de entusiasmo com nossa vida. Ele parecia estar em outro planeta.

Tudo acontecia conforme o planejado, até que uma semana após nosso noivado, resolvi fazer uma surpresa para Alessandro em nossa futura casa e meu mundo caiu.

Capítulo 5

Ele estava morando no condomínio de casas onde iríamos morar depois do casamento, aquele lugar foi escolhido por mim, pois parecia o castelo das minhas histórias infantis. A decoração externa era suntuosa e planejada para causar a impressão de um conto de fadas.

O interior do meu lar tinha sido decorado conforme meus desejos, a arquiteta havia acertado em todos os detalhes. Quando cheguei a recepção do meu luxuoso condomínio, parei o carro na guarita e cumprimentei nosso porteiro.

— Boa tarde, Franchesco. Como o senhor está?

— Boa tarde, senhorita Anna, estou bem. A coluna do senhor Alessandro está melhorando? — Não entendi o que ele quis dizer.

— Coluna? — Eu o olhei sem entender.

— Sim, a fisioterapeuta dele acabou de chegar. — Senti um baque no coração, mas resolvi entrar na dele.

— Ah, sim, claro. Desculpe-me, ando com a cabeça nas nuvens. Espero que ela esteja cuidando bem dele e não falte com o compromisso.

— Pode ficar tranquila, a senhorita Andrea, vem todos os dias.

O senhor deu um sorriso feliz, como se estivesse me ajudando. Balancei a cabeça sorrindo e dei saída com meu carro. Meu coração estava batendo a ponto de me fazer tossir com falta de ar. Meu noivo nunca precisou de fisioterapeuta, não existia nada de errado com a coluna dele.

Estacionei alguns metros da nossa casa e respirei algumas vezes. Eu precisava me controlar para não fazer nenhuma besteira. Depois de alguns minutos respirando fundo, tomei coragem e caminhei até a nossa entrada. Usei a minha chave e entrei devagar, sem fazer barulho.

Bastou dar alguns passos, para ver roupas espalhadas pelo sofá. As lágrimas começaram a descer pelo meu rosto e andei em direção ao nosso

quarto. Quando entrei e vi nossa cama toda bagunçada, senti um ódio mortal subindo pelo meu rosto. A porta da suíte estava aberta, ouvi o barulho do chuveiro e gemidos.

Paralisei na porta com medo de encarar a verdade. Depois de alguns segundos ouvindo gemidos e palavras desconexas, resolvi entrar. A cena a minha frente foi bizarra. Eu me deparei com meu noivo segurando os cabelos longos de uma mulher, puxando seus cabelos para trás, enquanto ele metia nela.

Senão bastasse, o segurança dele estava nu em frente a mulher, com a boca em seu seio e com a mão no meio de suas pernas. Permaneci boquiaberta assistindo aquela orgia, até ser percebida por eles.

A mulher me olhou com desejo, me deixando enojada. O segurança aguardou a reação do seu chefe e para meu total espanto, Alessandro não se incomodou com minha presença e ainda teve a coragem de me convidar.

— Vai ficar olhando, Anna? Por que não aproveita para aprender alguma coisa? Garanto que vai gostar.

Os três riram da minha expressão de repulsa.

— Você está louco, Alessandro? Como ousa fazer isto comigo e ainda me chamar para se juntar a vocês?

— Simples, minha noivinha, gosto de transar assim. É melhor se acostumar, porque quando nos casarmos faremos festinhas como esta.

— Você está louco? Eu não quero isto para minha vida. Nunca mais se aproxime de mim.

Eu virei as costas para sair correndo daquela casa, mas ainda consegui ouvir a gargalhada dele e sua frase final.

— Vamos ver senão haverá casamento, noivinha.

Entre no meu carro e saí daquele condomínio sem olhar para trás. Bastou passar pela recepção, dirigir por uns cinco minutos e precisei parar o carro para vomitar.

Eu nunca esperei nada parecido do Alessandro. Cresci fazendo

planos para nossa vida a dois, mas o príncipe só existia na minha imaginação. O sonho encantado de um homem romântico, carinhoso, protetor, foi destruído. Aquele embaixo do chuveiro, não parecia em nada com o noivo que idealizei.

Esperei me acalmar para seguir até minha casa. Eu não daria conta de esperar, conversaria com meus pais e avô para acabar com aquela farsa. Quando entrei na grande sala de jantar, me deparei com toda a família sentados em volta da mesa, pois vovô não abria mão de estarmos juntos. Mamãe foi a primeira a falar:

— Desistiu de jantar com seu noivo, querida?

Eu deveria ter deixado a conversa com meus pais para depois, mas esperar nunca foi o meu forte.

— Não existe mais noivo, mamãe.

Meu avô parou o garfo a caminho da boca e me olhou com uma expressão brava.

— Que besteira é esta, menina? Está louca?

— Não estou louca, vovô, só não quero mais me casar com aquele *Maledetto*.

— Anna, você não tem esta opção, mocinha. Quem decide isto sou eu e você é a prometida dele desde a infância. Que besteira é esta?

— Eu não... – mamãe me interrompeu.

— Calma, sogro. Vamos conversar com calma depois do jantar, entender o que está acontecendo e depois resolvemos.

Perdi a cabeça ao ouvir minha mãe tentar amenizar os fatos.

— Não tem opção, mamãe. Não vou me casar com um homem que neste momento está fazendo sexo a três no banheiro da casa que seria nossa.

O silêncio foi geral. Todos me olharam com expressão assustada. Saímos do total estado de choque, quando meu avô deu um soco na mesa.

— Cala esta boca, Anna. Suba para seu quarto agora.

Olhei para meu avô com ódio. Mamãe se levantou e o Capo da família deu uma ordem a ela.

— Sente-se Mirella, o jantar ainda não acabou.

Mamãe ainda resistiu, mas meu pai puxou sua mão de forma discreta e ela voltou a se sentar. Virei as costas e subi as escadas correndo em direção ao meu quarto. Eu só queria sumir daquela casa e da máfia.

Capítulo 6

Desde aquela noite, quando dei a notícia do fim do meu casamento em pleno jantar de família, minha vida virou um inferno. Mamãe foi ao meu quarto quando foi liberada por meu avô e me encontrou aos prantos debruçada em minha cama.

— Oh minha filha, eu já te disse mil vezes sobre não conversar certas coisas em frente ao seu avô, você o conhece.

Levantei a cabeça e olhei para ela com mágoa.

— Conheço sim, um monstro sem coração. Eu não sou mais a criança bobinha que o vovô mandava.

— Meu amor, ele é o *Capo* de nossa família, nós devemos respeito a ele.

— Mamãe, respeitar é uma coisa, ser propriedade dele é outra. Eu não vou aceitar ter minha vida destruída por um negócio dele.

Mamãe respirou fundo e depois me pediu para contar tudo a ela. Eu me sentei na cama, limpei meu rosto e depois com calma expliquei tudo o que vi, sem esquecer nenhum detalhe.

Quando terminei meu relato, ela puxou o ar e o soltou pela boca. Depois mordeu os lábios, pensando antes de falar. Eu conhecia minha mãe, ela era submissa e aceitava sem questionar o regime da nossa família, mas eu não queria seguir o mesmo padrão.

Ela e papai viviam muito bem, se amavam e ele a respeitava muito. Eu não me casaria com ninguém que não me respeitasse.

— Anna, seu avô tem razão minha filha. Seu noivo sabe da importância do casamento com respeito, onde a virgindade só é a florada, após a Santa Virgem dar a benção aos noivos... — eu a interrompi, era inadmissível ouvir aquilo.

— Pelo amor de Deus, mamãe. O Alessandro me olhou com deboche, me chamou de noivinha e disse para eu me acostumar porque ele gostava de sexo daquele jeito. Você está se ouvindo?

— Filha, a nossa vida é assim, você não tem como mudar o que tem séculos de funcionamento.

— Mamãe, com todo o respeito, eu prefiro morrer a casar com aquele idiota.

— Annaaaaaa, fecha esta boca, minha filha. Pede perdão a Virgem.

— Eu estou te avisando, senhora Mirella Faustino.

— Anna, isto somos nós, os Faustino.

— Não mamãe, esta é a minha família, não eu.

Virei as costas e entrei no meu banheiro, precisava de uma ducha gelada para esfriar a cabeça. Não queria ouvir mais nada. Mamãe ainda bateu na porta, mas eu não estava disposta a falar com ela.

— Por favor, me deixa sozinha. Eu preciso esfriar a cabeça, amanhã conversamos melhor.

Ouvi o suspiro dela e o barulho da porta do meu quarto se fechando. Eu me sentei embaixo da água e chorei. Estava disposta a iniciar a terceira guerra mundial, mas não me casaria com a aquele idiota.

Acordei quando a escuridão ainda tomava conta do meu quarto, meu relógio acusava quatro e meia da manhã. Meu estomago estava roncando, pois não havia comido nada. Desci até a cozinha, preparei um sanduíche de queijo e manjerição, fiz um suco de laranja e depois me sentei sozinha na enorme mesa de jantar.

Enquanto comia meu lanche, uma ideia maluca passou a minha cabeça. Eu ia perder minha virgindade, era o único jeito de me livrar do casamento arranjado por vovó.

E foi assim que acabei no escritório de Lorenzo Bernardeschi, porque comigo era assim: se era para ferrar tudo, então eu ia fazer direito.

Balancei minha cabeça para espantar as lembranças, precisava dormir. Paola e Helena, estavam dormindo há muito tempo, enquanto eu ficava remoendo minha vida fodida. Eu precisava pensar uma forma de escapar daquele casamento. Consegui sair com as meninas para a boate, com

a justificativa de estar aproveitando meus últimos dias de solteira.

Quando percebi que brigar com o vovô era uma luta perdida, fiz um acordo com ele de só voltar a ver meu noivo do dia do casamento. A princípio ele não gostou da ideia, mas eu fiz o papel de netinha boazinha, que precisava daqueles dias para me preparar.

Meu pai prometeu ter uma conversa com o Alessandro e eu acatei como uma boa filha recatada, mas no fundo o meu ódio por ele só crescia. Faltava dois meses e meio para o meu casamento e este era o tempo para conseguir me livrar dele.

Perder a virgindade foi só uma carta na manga, caso nada desse certo, eu esfregaria na cara dele minha pseudo promiscuidade.

Acabei adormecendo quando o dia estava quase amanhecendo. O pouco tempo que dormi foi tumultuado por sonhos com Lorenzo e meu noivo. O rosto dos dois apareciam sempre como se eles fossem um só.

Acordamos por volta de onze horas. Minha cabeça estava em tempo de estourar. A bebida misturada com a loucura da noite passada, estavam cobrando seu preço. Para piorar minha situação, Paola acordou cheia de energia como de costume.

— Vamos acordar meninas. O sol está lindo e nós dentro deste quarto escondendo nossa beleza. Pensando em uma piscina antes do almoço, o que acham?

Helena estava com o travesseiro escondendo a cabeça e eu tentando raciocinar.

— Paola, me fala qual é o energético que você toma, porque acordar nesta energia toda deve ter algum mistério.

— Deixa de ser uma *vecchia*, Anna. Eu não tomo nada, só gosto de aproveitar a vida e não pensar no amanhã.

— Fácil para você, não é amiga. Queria ver se tivesse uma família como a minha.

Ela deu uma gargalhada exagerada e veio com o mesmo papo de sempre.

— Querida Anninha do meu coração, se aquele *vechio* trilionário fosse meu avô, eu ia usar e abusar do rico dinheiro dele.

— Ah sei... queria ver você acatar as ordens loucas dele.

— Meu bem, eu já te disse: finja aceitar tudo e faça o que quer. Este é o segredo. Agora vamos logo porque quero desfilar minha linda bunda em frente ao meu segurança favorito.

Dei uma risada e me levantei para escolher um biquini no closet dela. Minha amiga tinha mania de comprar roupa. Ela poderia viver dez anos e não daria conta de usar tudo.

— Eu vou escolher um biquini minúsculo destes seus, mas antes preciso de um remédio para dor de cabeça.

Minha amiga passou por mim, deu um tapa na minha bunda e entrou comigo no closet.

— Anna, vamos mostrar para este seu ex futuro noivo como brincar com uma Faustino pode ser perigoso.

— Meu bem, você não viu nada. Se eu me casar com ele, vou transformar a vida daquele imbecil em um inferno, mas isto somente se... entendeu?

Ela começou a rir e me jogou um biquini preto com detalhes dourados.

— Veste esta belezura. Nunca usei e vai ficar perfeito em você.

Helena chegou na porta do closet, com uma carinha amassada e olhos quase fechados.

— *Per'l amor di Dio, siamo in guerra?*

Eu e Paola demos uma gargalhada e puxamos nossa amiga mais certinha de todas para um abraço coletivo.

— Não estamos em guerra, *amica mia*. Acordamos com o furacão Paola nos convidando para a piscina. Aproveita e faça como eu, avisa sua mãe que vamos passar o dia tomando um bronze. Escolhe logo seu biquini na loja particular da louca.

Ela entrou esfregando o olho no closet gigante que mais parecia uma sala de televisão.

— Oh Anna, não vem que não tem. Você é a filha única e herdeira de um dos homens mais ricos da Sicília. Seu closet é maior que o meu.

— Claro que não é. Não sou exagerada como você.

— Ah tá, falou a garota dona de uma *BMW M8 Gran Coupé* feita sobre medida para ela com cor única no mundo. Garotinha riquinha do papai.

— Não foi meu pai quem me deu, foi meu avô. Presente de aniversário. E para de reclamar porque seu papaizinho é um dos maiores acionistas da Ferrari.

Ela deu um sorriso e colocou a mão na cintura.

— E você ainda tem coragem de reclamar do vovô? O *vecchio* te deu o carro sonho de consumo das *ragazzas shichilianas*.

— Vovô só é carinhoso se eu fizer todas as suas vontades.

— Como eu disse, basta você fingir que concorda e fazer do seu jeito.

— Ai ai, Paola. Bom, chega de papo furado e vamos para a piscina. Aproveita e pede um lanche reforçado, amiga, estou faminta.

Ela deu uma risada e veio com seu veneno.

— Eu também estaria depois de dar para Lorenzo, o herdeiro da máfia mais rica de todas.

Revirei os olhos para ela e entrei no banheiro para me trocar. Eu tinha muita coisa para resolver, mas naquele dia me dei folga.

Capítulo 7

Meus dias eram bastante ocupados, eu não tinha tempo para pensar, mas bastava dormir para aquela mulher louca aparecer em meus sonhos. A Senhorita Encrenca deu uma bagunçada no meu sistema, mas eu estava me esforçando para esquecer aquela noite.

Eu a empurrei para o canto das minhas memórias e segui no meu ritmo de vida. O mundo dos negócios andava atribulado, porque havia um boato rolando sobre a saúde mental do Capo dos Faustino. Todo início de semana, nós nos reuníamos para passar o relatório dos negócios e planejar a semana.

Estávamos eu, meus primos e tios no escritório junto ao meu pai, quando eu contei a história do Capo estar *com um parafuso solto*.

— Segundo as bocas sedentas por fofoca, o *vecchio* está queimando os fusíveis e ficando doido.

Meu pai tirou seu charuto da boca e com sua voz rouca se pronunciou:

— Honestamente? Para mim este homem nunca foi normal, Lorenzo, então, não me assusta.

— Eu sei, *papa*, mas agora parece ser grave. Se for verdade, pode ser bom para os nossos negócios.

Luciano ficou de pé, se serviu com uma taça de vinho branco e com olhar de fúria deu sua opinião.

— Eu não desisti de me vingar daquele *vecchio* por tudo o que aquele *maledetto*, fez com minha esposa.

— Está pensando em fazer o quê, sobrinho?

Meu primo passou a caneta na sobrancelha, se virou para nós e contou seu plano.

— *Vichenzo* descobriu que alguns fornecedores exclusivos do *vecchio* estão reclamando por ele não aceitar reajustar o preço das bebidas e

da heroína...

Meu tio, pai de Luciano, interrompeu o filho.

— Como conseguiu esta informação, *Vichenzo*?

Meu primo deu um sorrisinho de triunfo e estufou o peito antes de contar sua proeza. Aquele nerd era terrível.

— Simples, tio, eu estou com um infiltrado entre os fornecedores. Meu camaleão inclusive conseguiu ser de confiança dos Faustinos.

Meu tio Enrico sorriu e deu um soquinho no braço do filho.

— *Mio bambino è fantástico. È come suo padre.*

Meu pai revirou os olhos com meu tio dizendo que o filho havia saído como ele. E todos nós ficamos rindo deles. Meu primo era mesmo foda na coisa, mas meu tio Lucca ficou preocupado.

— *Vichenzo*, tem certeza de que não há risco dele ser descoberto.

— Impossível, tio. Pablo é meu melhor homem. Eu tenho um esquema para contratar e treinar meu exército. O principal pré-requisito para estar comigo, é nunca ter morado ou visitado a Itália.

— Este trio só me dá orgulho — disse meu pai. — Lorenzo, tem faro para fazer dinheiro, meu menino dos ovos de ouro, *Luchiano*, meu piloto observador, exímio conhecedor de dispositivos tecnológicos, programas e redes de computadores e *Vichenzo*, meu nerd rastreador, *mio bambino prodígio*.

Nós sorrimos e meu tio, pai do Luciano completou a fala do irmão.

— Vocês são a continuidade de tudo que construímos. Sejam sempre leais ao sangue e ninguém será capaz de nos destruir. Nós nunca nos separamos, não é irmãos?

Meu pai e tios concordaram e me senti emocionado por ser membro da família Bernardeschi. Fizemos um brinde ao momento e voltamos ao plano do Luciano.

— Estou pensando em colocar um laranja para comprar um grande

carregamento em nome dos Faustino, aceitando o preço reajustado. — Meu primo bebeu seu vinho e meu pai fez sinal para ele continuar. — Bom, o Juiz Rocco está com sangue nos olhos contra os Faustino, porque ele foi afastado do caso da minha esposa pelos comparsas daquela família *maledetta*.

— Não estou entendendo seu raciocínio, *Luchiano*.

Meu primo deu um sorriso abusado, pegou sua taça e virou o vinho na boca, com toda calma do mundo. Ele queria valorizar sua ideia e eu saquei qual era.

— *Papa*, eu já sei o que o primo está propondo. O cara infiltrado pelo *Vichenzo* vai negociar a um preço alto, mas os fornecedores vão entregar a carga para os Faustinos e na hora de pagar eles vão dizer que não negociaram no preço. E aí o circo estará armado.

— Isto mesmo, primo, só que a cereja do bolo, titio, é a informação que plantaremos junto aos clientes dos *maledettos*, que eles não estão comprando mercadoria de boa procedência porque não querem pagar o preço.

Meu primo Vincenzo começou a rir, deu um tapinha na perna do Luciano e terminou de contar.

— Então, após esta denúncia plantada pelos meus homens, eles farão chegar ao ouvido dos clientes, que, nós, os Bernardeschi, estamos com a melhor mercadoria do mercado e cheio de clientes novos.

— E então vamos oferecer nossa mercadoria para eles? Como sabe que estes clientes vão nos procurar, *Vichenzo*?

Meu primo deu uma risada e fez seu grande final:

— Simples, meu tio, princípio da escassez. Os clientes vão ficar apavorados com receio de acabar nossos ótimos produtos.

Meu pai olhou para Vincenzo e Luciano, balançou a cabeça de forma positiva e sorriu satisfeito.

— A cada dia estou mais satisfeito por ter colocado vocês três como meus *consiglieres*. A tríade perfeita no mundo da máfia e vocês não estão me decepcionando.

Meu pai era o Don desde a morte de vovô. Quando ele assumiu o lugar do *Capo* da família, não quis manter a estrutura dos negócios como antes. Tonny que era o *consigliere* do meu avô quis se aposentar e desde então, meus tios faziam o papel de subchefe e com a volta do Luciano, papai nos convidou para sermos seus conselheiros.

Nós terminamos a reunião como de costume: brindando a saúde da família. Eu tinha orgulho de todo nosso patrimônio, construído com muito trabalho e com as propostas irrecusáveis do meu pai aos compatriotas.

Papai e meus tios saíram nos deixando sozinhos no escritório. Luciano respirou fundo, deixando claro ter algo mais a falar.

— Fala logo, *Luchiano*, o que está te incomodando primo? — ele mordeu o lábio inferior, estalou o pescoço e contou algo bastante inusitado.

— Ontem recebi da transportadora algumas caixas que ficaram para trás em Nova Iorque, eu ia guardá-las sem olhar o conteúdo, mas minha esposa vinha sentindo falta de uma pequena caixinha com um pingente e um endereço deixado para ela pelo pai e por isto, resolvi procurar.

Ele parou de falar e deu um suspiro profundo.

— E achou? Fala logo, porra.

— Calma, *Vichenzo*, vou contar. Eu achei a tal caixinha e quando abri, levei um susto. Dentro dela tinha um pingente e nosso endereço.

— Você quer dizer, este endereço?

— Sim, Lorenzo, nossa casa na Sicília. E o pingente era o símbolo do juramento entre amigos.

Meu primo Vincenzo arregalou os olhos:

— Você está falando de um círculo com uma estrela, uma flecha ao meio e um triangulo embaixo?

— Isto mesmo, você já viu algum?

— *Dio Mio*, meu pai tem uma desta em seus guardados de guerra.

Olhamos um para o outro sem entender o que aquilo significava.

— Cara, o que você vai fazer? Por que não falou antes?

— Não sei. Antonella não sabe ainda que encontrei. Estou com receio de deixá-la nervosa por causa da gravidez. Ela e mamãe passam horas bordando e cuidando do enxoval.

— *Vichenzo*, tente descobrir com seu pai o que significa a tal medalha. Invente uma história, sei lá. Aliás, você é o menino prodígio, se vire e só volte com uma resposta para nós.

Meu primo bateu continência e prometeu desvendar o mistério. Nos despedimos, pois eu precisava verificar as últimas providências para o lançamento da Ferrari.

Capítulo 8

Enquanto as meninas mergulhavam, eu mexia em meu celular fazendo pesquisando sobre um playboy famoso na Itália. Bastava digitar o nome dele e um monte de sites famosos tinha algo a dizer sobre a sensação da Sicília.

Eu não sabia bem o porquê da minha súbita curiosidade sobre aquele *puttano*. A primeira matéria a aparecer no site de busca falava sobre Lorenzo Bernardeschi um dos mais novos acionistas da *Scuderia Ferrari*.

A foto o mostrava vestido em um terno de corte perfeito, o deixando mais alto e lindo. Ele estava junto ao chefe da equipe *Mattia Binotto* e ao...

— PARA TUDOOOOOO... PAOLLAAAAA...

Minha amiga saiu da piscina e veio correndo em minha direção.

— O que foi sua louca? O Vaticano está pegando fogo?

— Não, claro que não. Amiga, escuta o que vou ler para você. “*Lorenzo Bernardeschi, Mattia Binotto e Paolo Vitarelli brindam o novo modelo da Ferrari a ser apresentado nesta semana pelo seu anfitrião Mattia Binotto, que presenteará o mais novo acionista com o carro número 1 da Scuderia*”.

— Amigaaaaaaaaa, eu tenho credenciais vips para este evento. *Dio Mio*, eu havia me esquecido disto.

Helena chegou a tempo de ouvir nossa conversa e tentou jogar água na nossa fogueira.

— E se ele contar para seu pai o que aconteceu na boate?

Paola deu uma gargalhada alta e falou em êxtase.

— Acorda Helena de Tróia, eu faço questão de estar junto com o papai na hora de entregar a chave ao babaca que diz nos proibir de entrar em sua boate.

Começamos a rir e Helena acabou rindo conosco.

— Cara, vocês são loucas e eu mais louca ainda, por amar vocês.

Nós começamos a fazer cócegas nelas e a jogamos na piscina. Estávamos fazendo a maior bagunça, quando a governanta trouxe nosso lanche. Saímos da água e comemos até não aguentar mais. Nós estávamos morrendo de fome e não tínhamos problemas com a balança.

Enquanto tomávamos nosso suco, percebi os seguranças se colocando em lugares estratégicos e estranhei aquela movimentação toda. A área da piscina estava a um nível mais alto que o da rua, sendo possível ver quem chegava, sem sermos vistas.

De repente, vimos quatro SUVs preta fazendo escolta a uma Ferrari novinha. Eles entraram na área de estacionamento da casa da minha amiga.

— Quem será, Paola?

— Olha, Ferraris, entram e saem da minha casa toda hora, mas aquela eu nunca vi antes. Deve ser alguém importante, porque chegou cheio de escoltas.

Helena olhou para os seguranças em volta de onde estávamos e deu sua opinião.

— Levando em consideração que este monte de homens de preto estão de olho em nós, deve ser alguém que possa trazer risco.

Paola levantou a cabeça e avistou o seu segurança.

— Esperem aqui, vou descobrir quem é a visita poderosa.

Minha amiga calçou seu chinelinho branco da cor do seu biquini indecente e saiu rebolando a bunda em direção ao Luigi. De longe vimos eles conversando e o rapaz gesticulando para o corpo dela.

— Coitado deste infeliz, vai sofrer na mão daquela maluca.

— Aqueles dois ainda vão se pegar, pode escrever Helena. Olha como ele está enlouquecido olhando para ela.

— Estou vendo, e ela ainda está se jogando para cima dele. Paola não tem jeito, maluca.

— Ela está certa, homens merecem sofrer.

— Eu hein, Anna, nada a ver. Só porque seu noivo é um *puttano*, não quer dizer que todos são.

— Ah tá, me diz um que não é Helena.

— Meu professor. Ele não é.

— Claro, como me esqueci deste seu professor deste curso secreto aí que você faz.

Minha amiga sorriu e não disse mais nada. Helena era toda nerd e adorava estas maluquices de investigação, leituras corporais e sistemas.

Paola olhou para mim e colocou a mão na boca como se tivesse descoberto onde estava todo o ouro do mundo. Ela deu um beijo no rosto do segurança, aliás, quase na boca e veio correndo para onde estávamos.

— Pela Virgem Santa, Anna, você não tem ideia de quem está neste momento na sala conversando com meu pai.

— Como eu vou saber quem está com seu pai, louca?

Helena falou sem pensar.

— Só falta ser o tal Lorenzo Bernardeschi.

Paola colocou a mão na cintura e quase nos matou do coração.

— O próprio, Helena. Lorenzo Bernardeschi em carne e osso e toda sua beleza e tatuagens e tudo o mais que aquele homem tem.

Eu e Helena quase caímos da cadeira e falamos juntas.

— O quê? Você pode estar brincando, Paola.

— Não estou. O próprio Luigi me disse.

— E por que este monte de homens de preto em volta da gente, Paola?

— Digamos que meu segurança está enciumado do meu corpo perfeito a mostra, Helena.

Enquanto elas se provocavam, eu perdi o poder de respirar. Como

assim? Era coincidência demais.

— Anna, Luigi me disse que eles estão acertando os últimos detalhes do evento da Ferrari.

— Paola, eu preciso ver este homem. Tem como passar pelos seus brutamontes?

— Claro que sim, amiga. Acabo de perceber o quanto o sol está quente. Sigam-me.

— O quê? Vocês vão sair da piscina assim? Sem colocar um roupão ou uma camisa?

Eu e Paola demos uma piscadinha para Helena.

— Claro que vamos assim. O que é belo é para ser mostrado, Helena.

Peguei o pente na bolsa da Paola, ajeitei meus fios longos e depois passei o gloss dela nos lábios.

— O meu pai vai achar ruim por estarmos em traje de banho dentro de casa. Eu vou pedir desculpas dizendo que não sabíamos da visita.

Helena estava vermelha, com cara de dor de barriga. Fiquei com dó da minha amiga, mas estava adorando os planos da Paola.

Saímos da piscina sob o olhar de escrutina do segurança Luigi, mas o ignoramos com sucesso. Quando entramos pela porta da sala, vimos o pai da minha amiga e o babaca mais lindo da Itália tomando vinho.

Paola inventou um assunto e começou a falar alto, chamando atenção dos dois.

— *Figlia mia*, que trajes são estes?

— *Scusa papà*, não sabia que tínhamos visita?

Eu encarei o *stronzzo* sem disfarçar e Paola estava vibrando ao ver a cara de espanto dele. Só faltava ela escrever na testa:

— Você me proibiu de entrar onde mesmo?

— Lorenzo, me desculpe, esta é minha filha e suas amigas, Anna e Helena.

Eu pensei que ele ficaria sem jeito, mas o *stronzzo* quase nos matou do coração.

— Olá ragazzas, ontem tive a honra de recebê-las em minha boate *Seduzione*, não é?

O pai da Paola piorou mais ainda minha situação.

— Verdade, elas estavam comemorando a despedida de solteira da Anna. Aninha vai se casar com o Alessandro, não é minha querida?

Lorenzo me olhou com olhos apertados, dando um sorriso sutil percebido somente por mim.

— Sim, tio. Senhor Lorenzo, foi um prazer revê-lo.

Segurei o braço de Paola e saí arrastando-a pela escada. Meu coração estava disparado quase me deixando sem ar.

Quando entramos no quarto dela, minha amiga fez um escândalo.

— Fala baixo, Paola, a casa inteira vai ouvir.

Helena estava mais branca que vela, mas não deixou de falar.

— *Porca miséria*, Anna do céu, quando o tio falou sobre sua despedida de solteira, o homem te encarou como se fosse te engolir, senti até calor.

Paola se dobrava de rir e engrossou a fila para me sacanear.

— Anna, eu queria dar um beijo na testa do meu pai. O *puttano* ficou sem voz ao ouvir que a gostosa aí vai se casar.

— Parem vocês duas. Eu não sabia onde enfiar minha cara, isto sim.

— Eu posso te dar uma sugestão.

Só olhei para Paola com cara feia e ela levantou as duas mãos desistindo de falar a besteira que estava na ponta da sua língua.

Capítulo 9

Quando Paolo me chamou a casa dele para acertarmos algumas questões de logísticas do evento da Ferrari, nunca imaginei encontrar com a Senhorita Encrenca e suas duas discípulas. Para piorar a peste desbocada da amiga, era filha do homem o qual me levou para a Scuderia como acionista.

Precisei de muito controle para não me perder na bunda da Encrenca. Meu Deus, que biquini era aquele? Um pedaço de pano que mal cobria o seu corpo. Meu tourão ficou doido para sair de dentro da minha calça.

Depois da passagem relâmpago delas por nós, perdi toda a minha capacidade de concentração. Porra, ela era uma Faustino, caralho. Eu não podia estar com aqueles pensamentos sacanas.

Paolo continuou falando suas estratégias de vendas, sobre a imprensa, credenciais, shows e minha cabeça dando voltas naquelas pernas roliças e bunda redonda. *Porca miséria!!!*

Saí dos meus pensamentos quando ouvi o celular do Paolo tocando. Ele me pediu licença para atender e saiu da sala. Eu continuei sentado tomando meu vinho, quando vi as três diabinhas passando tentando não serem vistas. Sem nenhum controle dos meus atos, eu avancei até elas, fiz sinal para as duas continuarem seu caminho e empurrei a Anna para uma salinha anexa onde eu estava.

Eu a encostei na parede e a protegi com meu corpo, não dando a ela chance de escapar.

— Agora você não vai fugir de mim, Senhorita Encrenca.

— Está louco? Me solta senão eu vou gritar.

— Grita, quero ver você ter coragem.

Ela me encarou com fúria, dava para ver sua veia do pescoço estufada, então eu fiz a maior besteira de todas: a beijei.

A princípio a Senhorita Encrenca me empurrou com força, mas não

demorou muito a corresponder na mesma necessidade que eu. Nossas línguas se comunicaram de forma sincronizada, nossas respirações mostraram o quanto estávamos afetados e nossos corpos se fundiram.

Quando nos separamos, a sensação era de um tsunami ter me atropelado. O peito dela subia e descia como se ela tivesse corrido uma maratona. Bastou ela oxigenar o cérebro, para colocar seu dedo em riste e me ameaçar:

— Nunca mais faça isto, entendeu?

Fui obrigado a rir dela, a garota era hilária.

— Oras, primeiro você me ataca na minha boate, depois fugiu como uma ladra. Agora, aceitou meu beijo e ainda por cima, descubro que vai se casar, mas resolveu brincar antes comigo? É isto, senhorita encrenca?

— Pare com este apelido, ridículo, eu me chamo Anna Faustino, mas isto você já sabe, não é?

— Sei sim, infelizmente. Bom, na vida não dá para ter tudo perfeito, não é?

Antes dela me responder, ouvi passos vindo na direção da sala onde eu estava com Paolo, virei as costas e voltei para minha cadeira em tempo recorde. Paola saiu pela lateral e consegui não ser vista.

Voltamos aos negócios, Paolo contava animado as novas aquisições e projetos da Scuderia, enquanto minha cabeça estava tentando elencar todos os motivos para eu não pensar na *maledetta*.

A garota tinha uma atitude ativa, como se nada no mundo a assustasse ou amedrontasse. Seus olhos transmitiam um misto de raiva, sedução e desespero. Tinha alguma coisa a atormentando, eu conhecia aquele olhar.

Saí dos meus pensamentos quando meu anfitrião me interpelou:

— Lorenzo, você está me escutando? *Caspita*, estou falando sozinho há minutos.

— *Perdonami*, estou com a cabeça cheia com alguns problemas em

minhas casas noturnas.

O homem bebeu seu vinho, deu um trago em seu charuto e coçou sua sobrancelha.

— Deve ser difícil conciliar todos os seus negócios e ainda ser o herdeiro dos Bernardeschi.

— Está enganado, Paolo. Temos muitas pessoas trabalhando ao nosso dispor. Fique tranquilo, sou conhecido por transformar tudo que toco em ouro.

Ele deu um sorriso satisfeito, pois ele só tinha uma fonte de renda e não podia perder dinheiro. Ao contrário da minha realidade, eu tinha muitas fontes de entrada de recursos, podia aproveitar sem me preocupar se a nova Ferrari vendia ou não.

Continuei conversando com ele e prestando atenção na movimentação da área da piscina. Depois de quase duas horas de reunião, não podia mais esperar a garota sair. Porém, o universo estava conspirando ao meu favor, pois, assim que cheguei na frente da casa, vi Paola e a amiga entrando em um carro com um dos seguranças da família Vitarelli.

Despedi do meu sócio, entrei em minha Ferrari e saí em disparada seguindo o SUV preto onde elas estavam. Não sabia bem qual era o objetivo, mas queria ter certeza de que ela morava na mansão do Domenico Faustino.

Depois de alguns minutos, vi o carro parando em frente à entrada suntuosa dos *maledettos Fautinos*. Diminuí a velocidade do carro e passei em frente a mansão. Os seguranças me olharam de cara feia, eu fiz questão de cumprimentá-los com um aceno de cabeça e depois acelerei feito um louco. Eu estava mesmo enlouquecendo.

Os Bernardeschi e as quatro famílias com negócios similares aos nossos, vivíamos de forma pacífica. O único a não adotar a paz e quebrar as regras de boa convivência, era os malditos Faustino, donos da Unitti Fratelli.

Os nossos negócios tinham ramificação nos Estados Unidos, cada família respeitava seus territórios e clientes, mas o *vechio* Domenico era a podridão em pessoa, não tinha valores religiosos dignos de nós, legítimos mafiosos italianos. Para provar nossa teoria, o *maledetto* preferiu negociar

com os piores seres humanos da máfia: os Russos.

Cheguei em casa e passei pelo portão feito um vento forte. Adrenalina e a vontade foder estava corroendo meu cérebro. Naquela noite eu ia fazer uma visita ao meu clube *Senza Censure*.

Aquele era meu mais novo empreendimento. Um clube para adultos, onde era possível realizar fantasias, bastava ter muitos euros para gastar, ou melhor, investir em uma noite sem censura e de muito prazer.

Oferecíamos os desejos mais secretos da mente humana, bastava procurar na cartela de serviços e escolher a mulher ou o homem habilitado para realizar a fantasia escolhida. Para o bom funcionamento da casa, tínhamos regras obrigatórias. Bastava quebrar alguma delas, para ser banido de todas as minhas casas noturnas e ainda ficava com uma ficha queimada na noite italiana.

Eu não aceitava nada que não fosse consensual e não estivesse previsto no serviço escolhido. Quando selecionei o gerente do clube, fui rigoroso. Eu queria o melhor homem e consegui. O lugar podia ser frequentado por qualquer pessoa, deste que fosse maior de idade e assinasse ao entrar um termo de confidencialidade. Tudo que acontecia *Senza Censure*, ficava no clube, não podia sair nenhuma informação fora dali.

Meu gerente havia me convencido a fazer uma vez por mês, um leilão de mulheres. A princípio achei um pouco absurdo, mas ele me convenceu dizendo que todas seriam de maior e se inscreveriam pelo site. Elas só entravam no leilão depois de confirmamos a legitimidade de seus documentos provando serem de maior.

Naquela noite eu ia dar o ar da graça e participar do leilão. Estava precisando me distrair e aquele era o melhor jeito de passar uma noite sem compromissos e muito prazer.

Capítulo 10

Saí daquela sala com ódio daquele *maledetto*. Quem ele pensava que era? Não podia sair me agarrando assim. O infeliz tinha um beijo de molhar a calcinha. Ele era um playboy arrogante, se achava dono do mundo, mas era gostoso demais. Cheguei na piscina com meu corpo arrepiado, ainda sentindo sua mão em minha pele. Paola e Helena me esperavam ansiosas.

— Anna, que porra foi esta? Aquele italiano é doido? Se meu pai pega vocês dois juntos, explode a terceira guerra mundial.

Engoli seco, soltei o ar pela boca, a sensação era como se até aquele momento, eu não respirava. Eu estava muito ofegante, mas dei conta de falar.

— Eu não sei, Paola. Ele me encurralou naquela salinha onde guardam os casacos e me beijou como se fosse arrancar tudo de mim. Aquele *maledetto*...

Helena me olhou com as pálpebras apertadas:

— Amiga, estou começando a achar que você está gostando daquele: “*maledetto*”.

— Está doida, Helena? Claro que não. Deve ter bebido demais. Eu odeio os Bernardeschi, desde a barriga da minha mãe.

— Sei não, amiga. Desde a inauguração da Seduzione, você era a mais animada para ver o proprietário. E na boa? Queria vingar do seu avô perdendo a virgindade, mas precisava ser com ele? Pronto, falei.

— Vai se foder, Helena. Quer saber? Vou dar um mergulho.

Eu me levantei chateada com as meninas e me joguei na piscina a tempo de ouvi-la me irritando.

—Vai mesmo. Quem sabe assim esfria a cabeça.

As perguntas da Helena retumbavam na minha cabeça enquanto eu mergulhava na água gelada. Na verdade, aquele idiota exercia um fascínio sobre mim. Depois de dar várias braçadas de um lado para o outro e me

cansar, saí da água e disse que precisava subir para arrumar minhas coisas, pois era hora de ir embora.

— Anna, desamarra o bico! Deixa de ser boba, nós somos amigas.

— Não estou chateada, Helena, preciso ir embora, estou muito tempo longe de casa. Meu avô não gosta de jantar sem todos juntos à mesa.

— Então eu também vou com você.

— Ah não meninas, deixem de ser chatas. Vamos aproveitar o sol.

— Não dá mesmo, amiga. Preciso ir embora, senão sobra para minha mãe.

— Credo, isto não é vida, é prisão. Aqueles homens da sua casa são abusadores. Na minha casa meu pai dá a última palavra: “*já vou Gioconda, amore mio*”.

Eu ri da minha amiga, mas no fundo ela tinha razão, mamãe vivia para atender as vontades do meu pai e do meu avô. Ela dizia ser agradecida por tudo, mas para mim parecia mais uma pessoa conformada, que feliz.

Passamos pela entrada dos fundos, pois eu não queria encontrar com Lorenzo de novo. Terminamos de arrumar nossas coisas com Paola reclamando atrás de gente. Quando descemos, ela pediu ao motorista para nos levar. Paola pediu ao seu segurança bonitão para nos acompanhar.

Eu e Helena fomos sentadas atrás, enquanto o motorista e Luigi conversavam sobre carros, nós duas olhávamos a nova coleção de outono da nossa marca favorita.

— Anna, olha este short de couro marsala, com este corpete preto e jaqueta do mesmo tom. Combinam com sua bota de cano alto, é seu estilo, o que acha?

Olhei o modelo e uma ideia veio ao meu pensamento.

— Acho perfeito para uma noite de leilão.

Helena me olhou sem entender e eu dei uma risada. Eu me lembrei de uma publicidade que vi nas redes sociais do clube *Senza Censure*.

— Você está falando de que, sua doida?

Fiz sinal com olhos para ela mostrando os homens a nossa frente. Mostrei a ela o celular e comecei a digitar no grupo Poderosas, onde estava eu, ela e Paola.

<Meninas, que tal conhecermos o clube Senza Censure esta noite?>

Helena digitando...

<Está doida, Anna?>

Paola digitando...

<Obaaaaa, eu super topo. Louca para conhecer este clube.>

Helena digitando...

<Meninas, aquele é um clube de sexo, para adultos.>

Paola digitando...

<E nós somos o que, sua maluca? Nós temos vinte e um anos e Anna vinte, portanto, adultas.>

Anna digitando...

<Hoje é o dia do leilão, quero ver como funciona este negócio.>

Helena digitando...

<Pelo amor da Virgem Santa, você deve ter tomado muito sol, Anna, ou pior, quer imitar seu noivo.>

Anna digitando...

<Vai tomar no cu, Helena, eu não quero imitar ninguém, só viver e ser livre.>

Paola digitando...

<Adoroooooo, vamos hoje?>

Helena digitando...

<Para de colocar lenha na fogueira, Paola, a Anna não é livre e ainda tem um avô perigoso>

Anna digitando...

<Do meu avô cuido eu. Vou comprar o conjunto da Pimenta Sexy e vou usar ela hoje. Meninas, vamos sair as vinte e duas horas, eu busco vocês. Cheguei... Beijos...>

Guardei meu celular na bolsa e Helena me olhou com raiva. Eu dei um beijo na bochecha dela e falei em seu ouvido:

— Você precisa relaxar, amiguinha, só falta você para perder o cabaço. Fui...

Desci do carro e agradeci ao bonitão do segurança. Quando estava do lado de dentro dos portões da minha casa e virei a tempo de ver uma Ferrari passando e acelerando feito louco.

— Eu hein, povo maluco.

O segurança que estava próximo de mim, disse quem era e eu quase morri do coração.

— O motorista daquela Ferrari, é filho do inimigo número um do seu avô. — Fiz uma cara de desentendida e ele confirmou minhas suspeitas. — Era o playboy, Lorenzo Bernardeschi, senhora Anna.

— Ah sim, realmente, eles são inimigos de nossa família. Preciso entrar, licença, Giulio.

Fiz o caminho até a casa quase ouvindo meu coração batendo. Lorenzo, Lorenzo, não brinca comigo, eu posso morder. Dei uma risada e entrei em casa.

Capítulo 11

Entrei pelos fundos porque não queria ser vista. Por sorte consegui ultrapassar todos os ambientes da casa sem encontrar ninguém. Fechei a porta e liguei para a loja, precisava da minha vendedora preferida. Por sorte, Luana estava trabalhando e acertamos tudo por telefone. Ela me disse que dentro de uma hora a minhas compras estariam comigo.

Aproveitei para tomar banho e secar meus cabelos com calma. Coloquei Bishop Briggs com a música *River*, cantei e dancei feito uma louca embaixo do chuveiro. Enquanto meu corpo se movia de forma sensual, eu cantava imitando-a. Adorava aquela música, ela mexia com a devassa existente em meu interior.

Precisou de uma decepção para eu entender que eu precisava ousar e viver a vida como eu tinha vontade. Lorenzo Bernardeschi era meu desejo oculto desde sempre, mas cresci ouvindo sobre ele ser o proibido, mas como dizem: o proibido é mais gostoso.

Saí do banheiro vestida em meu roupão e me lembrando do beijo daquele delicioso babaca, quando ouvi duas batidas na porta.

— Pode entrar, está destrancada.

— Oi filha, meu Deus, você ainda mora nesta casa? Desde ontem não te vejo.

Minha vontade foi dar uma má resposta, mas ela não merecia. Dona Gioconda era zelosa e carinhosa comigo, não merecia ser maltratada.

— Ontem fomos a um encontro entre amigas e depois passamos o dia na piscina. — Infelizmente precisei mentir para ela, pois eu saí dizendo que estaria na casa delas aproveitando meus últimos dias de solteira. — Mamãe, hoje devo sair por volta de vinte e duas horas...

Ela me interrompeu antes de dizer para onde eu ia.

— Seu noivo vem jantar conosco, Anna. Seu avô convidou.

— O quê? Não foi este combinado que fiz com meu avô. Por que este

idiota vai jantar conosco?

— Anna, ele vai ser seu futuro marido, melhor se acostumar. Estou estranhando seu comportamento. Você não está aprontando nada, não é?

— *Dio mio, mamma.* — Respirei fundo duas vezes, eu precisava me acalmar antes que minha farsa fosse descoberta. — Eu não estou aprontando nada, mamãe. E não me esqueci do meu casamento. Talvez você tenha se esquecido que estou me casando contra minha vontade.

— Você se acostuma, minha filha. Tenho certeza de que será feliz.

Olhei para ela com raiva, fazendo força para não deixar as lágrimas descer pelo meu rosto. Puxei o ar pelo nariz e falei com a voz mais calma que consegui.

— Está bem, mamãe. Assim que meu noivo for embora, eu vou para sair com as meninas é aniversário de uma amiga da universidade.

— Anna, não está certo uma moça noiva ficar saindo assim, tarde da noite.

— Mamãe, não tem nada de errado nisto. Eu não estou fazendo nada demais, só vivendo o pouco que me resta como uma garota de vinte anos.

— Agora me deixe por favor, preciso descansar um pouco para estar linda para meu noivo — falei com tom de sarcasmo.

Ela me olhou, balançou a cabeça de um lado para o outro e saiu do meu quarto. Bastou a porta fechar para as lágrimas descerem pelo meu rosto. Eu estava chorando de ódio por ser obrigada a obedecer a família como se estivéssemos vivendo no século passado.

Voltei a ouvir toques na minha porta e já ia xingar, quando ouvi a governanta dizendo que era encomenda para mim. Abri a porta, peguei as sacolas e a agradei. Depois virei a chave na fechadura, não queria mais ser incomodada.

Experimentei a roupa, com um top preto de renda maravilhoso, ele deixava a minha pele branca da barriga exposta me deixando bastante sexy. Coloquei minha bota de cano alto, olhei no espelho e gostei do resultado.

— Você está gostosa, viu Anna — falei comigo mesma. — Esta noite é minha e foda-se Alessandro.

Depois de aprovar meu visual, guardei tudo que precisava no fundo da minha mochila, junto com as maquiagens e meu perfume *Carolina Herrera*.

Descansei até a hora de me arrumar para o jantar. Coloquei um vestido vermelho de tom escuro, calcei a bota de cano longo, pois ficaria mais fácil sair com ela no pé. Penteei meu cabelo deixando reto, passei uma maquiagem leve e desci para meu calvário.

Quando cheguei na sala de jantar, meu avô, papai e Alessandro tomavam vinho, ele me olhou como se tivesse apreciado minha roupa. Eu só senti vontade de vomitar em cima dele, mas fingi ser a noiva boazinha. Ele se levantou, meu deu um beijo casto e depois me elogiou.

— Boa noite meu amor, você está linda.

— Obrigada, querido.

Eu me sentei ao lado dele e permaneci a submissa como vovô queria. O jantar durou até quase vinte e duas horas e depois fomos para sala tomar licor. Ele, papai e vovô continuaram conversando por mais meia hora, até Alessandro informar que precisaria sair cedo, porque faria uma viagem de negócios para o pai no outro dia.

Eu o acompanhei até a porta e quando ele me deu um beijo, não senti nada. Era como se eu beijasse uma parede.

— Estou feliz que tenha perdoado meu deslize, seu pai conversou comigo. — Olhei para ele com desdém e o filha da puta sussurrou em meu ouvido. — Apesar de achar que você gostaria de experimentar.

Respirei fundo, mantive meu olhar sobre ele como se eu fosse um ser inanimado.

— Não se preocupe comigo, Alessandro, eu já esqueci.

Ele me olhou satisfeito e me beijou de novo. Foi a pior sensação da minha vida e naquele momento me lembrei do beijo de Lorenzo. Era tão diferente.

Alessandro em apertou mais, enfiando aquela língua nojenta na minha boca, ele nunca tinha me beijado assim, a ponto de conseguir sentir a ereção dele. Senti nojo e fiz um juramento para mim: preferia morrer a casar com aquele verme.

Capítulo 12

Convidei Vincenzo para passar a noite no clube comigo. Meu primo não estava na Itália quando inauguramos o *Senza Censure* e por isto não o conhecia. A princípio meu primo nerd não queria me acompanhar, mas acabou sendo vencido pela curiosidade quando eu contei a ele sobre ser a noite do leilão.

— Isto é sério, primo. Os ricos pagam fortunas para trepar com as mulheres leiloadas?

— Não pagam, *Vichenzo*, investem em uma noite de prazer.

Meu primo deu uma gargalhada e com toda a sua mesquinharia deu sua opinião.

— Investimento para mim é na bolsa de valores, Lorenzo, não em uma foda, estas eu consigo de graça.

— Espere até chegar no clube para ver. A maioria delas são garotas lindas, precisando de uma grana, ou por pura diversão. Ah e tem as famosas virgens que precisam de dinheiro para questões pessoais.

— Cara, você realmente sabe viver e ganhar dinheiro, mas ainda prefiro a emoção do meu trabalho.

— Relaxa, caçula. Hoje à noite é por minha conta, vamos beber e encontrar uma gostosa para nos alegrar.

Meu primo riu e foi para sua casa, combinamos de sair por volta de vinte e duas horas. Resolvi dar uma geral na minha Ferrari, quando Vincenzo chegou.

— Esqueceu alguma coisa, primo?

— Esqueci sim. Cara, lembra da história do pingente? — Balancei a cabeça para ele, que respirou fundo e soltou o ar. — Lorenzo, papai me contou uma história estranha e eu precisei ser artista para ele não desconfiar de nada, mas acho que a Antonella, não é quem ela pensa ser.

— Como assim, *Vichenzo*?

— Então, papai me disse que aquele pingente ele ganhou de um amigo na guerra. Uma história esquisita. Eles eram três amigos em uma mesma base, papai era um deles, os outros eram Francesco e Gian. Segundo meu pai, este terceiro homem tinha um cordão com estes dois pingentes, um dele e um da noiva...

Não dei conta e interrompi meu primo.

— Como assim? Este tal Gian era dono dos dois pingentes? Então como um ficou com seu pai e outro com Antonella?

— Aí está o enigma: papai disse que eles sofreram um atentado e o talo Gian ficou muito mal, deixou um pingente com meu pai e outro com este Francesco. Parece que ele não quis deixar os dois pingentes com um homem só com medo de novos ataques e a medalhinha não chegar a noiva.

Eu cocei meu pescoço, um hábito de quando ficava nervoso.

— *Vichenzo*, você está me deixando confuso. Está me dizendo que esta medalhinha do seu pai e do pai da Antonella era deste Gian e da mãe dela?

— Cara, eu ainda não te disse o motivo de achar que a esposa de *Luchiano* não é quem pensa;

— Então fala logo, porra.

— A noiva do tal Gian, estava grávida de dois meses.

— O que? Grávida? *Vichenzo*, precisamos contar isto ao *Luchiano*, urgente.

— Sim, mas precisamos tomar cuidado, porque a Nella está grávida de três bebês, não dá para assustá-la.

Fomos interrompidos por Nina que chegava cheia de sacolas.

— Não podem assustar quem? O que vocês estão escondendo, hein?

— Nada sua curiosa. *Dio mio*, Nina. Cadê sua educação? Não cumprimenta mais as pessoas?

— Ahhh irmãozinho, deixa de ser chato. Lorenzo, este seu carro está parecendo um espelho de tanto que você o lustra.

— Nina, deixa minha menina em paz. A gente se entende.

Vicenzo deu uma risada e beijou minha irmã na testa.

— Fala aí prima mais linda do meu coração. O que você anda aprontando?

— Nada. Eu sou uma santa.

— Ahhhhh, claro que é. Eu estou de olho em você, senhorita Nina.

— Eu hein, o que eu fiz agora, Lorenzo?

Eu a encarei e a diabinha sustentou meu olhar. Respirei fundo e resolvi não falar o motivo das minhas desconfianças.

— Espero que não esteja fazendo nada mesmo, Nina.

Ela veio até mim, beijou minha bochecha e em tom de deboche me afrontou.

— Querido Lorenzo, cola em mim que é sucesso, irmão. Vou deixar vocês dois aí lambendo este carro, porque a vida é curta e eu não posso perder nenhum segundo dela. Obrigada, de nada, tchau.

A diabinha virou e saiu rebolando. Eu ainda a adverti.

— Nina, Nina, não brinca comigo.

A pessoa ainda teve coragem de mostrar a mão e fingir que estava tremendo como se estivesse com medo. Meu Deus, ela me deixava louco e para piorar Vicenzo ainda ficou rindo.

— Está rindo de que, *Vichenzo*?

— De você, primo.

— De mim? Por quê?

— Se seu ataque de nervos estiver relacionado com sua irmã e Matheus na mesma frase, é melhor se conformar.

— Como assim? Me conformar. Que merda é esta?

— Lorenzo, você é cego? Os dois estão apaixonados e se pegando pelos cantos.

— O quê? Você está falando sério? Vou matar aqueles dois.

— Não vai nada. Ou melhor, deixe para matá-los depois, você precisa me levar para conhecer este seu clube de sexo.

Respirei fundo e passei as mãos pelos cabelos várias vezes para me acalmar. Depois corrigi meu primo.

— Clube de sexo, não. Clube de entretenimento, meu caro.

Vicenzo deu uma risada e foi para sua casa, me deixando encucado com a história da minha irmãzinha e o *maledetto* policial. Eu não ia deixar aquela história assim.

Capítulo 13

O assunto Matheus e Nina continuava incomodando meus pensamentos, mas eu resolvi esfriar a cabeça e deixar os dois para depois. Naquela noite eu precisava distrair, retirar uma certa Senhorita Encrenca do meu sistema e foder a mulher mais linda que estivesse no clube.

De preferência uma loira peituda, com bunda grande e muita coxa. Eu necessitava alguém bem diferente da mulher quase ruiva, de curvas lindas, tumultuando minha vida e tirando minha paz. Anna Faustino era chave de cadeia.

Nós tínhamos um código de honra na máfia e não seria eu a não cumprir. Inimigo era sempre inimigo. O caso do pingente veio a minha mente e mandei uma mensagem para Luciano marcando uma reunião para o outro dia. Deixei meu pai e tios de fora, primeiro conversaríamos somente entre nós.

Tomei um banho demorado, fiz a barba, depois escolhi calça e camisa preta. Dobrei a manga até o cotovelo, passei perfume e finalizei com sapatos social de couro preto, com detalhes branco e fundo vermelho.

Eu era um homem vaidoso, mas sem exageros. Gostava de estar bem-vestido para elas, porque as mulheres adoravam um homem bonito, com roupas caras e de grifes. Então, eu investia uma grande quantia em roupas e sapatos, pois o desejo delas era uma ordem para mim.

Quando eu e Vincenzo chegamos ao clube, chamamos atenção de algumas garotas que estavam entrando. Aquele era um dia de casa cheia, pois além do leilão, aconteceria um show do famoso Irama. O cantor estava entre as mais tocadas da Itália com a música *Arrogante*. Minha família intitulou como sendo o meu hino.

A maioria das pessoas pensam que ao chegar a um clube de sexo, vão ver orgia a cada canto, mas não é bem assim. Os ambientes são refinados, cada um com seu propósito e entrada individual. No salão central, são exibidos diversos tipos de shows artísticos. Naquela noite além do cantor,

teríamos o esperado leilão, com o tema: “*eu quero você*”.

Colocamos nossas pulseirinhas com código de barra para o consumo e entramos no clube. Eram quatro cores, cada uma com seu significado. Eu e meu primo optamos por colocar a verde, pois estávamos disponíveis. As pulseiras amarelas, significavam pessoas indecisas, que não estavam disponíveis, mas podiam mudar de ideia durante a noite. As vermelhas eram para clientes dispostos somente a assistir aos shows e se divertir sem se envolver com ninguém.

A cor dourada, era para pessoas dispostas a investir no leilão. Era a identificação vip e dava acesso aos espaços de luxo individuais e coletivos. Sim, o clube contava com cinquenta suítes para duas pessoas e dez suítes para mais de um casal.

Enquanto eu e Vincenzo nos dirigíamos ao bar, fomos abordados por algumas garotas mais animadas. Nós dois chamávamos atenção por nossa altura, beleza e claro, por sermos muito ricos. Não éramos iludidos e tínhamos radar para mulheres caça maridos, por isto, estávamos sempre atentas as ciladas armadas por elas.

Deixei meu primo conversando com o barman e dei uma circulada para verificar se estava tudo acontecendo como previsto. Encontrei com Frederico, meu gerente, e ele afirmou estar tudo certo para o show e o leilão. Naquela noite, não seria aceito virgens, somente mulheres dispostas a viver algumas horas de muito prazer. A renda seria toda destinada a causas sociais.

Fred me explicou estar usando o princípio da escassez e fazendo leilões com virgens intercalando os meses. Este era o mês de brincadeira e investimento nos abrigos de crianças e adolescentes.

Segundo ele, os mais velhos ficavam loucos aguardando a tão sonhada garota lacrada. Fiz uma careta e ele deu uma risada.

— Lorenzo, nossos adoram investir fortunas em novinhas virgens. O dinheiro deste leilão fica para a casa. Sobre a segurança do clube, fique tranquilo, investigamos todas elas antes. Não queremos problemas com menores de idade.

— Está certo, Fred. Deus me livre ter problemas com os juízes.

Meu gerente riu, deu um tapinha no meu ombro e saiu para atender um dos nossos colaboradores. Voltei para o bar, precisava começar minha noite com um bom uísque *The Dalmore*. Quando me sentei ao lado do meu primo, ele me mostrou três garotas que dançavam de forma sensual.

— Lorenzo, olha aquelas três garotas, as três com pulseiras verdes. Elas não parecem ser frequentadoras de lugares como este.

Girei meu banco para a pista de dança e quase caí dele quando a luz iluminou o rosto da mais gostosa delas. Não era possível eu devia estar enxergando mal. O quê Anna Faustino e suas amigas estavam fazendo no meu clube? Pior ainda: com pulseira verde? Acho que elas não tinham noção do tipo de entretenimento ofertado.

— Você não vai acreditar, *Vichenzo*. Aquelas três são, Anna Faustino, a Senhorita Encrenca, Paola Vitarelli, a filha do meu sócio e a terceira é Helena, a garota sensata.

— Helena de Tróia.

Dei uma gargalhada.

— Da Sicília mesmo, *Vichenzo*.

— Acho que ela te viu, primo.

A diaba estava com uma roupa sexy do caralho, sorriu para mim de um jeito abusado e deu uma piscadinha. Só levantei o copo para ela e continuei no bar a observando. Eu queria ver até onde chegava à determinação da garota em me afrontar. Virei o uísque na boca e pedi outro.

— Lorenzo, você não vai até elas?

— De jeito nenhum, *Vichenzo*. Você está falando com Lorenzo Bernardeschi, esqueceu?

— Não esqueci, até porque é impossível esquecer, uma vez que todas as garotas com pulseira verde deste lugar estão ovulando por você.

— Deixa de ser exagerado, primo. Você vive enfiado em sistemas, redes de computadores, estudos e todo este seu arsenal tecnológico e esquece de se exibir para a mulherada.

— Eu não gosto de quantidade, Lorenzo, prefiro exclusividade.

A fala do meu primo, parecia de um velho sedento por casamento.

— *Per l' amor di Dio, sembra un vecchio.*

— Não sou velho, Lorenzo, só não tenho medo como você de me amarrar.

— Vai se foder, *Vichenzo*. Não tenho medo de nada, só não quero me amarrar. Casamento está fora dos meus planos.

— Titio sabe disto? Que o herdeiro da máfia mais importante da Sicília quer fugir da tradição de família de casar e ter muitos filhinhos?

— *Vichenzo*, vou dar uma circulada. Não vou ficar ouvindo você me dando sermões como papai e nossos tios.

Meu primo deu uma gargalhada, pegou seu copo e foi para a pista dançar junto das três. Não acreditei que meu primo teve a audácia de se juntar a elas na pista de dança e para piorar, Anna estava cheia de charme para uns brutamontes que estavam perto delas.

Como o destino sempre me deu uma forcinha, fui surpreendido por Livelyn, uma deusa das passarelas e amiga de longa data.

— Quem é viva sempre aparece, não é?

Ela me abraçou e me deu um selinho. O perfume dela era de deixar qualquer pau duro.

— Lorenzo Bernardeschi, o garanhão italiano mais lindo da Sicília, que prazer ver você.

— Eu digo o mesmo a você, linda. Primeira vez na casa?

— Sim, eu estava modelando no Japão e tirei alguns dias para descansar. Meu irmão havia me falado do seu novo clube e resolvi prestigiá-lo. Só não sabia que teria a honra de encontrar você aqui.

— Deu sorte, linda, porque não venho sempre.

Ela deu um sorriso e passou a boca na borda do copo, deixando claro estar pronta para uma boa noite. Continuamos conversando amenidades e

de vez enquanto eu olhava para a encrenca. Eu havia reconhecido o brutamontes que estava se jogando para cima dela, ele era um dos atacantes do *Juventus*.

Eu não deveria ficar incomodado, mas ela me provocando deliberadamente me irritou e eu fui obrigado a ir a revanche.

Capítulo 14

Minha mãe quis me convencer a ficar em casa, mas eu não aceitei e acabamos em uma situação muito desagradável.

— Mamãe, eu me comportei com meu noivo, fiz a neta boazinha do vovô e a filhinha obediente. Agora chega, eu vou sair e pronto. Ou a senhora vai agir como meu avô e me prender neste quarto como ele fazia com a Nella?

Mal terminei de falar e senti um tapa em meu rosto. Fiquei em choque, ela nunca tinha me dado sequer uma palmada. Olhei para ela ofegante, esperando desculpas ou algo assim, mas me assustei com sua postura.

— Nunca mais me desrespeite assim, ouviu Anna? Você tem vinte anos, mas ainda dorme e come nesta casa. Nós bancamos você, então não seja ingrata com sua família que só quer o seu bem.

— Mamãe, você está falando sério? Só quero te lembrar, que tentei trabalhar na empresa do pai de Paola e vocês não deixaram. Agora joga na minha cara que me banca? É isto mesmo?

— Anna, você está passando dos limites. Seu avô tem razão quando diz que te mimei muito.

— Ah sim, agora todos tem razão e eu sou a errada, não é dona Mirella Faustino? Devo ser a mulher obediente do meu marido, como todas as mulheres da máfia são, não é isto? Você só se esqueceu de uma coisa: eu não sou elas.

Ela colocou a mão na cintura para continuar seu sermão, mas eu não estava a fim de ouvir mais nada. Olhei para ela com mágoa, peguei a chave do meu carro, minha mochila e caminhei para a porta, mas antes de sair, virei para ela e desabafei:

— Sabe mamãe, vocês não me mimaram, fizeram pior: me criaram com a ilusão do príncipe encantado e eu descobri, que príncipes não existem ou melhor: todos eles viram sapo.

— Anna, não fala assim, minha filha. Você vai ser feliz, acredite.

Eu dei uma risada amarga e me despedi.

— Vou sim, mamãe, mas do meu jeito. Como eu disse, vou sair com minhas amigas, não vou dormir em casa.

Virei as costas e desci as escadas correndo. Quando cheguei a garagem, dei de cara com meu segurança. Respirei fundo e desisti de sair dirigindo, caso contrário, Otto ficaria a noite toda na minha cola.

— Otto, me deixe na casa da Paola e depois está dispensado, vou dormir lá.

— Sim senhora, vou buscar a chave do carro. — E assim eu saí da minha casa, mentindo para meu segurança.

Quando cheguei na casa da Paola, ela estava arrumada me esperando e se assustou ao me ver com o vestido longo que usei no jantar, sem nenhuma maquiagem.

— Você não vai sair com esta roupa de freira, não é Anna?

Contei a minha amiga a briga com minha mãe e sobre ter deixado meu carro em casa. Paola coçou a cabeça, pensou um pouco e depois deu um sorriso perigoso.

—Vá se arrumar, Anna. Eu vou pedir ao Luigi para se aprontar. Quero a companhia do meu segurança esta noite.

Revirei os olhos para ela e balancei a cabeça para os lados. Paola era caso perdido. Enquanto ela desceu para infernizar a vida do pobre homem, tomei um banho antes de me arrumar.

Estava olhando para minha imagem no espelho, enquanto me recordava da briga. Meus olhos marejados denunciavam o quanto estava magoada. Passei meus dedos pelo local vermelho próximo ao meu olho direito, resultado do tapa e suspirei. A maior dor daquela agressão, não foi física e sim na alma. Eu e mamãe éramos melhores amigas, até Alessandro me sacanear e ela não ficar do meu lado.

Balancei a cabeça tentando esquecer e comecei a me maquiar.

Estava disposta a exorcizar todos os meus fantasmas naquela noite. Conhecer o famoso clube do Lorenzo, era com certeza, a coisa mais ousada que faria na minha vida, mas estava preparada para viver. Foda-se meu avô e toda a porcaria de tradições familiares.

Quando Paola voltou ao quarto com jeito de quem tinha aprontado, eu estava pronta para fazer sucesso.

— *Caspita*, acho que preciso trocar de roupa. Você está lindaaaaaaaaa, amiga.

— Para de palhaçada, você também está linda. Vamos logo, porque ainda temos que buscar a Helena.

— Então vamos, amiga. A noite será pouco para nós.

Ela me deu um abraço e quando estávamos saindo do quarto, encontramos com a mãe dela.

— Uau, vocês estão lindas. Isto tudo para a festa de aniversário da amiga?

— Claro, mamãe. Nós não podemos aparecer sem produção.

A mãe dela deu uma risada e ainda facilitou os planos da Paola.

— Não vão sozinhas. Peça ao Luigi para dirigir o carro e ficar de prontidão para vocês. Fico mais tranquila sabendo que estão com o segurança. — Paola fez um sinal de continência para a mãe e descemos rindo baixo. Minha amiga era terrível.

Quando chegamos no carro, Luigi estava sentado ao volante com uma expressão séria. Minha amiga sem juízo se sentou à frente do lado dele e eu atrás.

— Luigi, *per l' amor di Dio*, desamarra esta cara e vamos nos divertir pelo menos uma vez na vida.

— Eu sou pago para cuidar da sua segurança, senhora.

— Ahhhh me poupe, que senhora? Eu tenho vinte e um anos e você vinte e seis. Hoje não quero sair com meu segurança e sim com o Luigi. É possível?

— Senhora Paola, com todo respeito? Eu sou o seu segurança e não o seu fantoche.

— Arf homem... e quem disse que te acho fantoche? Bom, como você mesmo disse, é meu segurança, então precisa estar onde eu estou e ponto final.

Ele olhou para ela com uma feição assassina e ela piscou para mim. Ufaaa, a noite prometia.

Capítulo 15

Quando chegamos na boate, Helena e Luigi entraram de cara emburrada. Minha amiga e o segurança, acharam um absurdo a história da pulseira, mas depois de Paola quase obrigá-los, ela entrou com a verde e Luigi com a vermelha.

Nós estávamos chamando atenção por onde passávamos, três mulheres belas, com roupas sensuais e de grife caríssimas, junto a um brutamente de terno preto. Paola estava adorando rebolar em frente ao Luigi e eu me achando a mais linda de todas.

— Helena, coloque um sorriso neste rosto. Vai acabar espantando todo mundo.

— Minha cara é esta, Anna. Você que está se achando demais, meu Deus.

— Não querida, eu não estou me achando, eu tenho certeza.

Eu e Paola demos uma gargalhada e caminhamos em direção ao bar. Tomamos dois shots, tudo com o olhar de gavião do Luigi sobre nós e fomos para a pista de dança. Estava tocando uma música que eu curti muito, *Skinny* do Kaleo e enquanto eu dançava sensualizando, minha amiga se esfregava no segurança.

Alguns homens começaram a dançar perto da gente, reconheci três deles, jogadores do Juventus. O mais lindo deles, *Luca Dyn* começou a jogar seu charme para mim. O cara era bem bonito, *Dio Mio*.

Ele se aproximou dançando e sorri para ele. Estava de olhos fechados no embalo da melodia e quando dei um giro ficando de costas para ele, abri meus olhos e dei de cara com o garanhão italiano, Lorenzo Bernardeschi ao vivo e em cores.

Dei um sorriso sacana para ele e o idiota me saudou com seu copo de bebida. Eu homem que estava junto com ele, veio dançar em nossa roda e se apresentou como Vincenzo Bernardeschi, o primo do dono.

Ele se aproximou da Helena, tentando fazer contato, mas minha amiga era um bicho do mato e estava dificultando a vida do rapaz. Eu continuei dando atenção ao jogador bonito, mas de vez enquanto olhava para onde Lorenzo estava e não demorou muito para uma mulher linda se aproximar dele.

— Sabe quem ela é, Anna? — Levei um susto com Paola falando no meu ouvido.

— Caralho, que susto, Paola. Não faço a menor ideia quem é a girafa.

Minha amiga deu uma gargalhada do apelido que dei a mulher, mas ela era mesmo uma girafa, de tão alta.

— Bom *amica mia*, a girafa que está babando em cima do seu mafioso, é nada mais, nada menos, que a modelo melhor paga do mundo: Fiona Livelyn.

— Grandes merda. Este povo de moda tem mau gosto. Porque ela não é tão bonita assim.

— Você está com ciúmes, ou estou ficando louca?

— Ficando louca não, bebê. Louca você sempre foi.

Paola deu uma risada e chamou seu segurança para acompanhá-la até o banheiro. Helena me chamou para sair da pista de dança e conhecer os espaços do clube, mas eu não queria sair de onde estava. Vincenzo se prontificou a acompanhá-la.

— Eu vou com você, também não conheço o clube.

Minha amiga olhou para ele espantada.

— Como assim? Não conhece o clube do seu primo?

— Digamos que não sou tão amante das noites como Lorenzo.

Helena sorriu para ele e senti um clima rolando entre os dois.

— Pode ir, amiga. Eu vou continuar dançando.

— Eu faço questão de fazer companhia a sua amiga. — Meu jogador

deu a Helena o empurrão que faltava. Eu sorri para ele e falei em seu ouvido.

— Aliás, prazer, sou a Anna.

— Prazer é meu, *Lucca Dyn*.

— Eu sei quem você é. Meu pai é torcedor fanático do Juventus.

Ele deu um sorriso lindo, daqueles matadores, mas minha visão estava atraída por um filha da puta que estava cheio de charme para cima de uma girafa.

— Seu pai deve ser um homem inteligente.

Eu levei um susto porque por alguns segundos havia esquecido do homem ao meu lado.

— Ele é sim, inclusive, é um dos patrocinadores do clube.

— Sério? Quem é seu pai?

— César Faustino e antes que me pergunte, sim, filho de Domenico Faustino.

— Uau! Uma família poderosa.

— É, você não imagina quanto.

— Espera! Você é Anna Faustino? Noiva do Alessandro? Da BMW?

— Hoje eu sou somente a Anna. Esquece o resto.

Ele sorriu e balançou a cabeça concordando. Continuamos dançando bem próximos, senti os braços dele rodeando minha cintura, me deixando com as costas encostadas em seu abdômen perfeito.

Encarei Lorenzo com toda a minha fúria e ele beijou a girafa. Um ódio subiu no meu corpo quando vi a cena a minha frente. Não foi um beijo qualquer, mas aqueles de deixar você sem ar. Sem pensar nas consequências, me virei para o jogador bonitão e o beijei.

Quando nos soltamos, procurei Lorenzo e não o vi mais. Meu sangue ferveu. Onde aquele *puttano* se enfiou? Eu havia me ferrado, porque beijei o homem puramente para provocar o mafioso infeliz e ele sumiu.

De repente, perdi toda a graça com o jogador bonito. Para minha sorte, as luzes do palco principal se acenderam dando indícios do começo do show principal. A música foi baixando o tom e lá estava ele, Lorenzo Bernardeschi. Ele foi o anfitrião da noite recebendo o *Irama*.

— Seja bem-vindo a nossa casa, *Irama*. Preciso te contar que o povo da minha casa, diz que a música *Arrogante* foi feita na medida para mim.

Todo mundo riu e o aplaudiram. Santa bajulação. Helena, Vincenzo, Paola e Luigi vieram para onde estávamos. O show começou e a animação foi geral. Eu não tinha como negar: a organização estava perfeita. Luzes, bailarinas e efeitos visuais impactantes. Eu fiquei tão impressionada, que o primo dele comentou comigo.

— Lorenzo é como Midas, tudo que coloca a mão vira ouro, Anna.

Senti um duplo sentido na fala dele, mas preferi só sorrir e concordar com a cabeça. Lucca estava ao meu lado, as vezes trocávamos alguns beijos. Ele era lindo, beijava bem, mas não estava satisfazendo meus desejos. Briguei comigo mesmo em pensamento:

“Que merda, Anna! Se orienta. Aproveita a noite e esquece o mafioso”.

Resolvi beber mais uns shots de tequila para ver se conseguia melhorar meu humor. Bastou aumentar o nível do álcool para eu me soltar e dançar como senão houvesse amanhã. Estava soltinha nos braços do jogador, quando Lorenzo se aproximou e falou com seu primo.

— *Vichenzo*, vou esperar o leilão e depois vou sair com a Fiona.

— Sem problema, primo, volto com meu segurança.

A girafa estava sorridente ao lado dele, o filha da puta me ignorou, como se eu não existisse e foi naquela hora que uma ideia maluca surgiu em minha mente. Eu queria ver até que ponto ele seria capaz de fingir minha existência.

— Paulo, no leilão, quero ver quantos euros você está disposto a investir nas causas sociais.

— Causas sociais? Não sabia que este leilão tinha uma causa social

— Eu me informei sobre o leilão desta noite e parece que eles vão enviar toda a renda para os abrigos de crianças e idosos.

— Sendo assim gata estou disposto a investir um bom dinheiro em causas sociais. — Falou e deu uma piscadinha para mim deixando claro ter entendido minha jogada.

A sorte estava lançada.

Capítulo 16

Eu não estava disposto a aceitar a provocação da senhorita encrenca. Eu gostava de jogos mais perigosos e não de provocações imaturas. Fiona embarcaria para o Japão no outro dia, então resolvi passar uma noite com ela para recordar os velhos tempos.

Meu primo estava na rodinha onde a encrenqueira se encontrava, mas eu precisava falar com ele. Como se ela não existisse, me aproximei do grupo e dei meu recado a Vincenzo. Enquanto eu falava com ele, ela rebojava de forma sensual, mas me mantive firme e a ignorei.

Sai de perto do grupo e levei Sofia para o meu camarote. Apesar de ter me mantido firme, meu sangue ferveu vendo a senhorita encrenca se esfregando no atacante bonitão, mas como dizia o ditado, *“a vingança era um prato para se comer frio e eu ia me vingar”*.

Troquei uns beijos quentes com Fiona, dançamos abraçados, enquanto Irama continuava seu show. Quando sua bunda magra rebolou em meu pau, foi inevitável não me recordar da Senhorita Encrenca. Ela tinha carne e eu apreciava uma mulher que enchia meus braços.

No intervalo do show, ouvimos o anúncio do leilão daquela noite.

“Mulheres, homens e LGBTQI+, todos podem se inscrever para nosso momento diversão mais esperado da noite, ainda dá tempo. Lembrando que toda renda arrecada será destinada aos abrigos de crianças e idosos. Dentro de meia hora iniciaremos nosso leilão beneficente”.

— Lorenzo, estes leilões têm dado certo? Achei a ideia genial, mas confesso achar estranho leiloar pessoas.

— Linda, o ser humano é por essência competitivo e quando junta o tema a ajudar crianças e velhinhos, todos querem participar. E quanto a dar certo, a regra é clara: quando anunciamos as pessoas, informamos quais são as permissões dela para a noite.

— Quero assistir este leilão, achei interessante. — Ela terminou de falar e se concentrou no palco onde o show reiniciou.

Depois de dançarmos abraçados quatro músicas, o show foi encerrado e Frederico entrou no palco para anunciar o leilão do prazer. Ele explicou o procedimento e disse sobre dez pessoas inscritas e fez todo o marketing em cima delas.

Começou o leilão com uma garota linda, de vinte e cinco anos, disponível para uma noite de muito sexo. Ela aceitava dois homens, então o primeiro lance dela começou bem alto. A loira bonita foi disputada por dois homens, um ator famoso e um empresário. No fim o famoso das novelas italianas levou a garota.

Todas as pessoas foram disputadas, algumas de formas mais acirradas. Quando pensei ter terminado, Frederico anunciou a última garota da noite.

— A nossa última cereja da noite, é uma belíssima *ragazza* que apesar de não ser mais virgem, segundo ela, não teve sequer uma noite de prazer. Pelo jeito o homem não soube levar a garota às estrelas. A única exigência da *bambina*, conforme palavras dela mesma: “*estar com um garanhão que saiba foder gostoso*”.

A plateia foi ao delírio, mas alguma coisa na fala do meu gerente me deixou alerta. Quando ele anunciou a garota ao palco, eu senti meu coração quase parar.

— Com vocês, Senhorita Encrenca e o lance inicial dela é 50 mil euros.

Eu não consegui acreditar quando ela entrou no palco, olhou para cima onde estava o camarote vip e me olhou com desdém. A filha da puta ainda disse que o homem que esteve com ela não soube dar prazer?

Meu ódio subiu a nível hard, quando os jogadores do Juventus começaram a dar lances nela e o babaca do *Lucca Dyn* rindo e cobrindo todos. Não consegui me segurar e me desculpei com Fiona.

— Linda, me desculpe, mas não posso deixar aquela maluca continuar esta palhaçada.

Ela sorriu e não me impediu. Fiona era uma mulher independente e bem resolvida.

— Percebi um clima entre vocês, vai lá bonitão, resolve seu problema com a *ragazza*.

Eu dei um beijo na testa dela e desci feito um louco as escadas da área de camarote. Quando cheguei em frente ao palco, Frederico bateu o martelo.

— Duzentos e vinte mil euros, dou-lhe uma ... — Eu não ia deixar um pirralho, jogador de futebol levar a Senhorita Encrenca.

— Trezentos mil!!!

As pessoas levaram um susto ao me ver. Eu nunca tinha participado de nenhum leilão e a maioria sabia quem eu era. O jogador me encarou e teve a coragem de me provocar.

— Trezentos e um mil!

A Senhorita Encrenca estufou o peito, passou a língua pelos lábios e depois os mordeu. Meu pau estava pronto para ela. Raiva e tesão juntos, estes eram meus sentimentos.

Encarei o playboy com um olhar assassino e o desafiei.

— Quatrocentos mil!!!

Ele me olhou assustado, balançou a cabeça para o lado e saiu da frente do palco deixando claro minha vitória. As amigas da garota me olhavam assustadas e meu primo dava uma crise de riso.

— *Dio mio*, temos o maior lance da história. Lorenzo Bernardeschi, nosso anfitrião deu o lance de quatrocentos mil euros pela Senhorita Encrenca!!! Minha gente, as crianças e os velhinhos ficarão muito felizes com esta arrecadação. A *Senza Censure* agradece a todos e todas que nos prestigiaram neste leilão. Aguardamos vocês no próximo.

Estufei meu peito, cheguei próximo das amigas dela e dei meu recado.

— Não esperem por sua amiga, ela vai passar a noite comigo. Eu paguei por ela.

Eu sabia o quanto minha fala tinha saído horrível, mas eu estava com

ódio dela ter me afrontado, ainda mais no meu clube. Respirei fundo e saí de perto deles sem me despedir de ninguém.

Subi até o palco para buscar o meu prêmio. A Senhorita Encrenca não sabia com quem estava brincando. Ela queria foder, ela ia, mas do jeito Lorenzo Bernardeschi.

Capítulo 17

Quando contei as minhas amigas sobre ter me inscrito para o leilão, elas me acharam doidas. Até a Paola, a mais louca de todas, me recriminou.

— Anna, você é louca? E se um *vecchio* ganhar?

Dei uma gargalhada, eu sabia o que estava fazendo.

— Paola, estou apostando alto e eu não aposto para perder. Relaxa, eu sei quem vai me comprar.

O primo do Lorenzo começou a rir e acalmou a Helena que estava em tempo de ter um ataque de nervos. Ser filha de um juiz travava minha amiga, o pai dela era muito rígido e ela morria de medo de tudo.

— Eu conheço meu primo, Helena. Pode ficar tranquila, ele não perde para ninguém quando o assunto é mulher.

O meu parceiro da noite ouviu a conversa toda e depois alimentou meu ego.

— Sinto em informá-lo, mas desta vez seu primo vai perder. O maior lance será o meu.

— *Amico*, você pode entender de futebol, mas acredite, fora do campo ninguém vence Lorenzo Bernardeschi.

— Vamos ver então, *amico*.

Adorei a provocação entre eles. O segurança da Paola me olhava como se estivesse vendo *uma puttana*, mas eu não estava preocupada com os julgamentos dele. Ele deveria se preocupar com a Paola e não comigo.

Dei um beijinho nelas e fui para o camarim atrás do palco esperar a minha vez de ser chamada. Meu coração estava disparado e meu peito subindo e descendo. Eu sabia que estava fazendo uma loucura, principalmente, correndo o risco de ser vista por algum amigo do meu noivo. Porém, eu havia ligado o foda-se para tudo e me jogando na vida.

Quando chegou minha vez, minhas pernas mal davam conta de

sustentar meu corpo. Foi difícil chegar ao palco, mas tudo valeu a pena quando chegamos ao último lance do jogador e vi Lorenzo com aquela expressão assassina me reivindicando para ele. No fundo aquele era o resultado esperado por mim.

Saí do palco para o local onde eram feitos os acertos, como Lorenzo era o dono da porra toda, não precisei aguardar muito tempo. De longe eu o vi se aproximando com seu andar seguro de si. Apesar dele ser um poço de arrogância, era lindo e gostoso.

Eu o encarei sem perder o contato por nenhum minuto. Queria deixar claro para ele, que eu decidia quando e como Lorenzo Bernardeschi colocaria a mão em mim. Da primeira vez foi escolha minha e da segunda, eu o induzi, mas também foi decisão minha.

Homens como ele eram acostumados a ter milhões de mulheres se jogando em cima deles. Quando ele me esnobou, a ideia de provocá-lo participando do leilão e dando a descrição perfeita para deixá-lo louco, surgiu cristalina como água. Eu apostei alto, porque a senhorita girafa estava com o prêmio na mão, mas eu era Anna Faustino e não gostava de perder.

Quando ele chegou ao meu lado, respirou fundo e falou com o tal Frederico.

— Quantas instituições estamos ajudando?

— São três acolhimentos de idosos e um acolhimento de criança e adolescente.

— Peça ao meu contador para fazer o depósito de cem mil em cada uma delas.

— Deixa comigo, Lorenzo, vou providenciar tudo.

— Você garota, vem comigo. — Ele segurou minha mão e saiu me arrastando.

Eu o segui andando devagar, no meu ritmo. Estava adorando perceber o quanto meu ato o descontrolou. Não sei explicar o motivo, mas irritar aquele homem estava se tornando meu maior passatempo.

Não fazia ideia do lugar para o qual ele estava me levando. A

princípio pensei que iríamos para uma suíte no próprio clube, mas quando ele abriu uma porta com senha, saímos em uma área externa onde uma Ferrari estava brilhando. Ele acionou o controle na sua chave, a porta abriu para cima e ele me empurrou para dentro do carro.

Quando ele se sentou do outro lado, resolvi abrir a boca e provocá-lo.

— O poderoso herdeiro da máfia pode me dizer para onde está me levando?

— Anna...

— Uauuuu, aprendeu meu nome, garanhão?

— Não força a barra. Estou em controlando para não perder a cabeça com você.

— E vai fazer o quê, poderoso herdeiro da máfia?

— Eu posso te matar e enviar os pedacinhos para seu avô, o que acha?

— Me mata, garanhão. Pode me matar. Vai, me mate, Lorenzo Bernardeschi.

— Não brinca comigo, garota. Eu não sou como os meninos dos quais você está acostumada.

— Nossaaaa... É para ficar com medo?

Ele acelerou o carro feito um louco. O velocímetro da Ferrari foi avançando o ponteiro para uma velocidade absurda. Encostei minha cabeça no banco do carro, respirei fundo e resolvi esperar onde aquele maluco iria me levar.

Depois de uns dez minutos de manobras exageradas, ele entrou em uma rua pequena e parou em frente a uma entrada enorme e suntuosa. Ele piscou o farol do carro e as duas partes do portão preto se abriram. Ele levou o carro por um caminho longo de pedras e depois de uma curva, uma casa de vidro com vigas pretas, apareceu em nossa frente.

— Uau!!! — Olhei para ele, que continuava com um vinco na testa.

Ele abriu as portas do carro. — Que lugar é este?

— Você está diante do meu canto secreto. Privilégio para poucos, Senhorita Encrenca.

— Arf, voltamos a este apelido idiota?

— Ele é perfeito para você.

O babaca saiu do carro e saiu andando na frente, me deixando dentro do carro.

— Você vai me largar aqui?

— Use suas pernas e me siga.

— Cadê seu cavalheirismo, garanhão?

— Só uso com damas, mulheres que se vendem em leilões sabem se virar sozinhas.

Abri a boca para xingá-lo, mas levei o maior susto da minha vida, quando um rottweiler começou a rosnar do meu lado. Sem me mover eu falei um pouco mais alto que deveria.

— Lorenzo, este cachorro vai me morder.

O cachorro avançou para cima de mim colocando suas patas em cima das minhas pernas e continuou rosnando em meu rosto.

— Lyra, venha aqui, você pode passar mal se a morder.

Como em um passe de mágica, a fera saiu de cima de mim e correu para perto do dono. Eu levei um susto tão grande, que comecei a tremer da cabeça aos pés. Respirei fundo umas três vezes antes de sair do carro.

O idiota estava parado na porta que ficava no fim de oito degraus iluminados. Olhei para ele com ódio, minha vontade era virar as costas e ir embora, mas ele havia perdido uma alta quantia para me ter e eu não costumava fugir dos meus desafios.

Lorenzo não sabia com quem estava mexendo.

Capítulo 18

A Senhorita Encrenca caiu na besteira de permanecer no meu carro. Aquele era o gatilho para Lyra avançar, mas ela era adestrada e só atacava alguém em duas hipóteses: se eu mandasse, ou se alguém me atacasse. Deixei-a assustá-la e depois a chamei para meu lado.

Eu não estava disposto a ser carinhoso, pelo contrário, eu queria mostrar a ela do que Lorenzo era capaz. Depois do susto com minha mascote, ela subiu as escadas atrás de mim tentando disfarçar, mas estava branca como vela.

— Deveria ter me avisado sobre esta fera, não é?

Dei uma gargalhada, passei a mão na cabeça da minha cadela e debochei da garota.

— Ela é a cadela mais fiel que conheço.

Ela revirou os olhos para mim. Fingi não ver, segurei a mão dela e saí a arrastando para o meu covil do lobo. Meu quarto do prazer.

— Você pensa que pode comigo, Senhorita Encrenca?

— Anna. O meu nome é Anna.

Dei uma gargalhada sarcástica.

— Não. Eu ouvi bem o nome anunciado no leilão e foi: Senhorita Encrenca.

Ela abriu a boca atrevida para responder, mas eu avancei para cima dela e a beijei. Naquela noite não teria romantismo, era sexo. Duro, selvagem e rude. Eu fiquei puto com a história da primeira vez ruim, sem prazer. Ela tentou não se entregar, mas eu a forcei, até senti-la amolecendo em meus braços.

Naquela casa, não havia espaço para pudor ou amor, ali era o meu lugar de sexo hardcore. Eu estava tentando controlar minha vontade de carregá-la e levar para o quarto, mas antes testaria os limites dela.

Aquela garota abusada, precisava saber que não estava lidando com um juvenil, mas com um homem. A soltei sem nenhum cuidado e ela quase caiu no chão.

— Grosso...

— Sim, sou mais grosso que imagina.

— Meu Deus! Como você é ridículo e convencido.

Dei uma risada, sentei-me no sofá de couro branco e dei a ordem:

— Chega de assunto, tira a roupa.

— Oi? Tirar a roupa está? Aqui? Você só pode estar louco.

— Não, Senhorita Encrenca, eu não estou louco. Eu dei o maior lance e estou com o seu documento de inscrição do leilão. Vou precisar ler para você?

Ela me olhou com ódio e eu dei um sorriso vitorioso. Ela havia escrito com todas as letras: estou à disposição do homem que der o maior lance. A infeliz achou que o playboy do futebol ia levá-la, ela só se esqueceu que era um leilão e leilões, quem paga mais leva. Ela se abaixou para tirar a bota e eu intervi.

— Eu pedi para você retirar a roupa e não a bota.

Ela puxou o ar com força e começou tirar peça por peça, devagar. Por fim, ficou vestida com uma calcinha preta e um top da mesma cor.

— Tudo. Eu quero você nua, Senhorita Encrenca.

As bochechas dela ficaram vermelhas, ela respirou fundo e fez um pedido.

— Não tem nada para beber nesta casa, Garanhão?

— Tem sim, mas você não vai beber. Quero você muito consciente para o que pretendo fazer.

— Vai me matar, Lorenzo?

— Quem sabe? Eu tenho várias definições para a morte. Você vai

entender, que aquilo que não provoca sua morte, te faz mais forte. Algumas vezes, morremos, mesmo estando vivos.

— Nossa, deu para filosofar agora?

— Você ainda não viu nada, Senhorita Encrenca.

— Anna, meu Deus! ANNA...

— Chega, cala a boca e tira a porra do resto de sua roupa.

Ela bufou e tirou tudo. Respirei fundo para disfarçar o quanto ela mexia com meu pau, porque a diaba era linda e gostosa para caralho. Ela tinha poucos pelos e seus peitos era um convite para minha boca, mas naquela noite ela ia implorar para gozar. Eu ia mostrar a ela como era a quase morte.

Eu me levantei do sofá, fui até ela que estava em pé no meio da sala somente com sua bota de salto alto e fiz como um cão que fareja sua caça. Cheirei o pescoço dela, mordi de leve seu ombro e quando fiquei atrás dela, retirei meu cinto e preendi as mãos dela.

— Estou vendo que gosta de controle, Lorenzo Bernardeschi.

— Você não imagina quanto, Encrenca.

Eu a empurrei devagar para o sofá, a fazendo se sentar e encostar sobre seus braços presos. Ela me olhou com seu jeito atrevido, eu sentia o medo em sua respiração, mas ela era muito orgulhosa para ceder.

— Não tenho medo de você, seu mafioso de merda.

Eu passei a língua em seu mamilo, a pele dela arrepiou, olhei em seus olhos e disse entredentes:

— Deveria ter, Senhorita Encrenca.

Ela puxou o ar com dificuldades, seus olhos mostravam ansiedade pela antecipação. Anna parecia uma pintura sobre o meu sofá. Rosto de boneca, com jeito bravo, corpo perfeito e cabelos longos sobre seus ombros, era uma mistura perigosa.

Para organizar e acalmar meus desejos, me levantei, fui até meu baú

que estava ao lado do meu bar, retirei de lá uma venda, prendedores de mamilo e coloquei no bolso. Depois peguei um suporte para os pés. Era um afastador, com uma correia em cada ponta.

Aproveitei para me servir com uísque e gelo, o cubo gelado tinha a função de esfriar e causar muito prazer no corpo dela. Voltei para perto dela com todos meus apetrechos, ela me olhou assustada e eu apenas mantive meu olhar sobre ela, como uma águia.

— Você disse que não sentiu prazer, não foi? Vou te mostrar como se faz para calar a boca de uma mulher atrevida.

— Não senti mesmo, como eu disse: você não é tudo o que pensa.

Eu dei uma risada e sem ela esperar, peguei seu pé direito, retirei a bota e passei a correia no tornozelo afivelando apertado. Abri o afastador o máximo possível, mas tomando cuidado para não a machucar, depois prendi no outro pé. Ver o brilho no sexo dela, deixou claro que ela estava molhada, ótimo para meu propósito.

De forma lenta, comecei a beijar sua canela e fui subindo devagar até a coxa. Ela estava ofegante, mas sem possibilidade de se mexer. Quando estava com a boca quase em seu sexo, parei, peguei o copo e virei um pouco do uísque na boca, ficando com o gelo na língua.

Levantei a cabeça, olhei para ela que me encarou puxando o ar pelo nariz, como uma fera presa. Passei a língua gelada por sua rachadura e ela gemeu alto. Eu comecei a lamber de baixo para cima e depois suguei seu clitóris, revezando língua e gelo. Ela começou a gemer descontrolada e quando eu percebi que ela ia gozar, eu parei.

— Filha da puta, por que parou?

— Porque eu posso. Estava gostando? — Ela balançou a cabeça de forma positiva, eu sorri e dei a ela a opção de continuar. — Peça.

— Pedir o quê?

— Para eu continuar a te dar prazer.

— Vai se foder, Lorenzo.

Dei uma gargalhada.

— Não Encrenca, eu vou te foder.

— Peça.

— Não.

— Tudo bem, eu tenho tempo.

Com a calma do mundo, me sentei no sofá e fiquei observando-a tentar respirar. Peguei os dois prendedores no bolso, eles imitavam joias, depois puxei os ombros dela, ajeitando seu corpo ao meu lado.

— Sabe, você vai ficar linda com estas joias.

O olhar dela para mim foi de espanto.

— Você não vai colocar isto em mim.

Eu dei uma risada.

— Vou e vai gostar. Será uma dor boa. Respire fundo e prenda a respiração.

Não esperei ela me responder, beijei o seio dela, depois dei leve mordidas em seu mamilo e a chupei. Enquanto uma boca trabalhava em um, meus dedos apertavam o outro. Quando ela voltou a gemer sem controle, eu parei e coloquei o primeiro prendedor nela.

— Filha da puta, isto dói.

— Faça o que mandei e você vai gostar.

Dei um beijo nela para ela se distrair e enquanto nossas línguas se emaranhavam, eu coloquei o outro.

Ela gemeu em minha boca e eu desci minha mão para sua boceta. Meu dedo brincou com seu clitóris, eu fui a empurrando para se deitar no sofá e quando ela estava quase em êxtase, eu retirei a mão. Enquanto ela se retorcia no sofá, eu me levantei e comecei a tirar minha roupa devagar.

Os olhos dela estavam brilhando, mas ela estava irada, puxando o ar

com dificuldade. Eu sorri vendo a frustração dela por eu não a deixar gozar. Depois que eu estava nu, fui até ela, retirei o espaçador para não machucar a perna dela e a levantei.

— Vamos para o quarto. — Eu a levantei pelo ombro, tirei o cinto de seus braços e segurei a mão dela. Ela me olhou sem entender — Fica no segundo andar.

Ela mordeu os lábios, seu peito subia e descia, eu vi dúvida em seu olhar.

— Vou te mostrar como é ter prazer com um homem de verdade, Senhorita Encrenca.

Dei um tapa estalado na sua bunda, ela não se moveu, então a coloquei nos ombros e subi as escadas com ela reclamando e socando minhas costas.

Capítulo 19

— Me coloca no chão, seu ogro. — O infeliz ainda deu uma gargalhada e outro tapa na minha bunda.

Eu não acreditei quando ele me jogou nos ombros como se faz com uma carga pesada. Aquela noite estava surreal, começando pelo ataque da cadelinha gigante e feroz.

Quando me inscrevi no leilão, estava certa do maior lance ser do jogador gostosão e eu ia esfregá-lo na cara daquele mafioso filha da *puttana*. Minha intenção era mostrar para ele que outro terminaria o serviço dele, mas eu nunca imaginei presenciar a disputa de ego entre eles. Aliás, no caso, disputaram quem tinha a maior conta.

Enquanto ele subia a escada comigo, comecei a sentir medo. E se ele me matasse de verdade? Nossas famílias são inimigas mortais e eu fui irresponsável de confiar nele. Lorenzo estava me levando ao limite vivenciando tantas sensações, as ondas de prazer ainda estavam me causando calafrios, mas o babaca, queria se vingar.

Ele abriu uma porta preta, pesada e eu me deparei com um quarto onde havia uma cama dossel bem ao meio. Sem nenhum cuidado, o idiota me jogou no colchão. Eu não me machuquei, mas gritei com ele para despejar minha fúria e frustração.

— Qual é seu problema, Lorenzo Bernardeschi? Por que precisa ser grosso desde jeito?

Sem me dar uma resposta, ele foi até uma cômoda, abriu a gaveta e depois virou em minha direção com um jeito furioso. Parou ao lado da cama, colocou a camisinha em seu membro enorme, sem perder o contato visual comigo.

A atmosfera estava pesada entre nós dois. Ele colocando o preservativo com cara de mau, era um tesão, mas ele demonstrava algo perturbador em seu olhar. Lorenzo ajoelhou no colchão e depois se deitou em cima de mim, com uma mão de cada lado do meu corpo, se mantendo

suspense. Ele puxou o ar com força e de um jeito furioso esbravejou próximo a minha boca:

— Para começar, você não deveria estar aqui. Nós somos como a história de Shakespeare, Anna, com uma diferença: o Romeu era cuidadoso, apaixonado e a Julieta era doce como mel. Eu não sou cuidadoso e muito menos cedo a paixões. E você, Senhorita Encrenca, não tem nenhuma doçura.

Abri a boca para reclamar, mas fui tomada por lábios impetuosos, sem carinho. Sua língua me reivindicou como se quisesse tomar meu ar e seus dedos me profanavam sem nenhum pudor.

Meu ventre começou a ondular em vida própria, senti como se fosse esfalecer, tamanha a sensação inexplicável que tomava conta de mim. Foi intenso, turbulento, me deixando sem ar, até de repente eu sentir como se tudo estivesse explodindo ao meu redor. Meu corpo se afundou em um mar revolto, sendo jogado para várias direções.

Lorenzo me segurou com força e sussurrou em meu ouvido:

— Há muitas formas de quase morte, Anna e esta é uma delas.

Sem avisar senti o seu membro entrando em mim como se fosse me partir ao meio. Era uma sensação de prazer, dor, desejo, tudo ao mesmo tempo. Aquele era um ato lascivo, sem reservas, de entrega. Eu gemia e tentava falar algo, mas palavras desconexas saíam da minha boca.

Lorenzo movimentava-se com força, alternando beijos e mordidas no bico do meu peito. Quando eu imaginei que pudesse acabar, ele saiu de mim, me virou de costas e voltou a tomar meu corpo. Ele enrolou meus cabelos em sua mão e o puxou para trás, me deixando cativa de seus movimentos bruscos e vivos.

De repente, senti uma das mãos dele apertando meu pescoço, como se fosse me asfixiar. Ele pressionava me deixando quase sem ar e soltava um pouco. Aquela agonia junto a insuficiente quantidade de ar, me envolveu em uma nuvem avassaladora de prazer. Era desejo, tesão e medo, pânico de estar entregue e vulnerável.

— Lorenzo... eu não consigo respirar...

— Calma, eu sei o que estou fazendo. Você está respirando, concentre-se em seu corpo, anule o medo e vai sentir tudo que posso te dar.

Balancei a cabeça concordando, continuei tentando puxar o ar pelo pouco tempo que eu tinha entre uma asfixia e outra. Comecei a sentir uma força poderosa invadindo meu baixo ventre, com uma sensação de preenchimento pelo membro dele, junto ao impulso de sobrevivência. Estava extasiada e quando menos esperei, fui tomada por uma queda livre em um abismo sem volta.

— Lorenzooooooooo, meu Deus, me seguraaaa... eu vou cair...

— Você está em meus braços, goze para mim, Senhorita Encrenca.

O comando dele me deixou louca. Gritei por ele, gemi, lágrimas desciam pelo meu rosto, meu corpo rebojava para se aliviar e por fim, caí sem forças no colchão, com ele em cima das minhas costas liberando o seu gozo.

Permanecemos abraçados, molhados de suor, nossas respirações ofegantes, estavam sincronizadas. Minha cabeça estava uma bagunça só. O que foi aquilo? Meu Deus, nunca pensei ser possível as sensações as quais eu senti.

Depois de alguns minutos, ele se levantou sem falar uma palavra e saiu pela porta onde entramos. Eu não tinha forças para nada e resolvi esperar o próximo movimento dele. Na verdade, não sabia como agir, porque entre nós dois, nada foi combinado ou conversado, tudo sempre foi na insanidade.

Estava perdida ainda sentindo meu corpo em espasmos, quando ele voltou vestido e segurando minhas roupas, bolsa e bota.

— Se vista, Anna. Vou te levar para casa.

Virou as costas e voltou a sair do quarto. Meu Deus, que homem doido. E de repente eu não era mais a Senhorita Encrenca, eu era só a: Anna.

Saí da cama ofendida, com vontade de chorar, mas puxei o ar pelo nariz e falei comigo mesma:

— Para a palhaçada. Você não é mais a noivinha romântica do Alessandro. A trepada foi ótima e acabou, simples assim.

Meu pensamento traidor me fez uma pergunta:
Será?

Capítulo 20

Deu tudo errado. Que porra foi aquela? Eu caí em uma emboscada? Não, de jeito nenhum. Não sou o caralho de um adolescente que se apaixona fácil. Além de tudo, a mulher era uma Faustino. Um envolvimento com ela poderia causar uma guerra entre as famílias simpáticas a nós.

— Caralho, Lorenzo Bernardeschi, onde estava com a cabeça?
Caspita.

Passei a mão diversas veze no meu cabelo e quando olhei para o aparador, percebi meu celular piscando. Eu me levantei e busquei o aparelho. Tinha cinco mensagens do Vincenzo e uma do Luciano. Pensei em não ler, mas a fidelidade a família, sempre vencia.

Abri as do meu primo Vincenzo primeiro.

“Cara, cuidado. Esta mulher é linda do caralho, mas é uma Faustino”.

“Lorenzo, per l’amor di Dio, giudizio.”

Juízo? Eu perdi no dia em que levei aquela louca para meu escritório. Coitado do meu primo, estava apavorado comigo. Ele era mesmo um verdadeiro, nerd.

“O segurança da amiga, está em tempo de enlouquecer porque você saiu com a garota.”

“Pelo seu sumiço, já vi que não adianta mais.”

“A ragazza fez você perder a cabeça.”

Respirei fundo, alonguei meu pescoço para os dois lados. Depois resolvi ler a mensagem do primo Luciano.

“Lorenzo, me atende, porra, preciso falar com você.”

Só então vi três ligações perdidas dele. Olhei a hora e estávamos no meio da madrugada, ele havia me ligado no início da noite, então não adiantava mais retornar.

Enquanto ela demorava se vestindo no meu quarto, me servi com uma dose dupla de uísque e bebi de uma vez, para queimar mesmo a garganta. Trinta e quatro anos nas costas e fiquei idiota? Aliás, eu estava brincando com fogo.

Nunca gostei de me meter com garotas novas, elas eram cheias de sonhos e aspirações. Quando a Encrenca invadiu minha boate e se entregou feito uma louca sem reservas, eu deveria saber que ela era a verdadeira expressão: chave de cadeia.

A porra do meu instinto competitivo me levou para uma cilada e eu acabei me enforcando. A garota era deliciosa e viciante. Quando comecei levá-la ao limite com minhas técnicas de asfixia e ela não me impediu, foi um êxtase total.

Sou vivido, já fiz muita loucura na vida em verdadeiras orgias com mais de cinco mulheres e eu o único macho as satisfazendo, mas naquele quarto, aconteceu alguma merda diferente. Por isto, mandei ela se vestir, sem nenhum zelo, fazendo questão de ser o *puttano* que ela tanto dizia.

Comecei a ficar preocupado, ela estava demorando além do normal. Quando pensei em subir para descobrir o motivo de tanta demora, fui surpreendido pelo barulho de um carro e da minha cachorra latindo.

Eu devo ter esquecido de fechar a porra do portão principal quando entrei, mas como os seguranças deixaram o carro entrar? Peguei minha arma que estava na gaveta do aparador e a coloquei nas minhas costas, prendendo-a no cóis da minha calça.

Quando estava indo em direção da porta, ouvi o barulho da bota dela descendo as escadas e me levantei. Ela passou por mim altiva, com o nariz empinado, sem me olhar nos olhos. Ameacei segui-la, mas ela se virou e me surpreendeu.

— Segura esta sua cachorra, porque eu vou passar e se ela me morder, juro que a mato. Não preciso de sua carona, até nunca mais, Lorenzo Bernardeschi.

Ela fez questão de falar meu nome com nojo, abriu a porta e desceu as escadas correndo em direção a um táxi parado em minha porta. Minha

cachorra permaneceu atenta me olhando e eu fiz sinal para ela vir para o meu lado.

Sem reação. Este foi o meu estado ao ver a maluca entrando no táxi e saindo. Mulher odiosa. Meu Deus, atrevida e corajosa. Voltei para dentro da casa possesso de raiva.

Minha intenção era voltar para casa dos meus pais, mas resolvi ficar na casa de vidro. Antes interfonei para a guarita que ficava na recepção do portão, estava puto querendo entender como o táxi entrou.

— Bento, quem autorizou o táxi entrar?

Ele demorou a responder e eu sabia que a resposta ia me deixar possesso. Dei folga para o Silvano e resolvi quebrar as regras do meu pai e sair sem guarda-costas.

— Desculpe-me, senhor, mas o taxista disse que o senhor havia chamado. Disse com todas as letras: o senhor Lorenzo Bernardeschi chamou um táxi para levar a senhorita Anna para casa.

— Meu nome é conhecido, Bento. E se fosse uma emboscada?

— Senhor, me desculpe, mas vi o senhor entrando com a garota.

Respirei fundo e terminei aquela conversa.

— Está bem, Bento. Você está proibido de deixar qualquer pessoa entrar sem falar comigo. Entendeu?

— Sim, senhor, me desculpe.

Muita incompetência meu Deus, comecei a andar de um lado para o outro feito um touro preso. Como ela teve coragem de me desafiar daquele jeito? Ainda enganou meu segurança?

— Ahhh, não vai ficar assim, vai ter troco, Senhorita Encrenca.

Capítulo 21

Quando comecei a vestir minha roupa, uma ideia veio a minha cabeça. Eu não ia aceitar ser levada por ele como um produto que se usa e não quer mais. Acabei me lembrando do taxista acostumado a salvar Paola. Mandeí mensagem para ela e foi difícil fazer ela me dar o número sem maiores explicações.

Todo o desprezo que ele me deu, foi esquecido quando vi o quanto minha atitude o deixou irado. Entrei no carro do taxista e precisei me conter para não ter uma crise de riso. Adorei ver como nocauteei o babaca em cheio. Ele precisava aprender que eu não era as trouxas que se jogavam aos pés dele.

Minhas amigas haviam voltado para casa da Paola, eu não podia chegar na mansão Faustino naquela hora da noite e vestida daquele jeito. Seria perigoso meu avô mandar seus homens me torturar. No caminhão avisei minha amiga que estava chegando para ela me esperar no portão.

Quando cheguei na entrada, me deparei com Luigi de cara feia, com Paola pendurada no braço dele.

— Micaaaaaa, pensei não te ver tão cedo, afinal de contas estava com aquele Deus do Sexo.

Luigi olhou para ela e não deu conta de ficar calado.

— Vocês ainda vão me deixar louco. Vou pedir conta. É a melhor coisa a fazer.

Minha amiga sem nenhum pudor, deu um beijo na boca do homem. Ele ficou vermelho, não sei se foi de raiva ou de vergonha. Depois ela o largou, segurou minha mão e saiu me arrastando para dentro da casa.

Quando chegamos no quarto, Helena estava deitada com seu pijama cheio de desenhos de gatinhos, minha amiga amava os felinos, lendo no kindle. Paola, claro, estava vestida com um pijaminha indecente. Bastou ela fechar a porta, para começar o interrogatório.

— São muitas perguntas, mas antes quero saber por que está em casa tão cedo?

— Vou contar tudo o que aconteceu, para chegar a sua resposta, mas antes quero saber como foi a noite de vocês.

Helena se sentou na cama e com seu jeito sério começou a falar.

— Depois que o mafioso saiu te arrastando, o segurança da Paola surtou e queria ir atrás do homem.

— Como assim? Luigi está ficando muito territorial, Paola.

Minha amiga deu uma gargalhada, mas Helena continuou em tom de reclamação.

— Pois é, mas a amiga aí sumiu com ele, não sei para onde e eu fui obrigada a ficar sozinha com o primo do seu mafioso.

Paola deu outra gargalhada e implicou com ela:

— Claro, ficar sozinha com *Vichenzo Bernardeschi*, é um castigo, não é?

Helena jogou uma almofada nela e justificou.

— Meninas, vocês não entendem, não é? Se meu pai descobre que sua filhinha única está em um clube de sexo e ainda junto com um mafioso, é perigoso me mandar para um convento.

Paola caiu na gargalhada e eu acabei rindo da carinha desesperada da Helena, mas minha amiga terrível, não perdeu tempo e a entregou.

— Engraçado, Anna, que a Helena não se lembrou do pai dela quando estava atracada aos beijos com o bonitão mafioso.

— Eu não estava atracada com ninguém, aquele atrevido me beijou. E você? Não vai contar que arrastou seu segurança para uma das suítes?

Meus olhos quase saíram da órbita ao descobrir que a maluca tinha transado com o segurança dela.

— Paola, você é louca. Vai acabar fazendo o rapaz perder o emprego.

Ela deu uma risada e deu sua resposta abusada.

— Fica tranquila, amiga, está tudo no controle. Agora chega de blá blá e nos conte o que aconteceu.

— Vou contar tudo, mas com uma condição.

— Ahhhh pronto, lá vem. Qual a condição, donzela?

— Vocês vão ouvir caladas. Perguntas permitidas somente no final. Combinado?

As duas balançaram a cabeça concordando e eu comecei a contar minha louca noite. Enquanto eu descrevia os acontecimentos malucos da minha noite, Paola vibrava e Helena se chocava. Era muito engraçado como ela era diferente de nós duas, mas éramos amigas desde criança e nos amávamos muito. Quando terminei, as liberei para falar.

— Agora vocês podem fazer perguntas.

— Pela Virgem Santa, Anna! Você acaba de ganhar o troféu de mais foda de todas. Meu Deus. Adorei como você sacaneou o babaca. Que ódio deste homem, isto não se faz.

Helena me olhou com carinha de espanto.

— Anna, e se ele te matasse? Ele é mafioso e estes homens matam fácil

Antes de conseguir abrir a boca, Paola respondeu:

— Deixa de ser boba, Helena. Que matar o quê? Você não pensou nisto quando estava com a língua do mafioso mirim na sua boca.

— Para, Paola, eu estou falando sério.

— Eu também, baby.

— Chega vocês duas. Paola, pare de implicar com a Helena.

Ela levantou a mão se rendendo.

— Preciso de um banho, carinho de amigas e chocolate.

As duas vieram para cima de mim em um abraço coletivo e eu

agradei em pensamento a Deus, por ter as melhores amigas do mundo.

Embaixo do chuveiro, revivi cada segundo vivido naquela noite. *Dio mio*, aquele homem era perigoso para mim. O que eu estava pensando da minha vida? Meu casamento aconteceria dentro de dois meses e eu ainda não tinha pensado em como me livrar do meu noivo asqueroso.

Eu podia mentir para todo mundo, menos para mim mesma. Lorenzo Bernardeschi estava me deixando viciada nele. Ele disparava altas doses de endorfinas no meu sistema, se tornando altamente perigoso. Quando ele me olhou sem nenhuma expressão, como se nada estivesse acontecido, minha vontade foi a de agredi-lo, despejando toda minha ira, mas respirei fundo e juntei meu orgulho ferido para não me pronunciar.

Vesti meu pijama de flanela, coloquei minhas pantufas e voltei para o quarto. Helena estava dormindo e Paola olhando para o teto com uma expressão séria. Ela me deixou preocupada, porque não combinava com minha amiga rugas na testa.

— Gostaria de saber qual o motivo destas ruguinhas de preocupação?

Ela suspirou fundo e me olhou.

— Anna, não tem outra forma de te falar isto, então vou direto ao ponto: acho que estou apaixonada pelo Luigi. — Tentei segurar o riso, mas não consegui. — Porra amiga, eu abro meu coração e você ri?

— Desculpe-me Paola, mas estou rindo de sua carinha de desespero. Esta notícia não é novidade para mim, mas para seu consolo, eu tenho certeza de que ele também está na mesma frequência.

A expressão de felicidade no rosto dela, deixou claro que a coisa era séria. E lá se foi minha vontade de dormir.

Capítulo 22

Prático. Cético. Racional. Estas eram virtudes listadas pelo meu pai em relação a mim quando conversava com as outras famílias da máfia. Meu nome e minha reputação estavam crescendo dentro das organizações como o “mais coerente”, “frio”, o verdadeiro “toque de Midas”.

Eu tinha muitas responsabilidades nas minhas costas e por isto, minha meta de vida nunca envolveu o amor. Homens apaixonados se tornam fracos, alvos fáceis e isto não podia acontecer comigo. A coisa mais difícil, era eu repetir qualquer situação com uma mulher. Elas eram escolhidas a dedo, de acordo com minha necessidade.

A única a ter este privilégio, era Fiona. Ela conquistou este lugar por ser como eu, um ser livre. Minha amiga de foda, nunca quis amores, relacionamentos, florzinhas, nada disto. O negócio dela era sua carreira e suas viagens pelo mundo.

Depois da noite com a *maledetta* Senhorita Encrenca, comecei a me preocupar. Ela havia estado em meus braços por três vezes e isto era inadmissível para mim. Por isto, decidi a me afastar dela. Aquela tinha sido a primeira e última foda bem dada com a garota Faustino.

Cheguei na casa dos meus pais, por volta das dez horas da manhã. O dia estava bonito, um céu azul, o ar fresco com cheiro de mar. Saí do meu carro e parei admirando nossa propriedade. Logo na entrada tinha uma fonte, com águas cristalinas. Ali havia sido palco de muitas traquinagens minha e dos meus primos. Por muitas vezes usamos a decoração favorita da mamãe como piscina, mesmo tendo uma enorme em casa, a fonte era mais legal.

A mansão do meu pai ficava ao meio, a dos meus tios uma de cada lado. Luciano estava construindo uma casa para ele, anexa a do meu tio. Titia Natália sofreria um enfarto se meu primo resolvesse se mudar para longe com seus filhos. Ela estava radiante por ter tantos bebês ao mesmo tempo em sua vida.

Respirei fundo, naquela manhã eu estava um pouco nostálgico. Saí

do meu momento lembranças e me dirigi para o escritório, onde fui surpreendido por encontrar, papai, meus tios e primos reunidos. Cocei a testa e me preparei para um fim de manhã difícil.

— Bom dia a todos. Não lembro de termos nenhuma reunião agendada para esta manhã.

Meu primo Luciano estava com uma expressão irritada e foi ele quem me respondeu.

— Se você pudesse atender sua família quando é chamado, saberia Lorenzo.

— *Scusami Luchiano*, eu tive um imprevisto ontem.

— *Con una ragazza*, não é Lorenzo?

— Sim, primo, *con una ragazza guaia*, mas estou aqui agora. O que está acontecendo?

Meu pai tragou seu charuto com calma, o que era a antecipação de um grande problema.

— Bom dia, filho, depois conversaremos sobre esta *ragazza*, mas temos uma questão séria a resolver, na verdade, duas. A primeira é sobre a identidade real do pai da Antonella e a segunda, a herança do *maledetto* Domenico, que pertence a esposa do seu primo.

— Como assim a identidade do pai da Nella?

Vicenzo respirou fundo e começou a contar uma história louca.

— Lorenzo, depois que te contei sobre a história dos dois pingentes, resolvi colocar um dos meus homens para investigar sobre os três sodados amigos que estavam na mesma base. O segredo estava na tal noiva grávida...

— Isto você já me contou, *Vichenzo*. Eu só não estou entendendo o que isto tem a ver com a Nella.

— Vou te explicar agora: depois de nossa conversa, resolvi perguntar ao meu pai por que a medalhinha ainda estava com ele... — meu tio interrompeu nesta hora.

— Bom, Gian foi levado pelo serviço médico e depois nos informaram de sua morte. Eu precisava voltar para os negócios da família, mas o meu amigo *Franchesco*, filho de Domenico Faustino, que odiava o pai, se prontificou a procurar a noiva do Gian.

Enquanto meu tio e Vincenzo falava, eu observava meu pai se acabando no charuto e meu primo Luciano tomando todo o vinho da garrafa. Aquilo me fez entender que o fim da história não seria bom.

— E o filho do *maledetto* descobriu a noiva?

— Depois da guerra nunca mais nos vimos, mas nós dois sabíamos o nome da noiva. Ontem à noite, seu primo, contou sobre a descoberta do seu infiltrado. Ele conseguiu uma cópia da certidão de óbito do *Franchesco* e o nome da esposa dele era Beatrice Savoir.

Olhei para ele sem entender quem era a esposa.

— Quem é esta tal Beatrice?

— Nada mais, nada menos, que a mãe da Antonella Savoir Bernardeschi, esposa do *Luchiano*.

— Puta que pariu, você está me dizendo que a Nella não tem o sangue dos Faustinos? — Dei uma gargalhada e todo mundo me olhou sem entender. — *Dio mio!* Primo seus três *bambinos* estão livre desta maldição.

— Lorenzo, você está comemorando cedo demais, porque ainda temos dois problemas: descobrimos que Antonella está com uma certidão de nascimento falsa.

— Caralho, desculpe papai, mas só piora. — Meu pai odiava palavrão. — E qual é o segundo problema?

— Descobrimos a certidão verdadeira dela e nesta tem o nome do pai dela.

— O amigo da guerra?

— Este mesmo. Nesta certidão, o nome verdadeiro da esposa do nosso primo, é: Antonella Savoir Dell Ross e o do pai dela é: Giancarlo Dell Ross.

Todo mundo ficou em silêncio depois da fala do meu primo, enquanto isto, minha cabeça começou a funcionar e só então liguei o nome do amigo de guerra ao nosso funcionário.

— Você está dizendo que o sogro do *Luchiano* é o segurança da esposa dele?

Meu primo respirou fundo, bebeu seu vinho e me olhou preocupado.

— Exato. O Giancarlo é meu sogro, pai da Antonella.

— Porra, *Luchiano*, você não investigou a vida do segurança antes de contratá-lo?

— Claro que investiguei, inclusive, quando meus homens procuraram algo que manchasse a vida dele, não encontraram. No dossiê continha a informação sobre o acidente de guerra, quase dois meses em coma e depois acordou sem lembrar de nada antes do acidente. Portanto, ele não deve se lembrar da noiva grávida.

O silêncio tomou conta do nosso escritório. Cada um imerso em seus pensamentos, mas eu precisava sacudi-los para questões práticas.

— Vamos partir para ações urgentes. A primeira delas: descobrir no testamento, qual foi a certidão usada por *Franchesco*, quando deixou tudo para Antonella. Segundo: *Luchiano* você precisa conversar com a médica da Nella, para saber se não há risco para os bebês se ela sofrer fortes emoções.

— Pensei nisto, Lorenzo. Nós temos uma consulta semana que vem, mas liguei ontem para a secretária da médica dizendo que preciso conversar com ela sem que minha esposa saiba.

Paramos de conversar quando ouvimos dois toques na porta. Quando abri, me deparei com a esposa do meu primo e seu barrigão de trigêmeos.

— Desculpe incomodar...

— Você não incomoda, Nella. Entre.

Ela entrou com seu jeito tímido e o olhar de apaixonado do meu primo, me fez ter a certeza de que aquilo não era para mim.

— Sua benção Senhor Freddo.

Era incrível como Antonella havia conquistado toda a família. Meu pai e tios estavam encantados por sua doçura e minha irmã, a deixando doida com tantas compras na internet para os bebês.

— Deus te abençoe, minha filha.

— A tia Carlota, pediu para chamá-los para o almoço em família, e o senhor conhece sua esposa, não é? Ela está brava pelo atraso.

Meu pai sorriu com uma expressão amorosa. Papai era o Don, dono de tudo, mas mamãe era a dona do coração dele.

— Claro que conheço, minha *bela padrona*. Vamos todos almoçar, os negócios ficam para depois.

E assim estava encerrada nossa reunião. O assunto seria resolvido depois de darmos atenção à família.

Capítulo 23

Enquanto isto na mansão dos Faustinos...

Acordei cedo como te costume, tomei meu chá misturado com um pouco de uísque e fui para o canil alimentar meus meninos.

— Bom dia garotões, trouxe um bônus para vocês esta manhã.

Meus cachorros Ozzy e Spike pularam felizes ao ver os dois bifês em minha mão. Aqueles animais eram fiéis a mim como ninguém era. Eu não fui agraciado com uma família grande, criei três filhos, mas só me restou um. Perdi minha esposa no parto da minha filha caçula e a ingrata quando cresceu, não aceitou se casar com seu escolhido. Ela simplesmente me abandonou e se mudou para a Grécia para viver com um médico.

Francesco, meu primogênito, quis servir ao exército e foi para a guerra. A princípio eu o incentivei para que ele pudesse se fortalecer, pois combates fortalecem o homem. Talvez este tenha sido meu maior erro. Desde sua volta, ele se apaixonou pela noiva de um amigo morto nos campos de batalha e não quis seguir o destino traçado para ele.

Nos negócios da família, eu contava com meu filho, o único a ser meu herdeiro, e com alguns agregados. Sobrinhos, apadrinhados e alguns fiéis funcionários, faziam parte dos meus negócios. Talvez meus dois cachorros fossem os que mais amavam. Meus pitbulls eram bravos e hostis com terceiros, mas comigo eram dóceis e carinhosos.

Depois de cuidar do canil, tomei um banho e desci para o café da manhã. César e Mirella haviam acabado de chegar para se juntar a mim, mas não vi minha neta.

— Onde está sua filha, Mirella?

— Ela dormiu na casa das amigas, meu sogro.

Não estava gostando nada do comportamento daquela *bambina*, ela era tihosa e estava começando a se rebelar. Eu já havia passado por aquilo com minha caçula quando resolveu ir embora atrás de homem.

— César, você precisa colocar limites nesta menina, sua esposa a

mima muito.

— Papai, eu não posso prende-la em casa. Anna vai fazer vinte e um anos e nunca me deu motivo para não confiar nela.

— Eu não confio, César. Alguma coisa aconteceu com minha neta, ela era uma *bambina* doce, meiga e me olhava com adoração. Desde a fuga daquela bastarda, ela não me olha mais assim.

— Sogro, é impressão sua. A Anna ama o senhor. Ela só está tendo dificuldades em aceitar o casamento depois da traição do noivo.

Respirei fundo, tomei um pouco do meu café e tomei uma decisão.

— César e Mirella, vou adiantar o casamento desta menina.

Minha nora me olhou com espanto, abriu a boca para reclamar, quando meu filho segurou sua mão e tomou a frente.

— Papai, não há necessidade disto. O casamento está marcado para daqui a dois meses, temos muitas providências a tomar. Ela é minha única filha, estamos preparando uma grande recepção.

Dei um soco na mesa, eu odiava ser contestado.

— Está decidido, César. Vocês têm quinze dias para arrumar tudo e este assunto está encerrado.

— Papai...

— Chega, César. Eu sou o chefe desta família, eu decido. Quer saber? Perdi a fome. Estou te esperando no escritório.

Saí da mesa sem olhar para trás. Eu não era idiota, aquela garota estava armando alguma para cima de mim. Desde o nascimento dela, fechei um acordo com o pai do Alessandro. Não me interessava se ele comia uma, duas ou três putas, minha preocupação era na fusão dos nossos negócios.

A morte de Nikolai me trouxe prejuízos e inimigos. Desde a minha descoberta sobre a maldita bastarda não ser minha neta legítima, um plano surgiu em minha cabeça. Eu mantinha um espião para me manter informado sobre a vida do meu filho. No fundo eu tinha esperanças de algo dar errado no casamento e ele voltar para mim.

Os anos foram passando e nada acontecia, até que fiquei sabendo sobre a festa de quinze anos da minha suposta neta. Naquele dia, estranhei demais, porque meu filho havia voltado da guerra há quatorze anos. Não foi difícil juntar os fatos, procurei nos documentos da família a data na qual Francesco retornou a Itália e o aniversário da garota, não batiam.

Então eu descobri que a noiva do amigo morto na guerra estava grávida e o idiota do meu filho manchou o nosso sangue acolhendo com o meu sobrenome a cria de outro homem.

Meus planos foram concretizados, quando soube que Nikolai havia perdido a esposa e estava louco por não ter um filho. Mande matar aquele imbecil e sua esposa sem nenhum remorso. Francesco era meu primogênito, dei tudo a ele, deixei realizar seu sonho de servir ao exército italiano, estava o preparando para ser o Don, mas preferiu virar as costas para o pai.

A filhinha bastarda serviria para meus planos com o *vecchio* Nikolai, então fiz o papel do avô arrependido e ganhei sua guarda. Porém, a *maledetta* de sangue ruim, fugiu. Ela ainda iria me pagar por tudo o que me fez. Depois de seu funeral com todas as pompas da família, eu mandei meus homens exumar o corpo e paguei caro para uma especialista identificar se aquele esqueleto queimado era o dela, contei com seu histórico dentário e o resultado foi o esperado por mim: não era Antonella.

Capítulo 24

Minha família era muito unida. Quando conseguíamos juntar todos a mesa para almoçar como naquele dia era uma festa. Todos queriam falar ao mesmo tempo e o mais engraçado era ver a tímida Antonella tentando sua vez de falar.

— Pessoal, por favor, vamos nos acalmar e ouvir o que a Nella quer dizer.

A esposa do meu primo sorriu para mim e agradeceu com um aceno de cabeça.

— Obrigada Lorenzo. Bom, eu e *Luchiano* vamos descobrir nesta semana o sexo dos bebês e Nina está em tempo de me deixar doida para fazer um tal bolão de apostas.

Olhei para minha irmã e ela deu sua risada contagiante.

— Claro, prima. Vamos extorquir uns euros desta família.

Meu pai estava ao centro da mesa, bem acomodado em sua cadeira de rodas. Ele parou o garfo no ar, levantou uma sobrancelha para a filha e todos nós rimos, porque sabíamos que no fim, ele aceitaria a loucura da Nina.

— Como seria isto, minha filha?

— Papai, cada um vai escrever em um papel seu palpite e vai escrever o valor que quer apostar e depositar em uma urna. Não pode ser menos de cinquenta euros.

Eu sabia que a ideia de Nina não seria algo pequeno, porque conhecia bem minha irmã.

— E quando iremos saber quem ganhou, irmã?

— Aí está a melhor parte, Lorenzo. Eu vou com o casal no dia do ultrassom e a médica falará o sexo somente para mim. Agora é a melhor parte: todos vocês descobrirão no chá de revelação que minha amada Nella e meu amado *Luchiano* deixaram eu organizar.

Todos começaram a rir e eu não perdi a oportunidade de implicar com ela:

— Nella e *Luchiano*, vocês são loucos de deixar a Nina organizar isto? Vai ser uma festa maior que um casamento.

— Deixa de ser chato, Lorenzo.

— Você acha mesmo que eu e meu anjo tivemos opção de negar, primo?

Todos caíram em uma gargalhada e Nina acabou rindo junto. Olhei para a pequena Manu e ela estava com bracinhos cruzados e expressão brava.

— Por que a minha princesa está com esta carinha brava?

— Lolo, eu também quero ir com a Nella e o *Luchiano* nesta médica. Tudo quem faz é só a Nina, eu nunca posso ir.

— Oh minha princesa, você é muito novinha ainda, mas tenho uma ideia. — Os olhinhos dela brilharam. — Enquanto a Nina vai ao médico com a Nella e *Luchiano*, eu, você, vamos passear na minha Ferrari. O que acha?

— Obaaaaa... e tomar sorvete também?

— Só se a senhorita almoçar tudo, ouviu Lorenzo?

— Sim senhora, mamãe.

Pisquei para a Manu e continuamos almoçando enquanto o assunto girava em torno dos trigêmeos. Eu amava minha família.

Depois do almoço, cada um foi para seus aposentos descansar um pouco. Eu precisava cochilar um pouco, pois minha noite havia sido em claro. Desde que cheguei na minha casa naquela manhã, não havia parado nenhum minuto.

Entrei em meu quarto, acionei minha playlist e quando me deitei em minha cama, meu primeiro pensamento foi em uma certa Senhorita Encrenca. Eu não sabia por qual motivo, mas alguma coisa no olhar dela, no jeito de me desafiar, estava mexendo comigo além do permitido.

Coloquei meu braço sobre a testa, fechei os olhos e comecei a pensar

na minha vida. Eu tinha transado com muitas mulheres, desde os quatorze anos, quando meu pai me levou para uma prostituta e eu descobri a delícia de meter o pau em uma boceta.

Meu primo *Luchiano* havia me contado de como sua primeira vez tinha sido horrível, mas eu nunca fui centrado como ele. Desde novinho assistia vídeos pornô e muito cedo descobri como me dar prazer.

Quando você nasce com o peso de ser o herdeiro de algo grande como era os negócios da família Bernardeschi, não há espaço para medos ou inseguranças. Eu nasci para ser o futuro líder, papai e mamãe souberam me criar de forma a aceitar meu destino, tendo orgulho de quem eu era.

Desde novo, incorporei minha função e meu lugar nos negócios. Até mesmo meu batismo, encarei com coragem e sem medo. Eu era Lorenzo Bernardeschi, o filho do Don, o legítimo herdeiro e por isto, precisava ser forte e corajoso. Talvez eu tenha perdido um pouco da minha infância, pois só pensava em me tornar o melhor.

Eu sempre fui o protetor da minha família. Aprendi atirar muito cedo e me especializei para ser um dos melhores. Naquele quesito, eu, Luciano e Vincenzo, estávamos no mesmo nível. Somos os melhores atiradores da Itália. Não tenho receio nenhum de nos declarar como os mais perfeitos do nosso país. Temos vários troféus de campeonatos de tiro, onde todos foram vencidos por nós.

Moldei meu jeito de ser baseado em alguns pilares importantes como: protetor, frio, coerente, racional e empreendedor. Esposa e filhos nunca fizeram parte dos meus planos, mesmo papai insistindo em me dizer que um verdadeiro líder precisava ter alguém para quem voltar.

Eu tinha a minha família, eles me bastavam. Por eles eu morreria, mas não precisava de uma esposa e *bambinos*. Ter a Senhorita Encrenca invadindo meus pensamentos estava me deixando bem incomodado. Aquela *ragazza* era uma verdadeira diaba sedutora e perigosa.

Quando a levei para meu lugar secreto, como eu costumava dizer: o Covil do lobo, estava disposto a ser sacana, até mesmo cruel, mas quando eu me lembrei que aquela garota nunca tinha estado com um homem além de

mim, eu quis dar a ela prazer. Não um orgasmo simples, como acontece nas relações sexuais casuais, mas algo inesquecível, que a levasse a emoções transformadoras. Eu só não esperava ter sido impactado como fui.

Respirei fundo, a música *Unsteady* estava tocando me fazendo reviver as emoções da noite passada. A letra daquela música, a melodia, tudo me fazia pensar em minha vida louca. A letra da música dizia: “*eu era um pouco instável*”, as vezes eu me sentia sufocado, porque em mim habitava fogo, paixão, vibração e tudo isto chocava com razão, frieza e negócios.

No fundo eu era um turbilhão de sentimentos, pronto a explodir. Por isto, eu amava velocidade, tiro e kitesurf, estes três esportes me faziam sentir adrenalina, aliviando minha mente turbulenta.

Depois de rolar na cama, desisti da tentativa de descansar. Eu precisava passar pelos meus empreendimentos, pois aprendi desde cedo: quem engorda o boi é o olho do dono.

Capítulo 25

Acordamos tarde depois da nossa noitada maluca. Eu e as meninas, tomamos banho e descemos para almoçar. O plano era passar a tarde na piscina tomando um bronze, pois a noite íamos a uma festa.

Uma loja de esportes aquáticos e vestuário, da qual éramos clientes, estava lançando sua nova coleção em um luau seguido de um show nas areias da praia. Eu havia sido convidada para apresentar o desfile da coleção feminina.

Precisávamos aproveitar nossos últimos dias de férias da universidade. Como não estava a fim de sermão da minha mãe, deixei meu celular desligado. Os pais de Paola não estavam em casa, deixando o cenário ideal para minha amiga infernizar seu segurança.

Helena estava mais calada que o normal. Eu tinha certeza de que ela havia sido sugada para as teias do mafioso mirim. Se fosse verdade, minha amiga iria enfrentar um verdadeiro inferno na terra, porque o grande Juiz Moratti, jamais permitiria sua filhinha única com um Bernardeschi.

Minha amiga era meiga, sensata, centrada e nerd. Ela tinha uma beleza estonteante, pois a mistura de seu pai italiano com sua mãe colombiana, a fizeram linda. Ela tinha traços exóticos como os da mãe, olhos verdes escuros e cabelos pretos como o pai. Helena só não sabia aproveitar a seu favor tudo o que tinha, pois, a timidez não a permitia se ver.

Estávamos deitadas tomando sol, quando Luigi apareceu com um telefone sem fio na mão.

— Senhorita Anna, sua mãe.

Putá que pariu, meu dia estava tão leve e divertido. Mamãe era impossível quando queria me infernizar. Peguei o telefone e em afastei um pouco das meninas.

— O que foi, mamãe? Morreu alguém?

Ela me xingou toda por deixar o celular desligado.

— Mamãe, não sou irresponsável. Só esqueci meu carregador e você sabia onde eu estava, é tanto que está falando comigo.

Dona Mirella estava com uma voz bastante nervosa ao me dizer que precisava conversar comigo com urgência. Não gostei do tom dela.

— Não podemos conversar amanhã? Eu tenho uma festa hoje e não posso me atrasar. Fui convidada para apresentar o evento.

Minha mãe era incrível, em vez de ficar feliz pela filha, reclamava e enfiava meu noivo no meio. Respirei fundo antes de respondê-la:

— Mamãe, o Alessandro viajou esta manhã para Londres, só volta dentro de quatro dias.

Primeiro ela quis saber como eu sabia da viagem se meu avô não disse nada. Depois teceu todos os seus comentários sobre noivas que ficam indo em festas sozinhas, que isto não estava certo.

— Não sei por que vovô não falou nada com vocês, ok? O meu noivo me disse ontem sobre a viagem. E quanto a sair sozinha, eu sou noiva, não prisioneira.

Minha mãe bufou no telefone e quase me matou do coração quando disse:

“Seu avô resolveu adiantar seu casamento. Ele acontecerá dentro de quinze dias. Então, Anna, temos muitas coisas a fazer e eu não estou disposta a viver sendo recriminada pelo meu sogro quando você não está em casa”.

Eu perdi o chão, o ar, a capacidade de pensar. Foi como se eu estivesse paralisada. Depois de alguns segundos, balancei minha cabeça, soprei o ar pela boca e fingi que aceitei.

— Mamãe, meu avô não tinha este direito, mas eu vou acatar. Volto para casa amanhã cedinho, prometo estar junto de vocês no café da manhã.

Antes dela reclamar eu desliguei. Voltei para perto das minhas amigas, deixei o telefone em cima da mesinha e me sentei na espreguiçadeira. Elas ficaram me olhando assustadas, pois eu deveria estar pálida feito um fantasma.

— Meu Deus, Anna, você está me assustando, amiga. O que aconteceu?

Não tinha outro jeito de falar aquilo sem ser direta.

— Eu vou me casar com Alessandro dentro de quinze dias.

— O queeeeeeeeeee? — Paola deu um grito tão alto, que em menos de segundos seu segurança apaixonado correu para perto de nós.

— Aconteceu alguma coisa, senhora Paola?

— Sim, Luigi. Você faria qualquer coisa por mim, não é? — Ele nos olhou sem entender, mas balançou a cabeça afirmando, então minha amiga continuou com sua loucura. — Você pode começar matando o noivo da Anna.

— Paola, *per'l amor di Dio*, não fala besteira. Luigi, pode voltar para seu posto. Paola é louca.

Ele balançou a cabeça para os lados, coçou a cabeça, olhou de cara feia para minha amiga e saiu da área da piscina. Helena me olhou curiosa e tentou descobrir o motivo do desatino da minha família.

— Anna, por que seu avô quer adiantar seu casamento?

— Porque ele acha que eu vou fazer como meus tios e a Antonella, fugir dele. Sinceramente, Helena, eu estou bem tentada a fazer isto.

— Eu te apoio, amiga.

— Cala a boca, Paola. Não vê que a situação da Anna é séria? — Paola fez língua para Helena, que revirou as sobrancelhas e depois se voltou para mim. — O que pretende fazer, amiga? Como vai ser quando seu noivo descobrir que não é mais virgem?

— Ele não tem moral para me exigir nada e não, eu não pensei em que fazer. Só sei de uma coisa: eu prefiro morrer a casar com aquele traste.

— Não fala besteira, amiga. Nós vamos dar um jeito, a gente sempre deu.

— Que jeito, Helena? Eu tenho duas opções: fugir ou morrer.

Paola estava sentada calada ouvindo tudo, até eu ver seus olhos brilhar e sabia que ela ia falar alguma pérola.

— Anninha do meu coração e se pedirmos ajuda ao Lorenzo?

— Oi? Você comeu cocô, Paola? Puta que pariu, como você consegue se superar assim?

— Eu estou falando sério, Anna. O cara é o mafioso fodão e seu avô um mafioso malvadão. Para lidar com um mafioso, somente outro mafioso.

Coloquei meus cotovelos nas coxas, baixei minha cabeça apoiando nas minhas mãos e balancei a cabeça. Meu Deus, eu estava perdida. O que seria de mim?

Capítulo 26

Estava na terceira visita daquela tarde e ainda faltavam dois empreendimentos para verificar se tudo corria conforme o esperado. No geral não encontrei grandes problemas para resolver, eu tinha uma ótima equipe de gerentes. Minha equipe de confiança era composta por seis homens e quatro mulheres. Um time de primeira qualidade, escolhidos por mim.

Silvano me acompanhava durante o trabalho, além de segurança, ele cuidava da minha agenda pessoal. E era graças a eficiência dele que eu não perdia nenhum compromisso importante.

Naquela tarde, eu havia me esquecido completamente de um compromisso firmado há quase dois meses com uma loja de esportes aquáticos no qual eu comprava meus equipamentos para o Kitesurf. Nosso negócio começou quando eu procurava uma empresa especializada para confeccionar modelos únicos para mim.

Aquela foi a única loja disposta a produzir minhas roupas para praticar o esporte com a garantia de não as reproduzir para outras pessoas. Eles aceitaram e em troca eu assinei um contrato de exclusividade. Acabei me tornando o garoto propaganda deles. Como dizia meu primo Vincenzo, eu não me achava, eu tinha certeza.

— Chefe, temos o compromisso a noite na praia. Não teremos tempo de visitar os clubes.

— Verdade, Silvano. Vamos terminar por aqui. Quando chegarmos em casa, vou tentar descansar um pouco e saímos as vinte horas.

— Vai com a Ferrari?

— Não, vou deixar a menina na garagem hoje, vou com você no SUV.

— Combinado, chefe.

Terminei a última inspeção daquele quase as dezoito horas. Consegui descansar uma hora e vou o suficiente para estar pronto no horário

marcado. Vesti uma camisa clara com manga curta, gola sem colarinho e uma bermuda branca. Estava tão acostumado a usar calça, terno, sapatos, eu fazia questão de andar muito arrumado, com roupas caras e de grife, que estranhei usar tênis.

Como era um evento aberto, Silvano resolveu levar mais três homens, dois em carros separados e um em uma moto. Eu deixava minha segurança por conta dele. Confiava minha vida a ele, nos conhecíamos há dez anos e vivemos muitas coisas juntos.

Quando chegamos a praia, nos indicaram uma entrada exclusiva. Estacionamos perto de uma grande tenda montada atrás de um palco grande, com uma passarela ao centro. Fui recebido pelo dono da loja e sua linda esposa.

— Bem-vindo, Lorenzo. Estamos muito felizes por ter aceitado apresentar o desfile. Nos acompanhe, vamos te apresentar sua companheira da noite.

Andamos em meio a modelos vestindo roupas, outras sendo maquiadas, mulheres e homens com corpos perfeitos. Túlio e Virginia andavam em minha frente passando por vários bancos, araras com roupas, sapatos, uma verdadeira loucura. Silvano andava atrás de mim atento a todos os lados.

Chegamos a um lugar que parecia um pequeno camarim e passamos por uma porta como se fosse uma divisória e meus olhos não acreditaram ao ver a minha companheira da noite. Ela estava sentada em um sofá, concentrada lendo algo e quando levantou a cabeça e seus olhos se depararam com o meu, o brilho em fúria estava lá.

— Lorenzo, esta é Anna, a nossa convidada da noite. Ela é uma cliente com um contrato como o seu. As peças dela são únicas e ficamos muito felizes quando ela aceitou nosso convite.

Esperei para ver o movimento dela. A diaba ficou de pé e me cumprimentou como se nunca tivesse me visto antes.

— Muito prazer, Lorenzo. Fico feliz em não estar sozinha nesta noite naquele palco.

A garota usou as palavras dando duplo sentido a elas. Era incrível como ela me desafiava apenas com o olhar, poucas pessoas tinham tanta coragem como a Senhorita Encrenca.

Para piorar minha situação, a diaba estava com um vestido longo amarelo, com alguns desenhos pequenos de conchas e estrelas do mar. Estaria ótimo se ele não fosse transparente e por baixo ela estava usando um biquini minúsculo. Aquilo deveria ser proibido. Saímos do nosso transe quando ouvimos a dona da loja falando conosco.

— Lorenzo, a Anna está com os catálogos com os nomes dos modelos, a ordem e a chamada para cada roupa. Querida, você pode explicar a ele como vai ser o desfile? Eu e Túlio precisamos ver os últimos detalhes.

Ela deu um sorriso cínico com sua fileira de dentes lindos e falou com voz de anjo.

— Claro, Virginia. Pode deixar comigo, será um prazer passar as orientações para o senhor Lorenzo.

Dirigi meu olhar sarcástico para ela e sorri agradecendo. Naquele joguinho dela, eu era o número um. Assim que os dois saíram do pequeno camarim, eu fiz sinal para Silvano nos deixar a sós. Quando ele saiu, a expressão de santa dela foi para o espaço e deu lugar ao jeito abusado da senhorita Encrenca. Ela colocou as duas mãos na cintura, como se fosse reclamar, mas não dei tempo a ela para falar.

— Senhorita Encrenca, fugir como fez nesta madrugada não é muito educado, não acha? E ainda por cima enganando meu segurança.

Ela estufou aquele peito delicioso para a frente e me respondeu com deboche.

— Não tenho culpa se seus seguranças são idiotas e se deixam enganar por uma desconhecida. Precisa melhorar isto, Lorenzo Bernardeschi, o herdeiro da maior blá blá...

— Não me provoque, Encrenca.

— Quantas vezes vou te dizer que chamo, Anna? E eu preciso te dizer de novo que o mundo não gira em torno da Vossa Excelência? Eu faço

o que eu quiser, inclusi...

— Chega, eu te avisei.

Avancei sobre ela, passei meu braço por sua cintura e enfiei uma mão em seu pescoço pelos seus cabelos e a beijei. Meu Deus que ódio, mas aquela boca me provocando foi demais. Ela tentou me empurrar, mas eu a prendi junto ao meu corpo e a explorei com minha língua.

Aos poucos ela começou a participar de forma ativa, com uma de suas mãos em minhas costas e a outra segurando meu pescoço. Eu não consegui perceber em qual momento nosso beijo deixou de ser carregado de raiva, de provocação e enfrentamento, para algo inominável.

Aos poucos fomos nos soltando e permanecemos alguns segundos nos olhando, enquanto nosso peito descia e subia tentando facilitar a entrada de ar. Ela foi a primeira a sair daquela situação estranha.

— Quer saber, sente-se e vamos dar uma olhada neste catálogo para não passarmos vergonha ao apresentar este desfile. Sabe, Lorenzo, eu sou assim: se estou na chuva, vou me molhar inteira, sem medo.

— Eu vou para chuva com você, Anna.

Ela deu um sorriso e começou a me mostrar a ordem das falas, como seria o início e deixou claro que podíamos fazer de forma descontraída.

— Só te peço uma coisa: nada de Senhorita Encrenca no microfone, entendeu?

— Sim, senhora, Senhorita Encrenca.

— Lorenzo, estou falando sério.

— Ok, pode deixar, Senhorita Encrenca é só para momentos íntimos.

Ela coçou a cabeça impaciente, revirou os olhos e se levantou.

— Vamos ver quanto tempo falta para esta experiencia bizarra, senhor mafioso.

Passou por mim deixando seu perfume no ar e eu a segui tentando não olhar para sua bunda linda. Claro que não consegui. Minha Virgem

Santa, me proteja!

Capítulo 27

Estava distraída estudando minhas atribuições no catálogo do evento, quando fui surpreendida por Lorenzo Bernardeschi, o outro convidado vip da noite. Minha *Nossa Senhora de Caravaggio*, qual é o problema comigo? Por que eu encontro com este *maledetto buonissimo*?

Estava virando rotina, ele debochava, eu o desafiava e depois eu era devorada pelo melhor beijo de todos. No fundo eu o provocava esperando seu revide. Porém, naquela noite, nosso corpo não conseguiu esconder nossos sentimentos e algo estranho aconteceu entre nós. Quando nos soltamos, não sabíamos o que dizer, então apenas resolvi sair em busca dos organizadores do evento.

Eu andava na frente dele sentindo seu olhar queimar minhas costas. Rebolei mais que o normal, apenas para não perder o hábito de provocá-lo. Virgínia nos viu e veio em nossa direção pedindo para ficarmos cada um de um lado, próximo a entrada do palco, pois estavam prontos para começar.

Lorenzo permaneceu junto a entrada das modelos e eu do outro lado, onde homens lindos aguardavam para exibir seus corpos perfeitos em roupas esportivas. Respirei fundo para me concentrar, porque estava difícil no meio daqueles deuses do Olimpo.

Ouvi a música alta tocando, o pessoal dos efeitos acionando o gelo seco e ganhões de luz coloriam o céu da praia. Tudo estava muito organizado e bonito para a grande noite da loja.

O silêncio tomou conta dos bastidores quando a música abaixou e ouvimos a voz do dono da loja.

— Boa noite! Estamos muito felizes por comemorarmos o aniversário da nossa querida marca New Sports com todos vocês, nossos clientes. Nossa nova coleção conseguiu superar todas as nossas expectativas. Neste ano, temos dois convidados que são muito importantes para a história da nossa empresa, não é Virgínia?

— É sim, Túlio. Boa noite, minhas italianinhas e italianinhos favoritos. Meu marido, acho que nosso convidado vai agradecer as *ragazzas* e a

convidada vai deixar os *ragazzi* animados. Com vocês temos a honra de convidar, Anna Faustino e Lorenzo Bernardeschi.

Era chegada nossa hora, respirei fundo e subi os três degraus que davam acesso ao palco. Fomos recebidos com muitos aplausos, o que me deixou vermelha, mas feliz. Cumprimentamos o casal anfitrião e eles nos passaram a palavra para conduzir o desfile. Lorenzo me olhou, deu uma piscadinha e começou o show.

— Anna, estou muito animado para conhecer a nova coleção e você?

— Também, Lorenzo, não vejo a hora de descobrir o que a New Sports vai mostrar nesta noite.

— Vamos começar, então, *belíssima*?

Eu sorri para ele e devolvi o elogio.

— Claro, *belíssimo*.

Era incrível nossa atuação de simpatia, quem não nos conhecia deveria estar admirado com nossa sintonia. Ele começou apresentando a primeira modelo e fomos intercalando até o último modelo entrar na passarela. Durante nossas falas, brincávamos uns com o outro e fazíamos comentários com duplo sentido entendido somente por nós.

Eu e Lorenzo conduzimos Virgínia e Tulio até a frente para aplausos e fotos da imprensa. Naquela noite parecia que todos os veículos de comunicação de Itália estavam presentes. Permanecemos no palco por quase duas horas e após o término do desfile, pediram vinte minutos a plateia para a preparação do palco para o show da noite.

No espaço reservado para os modelos, foram feitas várias fotos, eu e Lorenzo saímos em muitas delas. Depois participamos de um coquetel com os envolvidos. Eu e Lorenzo estávamos nos comportando como gente grande, inclusive conversando como adultos. Quase não ficamos sozinhos, mas o bastou ter oportunidade, para Lorenzo chegar o rosto perto do meu ouvido e sussurrar.

— Não posse me afastar de você, antes de te dizer o quanto está linda. Foi um prazer participar deste evento com você.

Abri a boca para agradecer, mas fomos interrompidos por Túlio nos chamando para se juntar a eles. Aproveitei a oportunidade para agradecer e me despedir.

— Túlio, Virgínia, muito obrigada por esta oportunidade maravilhosa. Preciso me retirar, pois estou com alguns amigos e eles estão me aguardando na praia.

— Poxa, uma pena, Anna, mas eu entendo. Deve ter algum garotão bonito te esperando, não é? — Lorenzo arregalou os olhos e eu resolvi aproveitar para provocá-lo.

— Tem sim, por isto, não posso demorar mais.

— Tudo bem, querida. Amanhã vou mandar entregar um presente em sua casa.

— Oh querida, não precisava se incomodar. Estar com vocês nestes momentos, foi um grande presente.

Virgínia e Túlio me abraçaram e quando Lorenzo veio para o meu lado, eu estendi a mão para ele e o sacaneei.

— Foi um prazer conhecer o senhor. Obrigado por tornar tudo mais fácil nesta noite. Até logo. — Virei as costas e saí rindo sozinha da cara dele quando o chamei de senhor, como se fosse um *vecchio*.

Quando cheguei na areia, as meninas fizeram uma rodinha em volta de mim. Recebi abraços, beijos e muitas perguntas. Paola me mostrou todas as fotos feitas por ela.

— Amiga, vocês estavam tão bonitinhos. Pareciam namoradinhos.

— Vai se ferrar, Paola. Não sou, muito menos serei namorada daquele babaca.

Helena riu e me assustou com sua audácia.

— Ah querida, sinto em informar, mas prevejo grandes emoções ainda esta noite. Olhe para aquela mesa a lateral do palco. Seu mafioso não parou de te olhar por nenhum minuto.

Dei uma gargalhada e contei a elas sobre a história do garotão

esperando. Para minha sorte, não demorou muito os primos da Paola chegaram próximos a nós e foram nos abraçando. Dimitri era o mais abusado de todos e me ajudou bastante com suas cantadas baratas.

— E aí Aninha? Tu estás gostosa pra caralho, hein priminha!

— Não sou sua prima, Dimitri. Está me confundindo com a Paola?

Ele deu uma risada e falou com seu jeito cafajeste.

— Claro que não, amiga da minha prima, se torna da família também.

Paola deu um cascudo nele e o abraçou. O show começou e eles permaneceram um tempo conosco. Luigi estava grudado atrás da nossa roda, feito um poste e eu reclamei com minha amiga.

— *Pe'l amore di Dio*, Paola, faz este seu segurança dançar, rir, parece um soldado nos vigiando.

— Ignora ele, amiga. Não tem jeito, ele está no modo trabalho, como se o mundo inteiro quisesse me sequestrar. Sorte sua que seu segurança não está na sua cola.

— Claro que não. Ele acha que estou na sua casa, quietinha como uma freira.

Começamos a rir e nos abraçamos, dançando e curtindo o show. Depois de dançar umas quatro músicas, vendo Lorenzo de longe me olhando, resolvi sair de perto das meninas.

— Meninas, vou molhar os pés e volto logo.

Luigi entrou na minha frente e tentou me impedir.

— Senhorita Anna, é melhor permanecer junto com as suas amigas, assim posso protegê-las.

— Desencana, Luigi, vou só molhar os pés e já volto. Relaxa, homem.

Saí da frente dele e fui para perto do mar. No fundo, eu estava me afastando com a esperança do mafioso mais lindo da Itália se aproximar de

mim, mas acabei me ferrando. Eu devia ter ouvido o Luigi.

Capítulo 28

Eu deveria ter ido embora, no entanto, mais uma vez a emoção vencida a razão. De onde eu estava conseguia ver a Senhorita Encrenca rodeada de bombadinhos, com cheiro de leite em volta delas. Túlio falava de seus novos empreendimentos, enquanto a esposa conversava com uma amiga sobre a expansão dos negócios. A mulher não parava de me jogar charme e aquilo estava me incomodando.

— Virgínia me disse que você gosta de praticar Kitesurf. Eu sou encantada com o esporte, parece difícil...

Eu sabia aonde ela chegaria com aquele papo mole e antes dela me pedir para ensiná-la, eu a interrompi.

— É preciso ter força para o controle do equipamento, levando em consideração a força da maré e do vento.

— Lorenzo foi o campeão do campeonato estadual no ano passado. Ele é um dos melhores no esporte. Uma pena não ter se inscrito para o campeonato deste ano. — Túlio estava inconformado por eu não participar do evento.

— Meu pai sofreu um atentado e ainda está usando cadeira de rodas. Ele precisa muito de mim e o campeonato me tomaria muito tempo.

A mulher colocou a mão em meu braço, com suas unhas pontiagudas parecendo garras. Eu estava acostumado com assédio e gostava, mas naquela noite minha atenção estava em uma garota de amarelo.

Resolvi encerrar o assunto dizendo que precisava ir embora, por causa de um compromisso cedo no outro dia. Quando fiquei de pé, fui atraído pelo movimento da mulher mais linda da praia. Seu vestido amarelo e seus cabelos balançavam com o vento me proporcionando uma visão de pura sedução.

Ela se afastou da aglomeração de pessoas indo em direção ao mar. Aproveitei para me despedir dos meus anfitriões, mudando meu percurso naquele momento. Eu ia até ela. Quando comecei a me deslocar em meio as

peessoas, vi dois homens de terno se aproximando dela. Silvano estava comigo, mostrei a ele a garota e corremos em direção a ela. Cheguei a tempo de ouvi-la gritando:

— Me solta, Ernesto.

— Você não escutou a garota? Solte o braço dela.

O grandão me olhou de cima a baixo e me provocou:

— Não se mete, cara, o assunto aqui é de família.

Eu me aproximei dele e Silvano abriu seu paletó mostrando a sua arma.

— O assunto é comigo agora, cara. — Eu a puxei para meu lado e dei a ela uma ordem, que por milagre dos deuses, ela obedeceu. — Anna, fique atrás do Silvano.

Ela correu e ficou atrás do meu segurança. Os dois homens se entreolharam e decidiram recuar. Um deles falou com ela.

— Você é quem sabe, senhorita Anna. Conhece o seu avô, ele nos mandou te buscar.

Anna olhou para eles com raiva e respondeu irritada.

— Diga ao grande Domenico, que não sou prisioneira dele como a Nella. Vocês não vão perder o emprego. Sou maior de idade, portanto, não preciso mais de babá.

Ouvi-la falando da esposa do meu primo, me fez lembrar de tudo o que ela passou na mão do *vecchio* louco e me preocupei com a minha encenqueira. Minha? Ai meu Deus. O outro segurança com um jeito paternal voltou a alertá-la:

— Senhorita Anna, não provoque seu avô, ele não gosta de ser contrariado.

Porém, a garota era mesmo *fogo na roupa*.

— Manda meu avô se foder, Ernesto.

Eu e Silvano nos olhamos assustados e meu segurança deu um

sorrisinho cínico. Resolvi intervir e acabar logo com a palhaçada.

— Os senhores escutaram a patroa de vocês. Podem ficar tranquilo, ela está comigo.

— E quem é o Senhor?

— Alguém mais importante que o seu chefe, tenha certeza disto.

Os dois se olharam, acenaram com a cabeça, viraram e foram embora. Silvano de forma discreta se afastou um pouco de nós dois. Ela colocou as mãos na cintura, apertou os olhos em minha direção, depois balançou a cabeça para os lados como se desistisse de algo, puxou e soltou o ar com força e me fez um pedido.

— Só me beija, não fala nada, porque eu posso desistir.

Ela parecia uma pintura com o mar a suas costas, seu peito subia e descia, tentei não perder o controle, mas depois daquele pedido, tudo deixou de fazer sentido. Eu a puxei para meus braços, a sensação era como se nossos corpos estivessem energizados. Fomos envolvidos pelo barulho das ondas, dando ritmo ao nosso beijo. Eu senti o coração dela batendo junto ao meu e aquela percepção me deixou abalado.

Permanecemos por alguns minutos um nos braços dos outro, entre respirações acirradas, toques indecentes, o fogo do desejo tomando conta de nossos corpos. Quando conseguimos nos afastar um pouco, eu segurei seu rosto e fiz um pedido de trégua:

— Vamos passar esta noite juntos? Eu e você, sem provocações, somente Lorenzo e Anna.

Seus olhos me engoliram com intensidade, ela respirou fundo e me deu um ultimato.

— Eu vou com você, Lorenzo, desde que você não me descarte como um objeto quando estiver saciado. — Um soco na boca do estômago, foi como me senti. — Quero a pessoa por trás de tudo o que você representa. Sem máscara, apenas o homem.

Aquele era um pedido ousado, eu precisava pensar rápido se estava disposto a dar a ela o que estava me pedindo. Meu coração estava disparado,

tentei racionalizar, mas foi impossível. Apenas peguei sua mão e saí a levando comigo. Pela primeira vez na vida, eu seria um homem cheio de desejo por uma mulher. A noite inteira e a manhã seriam dela, depois viveria as consequências.

Capítulo 29

Ele segurou minha mão e saímos sob os olhares de todos naquela praia. Percebi alguns flashes, mas não me preocupei, afinal, estávamos em um show e as pessoas tiravam fotos. O segurança dele andava atrás de nós dois. Parei perto das minhas amigas e me despedi delas. Paola e Helena ficaram boquiabertas olhando para Lorenzo. Este era o efeito que ele causava quando chegava perto das pessoas.

Seu tamanho, as tatuagens, seu jeito de mau. Tudo isto era afrodisíaco para mim, mas assustavam algumas pessoas. Entramos em um SUV preto e eu percebi que ao sairmos, mais dois carros e uma moto nos seguiam.

— Você precisa de tantos seguranças assim?

— Estamos em uma praia, evento aberto, momento propício para meus inimigos.

— E você têm muitos?

Ele sorriu, retirou meu cabelo do meu rosto e balançou a cabeça afirmando:

— Digamos que tenho alguns, seu avô é um deles, Anna. — Eu sorri ao ouvir meu nome e ele justificou. — Anna e Lorenzo, lembra? Cumpro minhas promessas, *bela*.

— Meu avô está enlouquecendo. Só o meu pai ainda está com ele, mas está cada dia mais difícil.

— Não vamos falar do seu avô. Esta noite serei somente um homem que deseja muito uma garota linda e atrevida.

Dei uma risada, mas ele segurou minha mão, levou a boca e beijou todos os meus dedos. Depois ficou imerso em pensamentos até chegarmos a sua casa linda de vidro.

Quando chegamos, fomos recebidos por sua cadela. Ela me olhou desconfiada e Lorenzo nos apresentou.

— Brisa, esta é a Anna, não seja malvada com ela.

A cachorra me cheirou, depois lambeu minha mão e se distraiu com os seguranças que chegaram depois de nós. Lorenzo deu algumas ordens e os dispensou.

Subimos a escada e quando chegamos em frente a grande porta, ele parou, me puxou para os seus braços me dando um beijo de perder o fôlego. Sua língua me devorou e suas mãos passearam por minhas costas. Meu coração disparado, me dava sinal de uma noite com fortes emoções.

Quando ele parou de me beijar e olhou para a minha boca, sem querer passei a língua em meus lábios. Lorenzo me pegou no colo com todo carinho e entramos dentro da casa com ele me carregando.

Ele se sentou no sofá e comigo em seu colo, fez um carinho em meu rosto e beijou meu pescoço. Eu estava com vontade de explorar o corpo daquele homem, então peguei sua mão e de forma lenta comecei a chupar seu dedo médio como se fosse seu pau. Queria enlouquecê-lo de desejo, como nos meus sonhos pecaminosos.

— Hoje eu quero dar as cartas. Posso?

Ele deu um sorriso lindo, puxou o ar pelo nariz, soltou pela boca, abriu os braços e me deu o aval.

— Sou todo seu, Anna. Faça o que quiser.

Os olhos de Lorenzo estavam dilatados, voltei a chupar seus dedos e depois beijei seu pescoço. Abri sua camisa e senti uma fisgada no ventre quando vi seu piercing no mamilo. Com a voz rouca, eu precisei descobrir se ele sempre esteve ali. Passei a língua devagar na joia gelada, levantei a cabeça e olhei para ele.

— Este piercing sempre esteve aqui?

Ele sorriu e balançou a cabeça de forma positiva.

Voltei a lambe-lo e mordisquei de leve o mamilo, fazendo Lorenzo soltar um pequeno gemido. Aquele som me encorajou, desci com a língua por sua barriga, dando uma mordida em sua pele quente e continuei lambendo aquele tanquinho até chegar em sua calça. Ele respirava com dificuldade, se

mantendo imóvel, deixando claro o quanto eu estava no poder.

As mãos dele começaram a mexer em meu cabelo, eu abri seu zíper liberando aquele pinto lindo, lambi toda a base e ver aquela pele rosada, me deixou louca de tesão. Comecei a manipulá-lo de forma lenta, soprando e passando o dente de leve em sua pele. Eu era inexperiente, mas vivia pesquisando na internet como fazer o melhor oral do mundo.

Lorenzo tentou me levantar, mas eu o queria gozando na minha boca. Estava me sentindo liberta, dona da situação e lasciva. Acelerei meus movimentos, chupei seu saco com vontade, enquanto uma das minhas mãos apertava seu mamilo. Ele se controlou até não aguentar mais.

— Se você não parar vou gozar em sua boca, Anna.

— Eu quero, Lorenzo.

Bastou ele ouvir minha resposta para jorrar todo seu sêmen em minha língua. Engoli tudo, enquanto assisti a cena mais surreal de todas, aquele homem entregue ao prazer. Quando conseguiu se recompor, fechou sua calça e me beijou quase me deixando sem ar. Depois me pegou no colo e disse em meu ouvido:

— Vamos para o meu quarto, porque nossa noite só está começando, cremosa. — A voz rouca do homem fez todos os cabelos do meu corpo se arrepiarem. — Você é linda demais, Anna e seu olhar desafiador está me deixando enfeitiçado.

Ele me beijou enquanto subia as escadas, me colocou no chão para abrir a porta do quarto e mal entramos, voltamos a nos agarrar. As cortinas tinham ficado abertas e a luz da lua iluminava o ambiente. Lorenzo me levou até o vidro da parede e encostou meu corpo de frente para o oceano.

Com mãos hábeis, abriu o zíper do meu vestido até ele descer pelo meu corpo. Seus dedos passaram por minha coluna deixando um rastro de fogo. Eu estava com uma minúscula calcinha de biquini.

— Estava doido para te ver assim, bem sensual. Imaginei suas pernas lindas embaixo deste vestido, quis você nua para mim desde a hora em que te vi.

— Lorenzo, eu quero você sem roupa.

Ele beijou meu pescoço, imprensou seu corpo em mim, seu pau estava duro de novo e ele encostou em minha bunda me fazendo arrepiar.

— Calma, Anna, quero te chupar todinha, até você gozar na minha boca. Vou te lamber mais e mais até você implorar para eu te comer bem gostoso.

Só com aquelas palavras fiquei encharcada e mole como uma gelatina. O homem me mordida, beijava, enfiava seus dedos no meu sexo fazendo movimentos loucos no meu interior. Como prometido, me chupou toda, me fazendo gritar de tesão.

Implorei para ser comida, fodida, penetrada. Transamos feito loucos por três vezes. Falei coisas desconexas, gemi, chorei e gozei. Depois de saciados, ele me levou para sua banheira.

— Quero dormir com você e transar de manhã, Anna.

Pensei na loucura que estava sendo nossa noite, mas não tive forças para recuar.

— É tudo que mais quero, Lorenzo, mas fico preocupada com suas regras...

— Regras foram feitas para serem quebradas, Anna. Você vale a pena.

Ele me beijou e, a princípio, o que era só um banho inocente se tornou mais uma rodada de sexo. Nunca tinha feito nada como naquela noite, mas Lorenzo sabia como deixar uma mulher louca de desejo. Quando pensei não ser possível aprender mais nada, aquele homem me levou ao limite, me ensinando os prazeres do sexo selvagem. Ele era habilidoso, carinhoso e muito experiente. Foi uma experiência alucinante, um pouco dolorosa, mas gostosa de um jeito diferente.

Deitamo-nos juntos, cansados e saciados. Ele me puxou para o peito dele, mexeu em meus cabelos e eu acabei adormecendo em seu peito.

Capítulo 30

Ela adormeceu no meu peito enquanto eu mexia em seu cabelo. Com cuidado a coloquei no lugar e permaneci a observando. Anna era uma garota, menina e de forma tão contraditória, uma mulher forte, destemida, corajosa e muito atrevida. Contornei seus traços com os dedos, tão bela, desenhada a mão *per Dio*. Os cabelos dela contrastavam com o lençol branco da minha cama, emoldurando seu rosto.

Olhei para o teto, minha cabeça estava agitada, com mil pensamentos. Lorenzo, que merda você fez? Por que aquela garota me deixava descontrolado? Porra, eu tinha trinta e quatro anos, um homem bem vivido, com experiência, planos definidos e bastou ser afrontado por uma *bambina* atrevida, para perder o foco.

Precisava pensar em algo para me manter longe dela. Uma viagem seria ideal para me afastar, uma vez que eu a encontrava em todos os lugares, parecia obra do capeta. Era isto, eu precisava viajar, conhecer outras mulheres, fazer muito sexo para me desintoxicar. Lembrei-me do nosso amigo Tonny, em Nova York e decidi: eu viajaria naquela semana. Depois da minha decisão tomada, consegui relaxar e dormir.

Acordamos por volta de dez horas. Como combinado, fizemos sexo pela manhã como amantes apaixonados. O mais impressionante, foi que aconteceu, sem planejamento. Ela abriu os olhos sonolenta, coçou as pálpebras, limpando-as e depois sorriu para mim. Eu a beijei como se fosse um vaso de cristal, com todo cuidado do mundo.

Depois ela me encarou de forma intensa, era possível ver o fogo no olhar dela, o desejo e talvez o receio pelo que estávamos fazendo com nossas vidas. Quase fiquei sem ar ao levantar o lençol e ver o corpo dela com a luz do dia entrando por uma fresta nas cortinas. Era como uma pintura, o quadro mais bonito de todos. Ela passou sua mão em meu rosto e disse:

— Bom dia, Lorenzo. Dormiu bem?

— Claro, que sim, melhor impossível.

Ela me puxou para os seus braços, nos beijamos com paixão. Nossos corpos reagiram as carícias mais ousadas, havia fascínio em cada toque, som e suspiro. Mesmo sabendo o que envolvia nossos nomes, parecia tudo tão natural, tão certo.

Enquanto minhas mãos exploravam seu corpo, eu sentia suas unhas em minhas costas como forma de alívio ao desejo. Olhando um para o outro eu a penetrei devagar, sentindo cada centímetro da sua pele. Eu e Anna nos adoramos, devagar, quando ela chegou ao orgasmo, saí de dentro dela e gozei em sua barriga.

A coisa foi tão intensa, ficamos impactados e durante o banho, nos beijamos muito, com sabor de despedida. A volta para casa foi estranha, ela estava encostada em meu ombro, enquanto eu alisava a mão dela. Silvano me olhava pelo retrovisor, com semblante preocupado. Além de meu segurança, ele era um grande amigo.

Para não causar problemas para ela, ele me deixou na casa dos meus pais e depois a levou para a casa da amiga. Nos despedimos com um beijo cheio de significados. No fundo sabíamos o quanto nosso relacionamento era impossível e nocivo um ao outro. O carro saiu e eu fiquei olhando para ele até o perder de vista. Respirei fundo e entrei.

Tentei passar despercebido, mas todos estavam almoçando. Meu pai não me deixou escapar.

— Lorenzo, lave suas mãos e venha almoçar com sua família. Os domingos são sagrados para nós.

— Sim, senhor, papai. Volto já.

Subi as escadas para meu quarto como se o mundo pesasse sobre minhas costas. Não adiantava reclamar, aquela era uma regra inegociável em nosso lar. Voltei para junto deles e aproveitei o momento para anunciar minha viagem.

— Papai, estou pensando em viajar para Nova York dentro de dois dias. Vou visitar Tonny e verificar se vale a pena expandir meus negócios, abrindo uma filial da *Seduzione* em solo americano.

Meu pai e todos da mesa me olharam espantados.

— Não sabia que você estava com esta ideia, filho?

Vicenzo me encarou com seu olhar de águia. O caçula era terrível, ele não deixava nada passar, mas antes dele abrir a boca, Nina foi mais rápida.

— Lo, me leva com você? Estou precisando fazer umas comprinhas para meus sobrinhos.

— De jeito nenhum, eu te conheço, irmãzinha. Não nasci ontem.

— Eu hein, não entendi. Só quero aproveitar a viagem, qual o problema?

Coloquei minha mão no queixo, olhei para ela e a desafiei.

— Tem certeza de que não me entendeu, Nina?

Luciano, o puxa saco da prima, desviou a atenção de todos.

— Prima, vamos descobrir primeiro o sexo dos bebês e vamos eu, meu anjo e você comprar o enxoval. O que acha?

— Acho perfeito, *Luchiano*, ainda bem que tenho você na família.

Olhei para meu primo com cara de poucos amigos, mas mamãe entrou na conversa.

— Lorenzo, vou fazer uma listinha para você trazer para mim, está bem?

Manu aproveitou para pedir também.

— Primo, vou te dar o endereço de uma loja que minha amiga comprou uma boneca de porcelana que ainda não tenho na minha coleção. Você traz para mim?

Ai meu Deus, minha viagem ia acabar saindo mais trabalhosa que eu imaginava.

— Está bem, façam suas listas, eu viajo dentro de dois dias. Vou avisar nossa tripulação para deixar o jatinho pronto.

Meu tio Enrico que até então estava calado, me lembrou de um

compromisso com a família.

— Sobrinho, você está lembrando dos nossos compromissos com os fornecedores?

— Estou sim, titio. Não vou permanecer muito tempo em solo americano. Volto no máximo em sete dias. Tenho o evento da Ferrari no fim deste mês, não posso me ausentar o tempo que queria.

Papai me olhou e eu sabia que não havia conseguido disfarçar que algo estava errado, mas eu comecei a comer como se estivesse morrendo de fome e deixei de ser o alvo da mesa. Sete dias não resolveria meu problema, mas dava para respirar um pouco. Assim eu esperava.

Capítulo 31

Quando Lorenzo me beijou ao descer do carro, eu sabia que era um adeus. Cometemos o erro de nos deixar levar pelo desejo e acabamos correndo o risco de nos apaixonar. Eu sabia o quanto estava complicado para ele, pois as emoções dele refletiam as minhas. O homem despido de sua armadura do poderoso herdeiro da máfia, era transparente e envolvente.

Vive durante dez horas minha cota de prazer para uma vida. Nós transamos ao todo seis vezes e em cada uma delas, descobri novas sensações seguidas de emoções. Nossos corpos conseguiram se comunicar de forma plena, sendo guiados por pura emoção. Minha pele se arrepiava a cada contato, experienciar seus toques deixaram em mim marcas profundas. Era como se Lorenzo estivesse impregnado em minhas células.

Eu não queria conversar, enfrentar o interrogatório das minhas amigas. Aquela noite tinha sido especial demais para dividir as lembranças dela com alguém. Ela seria somente minha e dos meus momentos de recordações.

— Silvano, você pode parar comigo em frente aquela loja depois da padaria?

— Claro, senhorita.

Quando ele estacionou, eu abusei um pouco mais de sua cordialidade.

— Não vou demorar, pode me esperar, por favor?

— Claro, estou à sua espera.

Ele saiu do carro, abriu minha porta e ficou encostado no carro me observando enquanto entrava na loja.

Se eu chegasse em casa com aquele vestido, era perigoso ser enviada a um convento. Comprei uma calça jeans, camiseta preta com desenhos de borboletas azuis, as minhas favoritas. Vesti a roupa na loja e voltei para o carro.

— Você sabe onde é minha casa?

— Sei sim, senhora.

— Pode me levar para lá? Prefiro que me deixe em casa.

Ele balançou a cabeça concordando e entrou na rota onde me levaria para meu calvário. Nunca pensei em ter tanto desprazer em retornar para minha casa. Eu não tinha mais um lar e sim um lugar de opressão e cobranças descabidas. Bastou adentrar a sala principal, para começar a inquisição.

— Isto são horas de uma moça direita chegar em casa, Anna?

Meu avô estava sentado no sofá, fumando charuto e provavelmente esperando a hora do fatídico almoço em família.

— Bom dia, vovô. Eu estava na casa da minha amiga, conforme comuniquei aos meus pais e cheguei antes do horário marcado para estarmos todos juntos a mesa.

— Não brinque comigo, mocinha. Eu sou o chefe desta família e seu avô.

— Não estou brincando, vovô, só estou falando com o senhor.

Era melhor não subir o tom de voz com ele, não estava disposta a brigar naquela hora da manhã.

— Poço saber por que a senhorita não voltou com os seguranças? E quem era o rapaz que os interpelou?

Fodeu! O que eu ia dizer? Pensei rápido e contei uma meia verdade.

— Não voltei porque estava assistindo um show com minhas amigas e seus primos. O rapaz era o primo da Paola.

Ele me encarou com pálpebras apertadas, coçou a cabeça, soltou o ar com força e não me questionou.

— Está bem, desta vez eu vou te perdoar, mocinha. Estou de olho em você, não me faça perder a paciência. Suba, lave as mãos e chame seus pais para o almoço. Vou pedir para servir, porque sua mãe é uma incompetente. Não aprendeu nada com a mãe dela.

Balancei a cabeça e subi para meu quarto. Vovô vivia implicando e desvalorizando minha mãe, ela devia amar muito meu pai para aceitar aquilo. Assim que entrei em meu quarto, ouvi toques na porta, sabia que era minha mãe.

— Entre, mamãe, está aberta.

— Como sabia que era eu, filha?

Sorri para ela, eu amava minha mãe, mesmo com sua submissão ao meu avô.

— Conheço seu toque e seu perfume, dona Mirella.

— Oh, filha, me desculpe ter sido dura com você naquela noite.

— Esquece, mamãe. Eu também não deveria ter te desrespeitado como fiz. Estou cansada, muito cansada de viver sobre os mandos do meu avô.

— Eu sei, filha. Ontem, eu e seu pai conversamos muito. Vamos dar um jeito, estamos ganhando tempo com seu avô. Só te peço que confie em nós, não vai haver casamento.

Meu coração disparou em meu peito, quase me fazendo tossir, tamanha palpitação.

— Como assim, mamãe? O que você está me dizendo?

— Isto mesmo que você ouviu, filha. Só te peço para fingir que concorda com tudo que seu avô diz, está bem?

Corri para ela e a abracei. As lágrimas desceram sobre meu rosto sem nenhum controle. Era um choro de alívio.

— Obrigada, mamãe. Eu amo você e o papai. Não tenho palavras para agradecer.

— Querida, você é nosso maior tesouro, não aguentava mais presenciar seu brilho apagando a cada dia. Você é como o sol, Anna. Nasceu para brilhar e alegrar as pessoas. Eu e seu pai não vamos permitir as atrocidades do seu avô. Só te peço para confiar.

Descemos para o almoço abraçadas e encontramos papai discutindo com vovô alguma coisa sobre aumentar o valor do pagamento aos fornecedores. Quando nos viu, meu avô encerrou a conversa.

— Não vou mudar de ideia, César. Agora cala sua boca e vamos almoçar em paz.

Observei o olhar contrariado do meu pai para minha mãe e ela fez um sinal discreto a ele pedindo calma. Almoçamos sem quase falar nada, só quase no fim do almoço vovô avisou que iríamos à missa em homenagem a *Nossa Senhora de Caravaggio*.

Depois do almoço subi para meu quarto, coloquei Katherine Jenkins com a música *Jealous of the Angels* para tocar. A música começava dizendo:

Eu não sabia que hoje seria a última

Ou que eu teria que dizer adeus a você tão rápido

Estou tão entorpecido, não posso sentir...

Eu estava aborrecida por viver momentos intensos e não poder desejar mais. Digitei o nome de Lorenzo em um site de pesquisa e passei quase uma hora vendo suas fotos e matérias. Aquele homem era lindo demais. Seu jeito selvagem, com ar de autoridade, era orgástico. Acabei adormecendo e só acordei quando minha mãe me chamou com meu celular na mão.

— Filha, você dormiu com celular. Meu Deus, vocês não largam estes aparelhos um minuto, nem para dormir?

— Dona Mirella, eu estava vendo umas fotos e apaguei. Vou tomar banho e em meia hora estou pronta.

Pulei da cama, beijei a testa da minha mãe e corri para o banheiro, mas ainda consegui ouvir minha mãe.

— Não se atrase, o padre não espera para começar a missa.

Tomei um banho rápido e escolhi uma saia longa vermelha, coloquei bota preta e uma blusa preta de gola alta. Fiz um coque frouxo no cabelo, passei uma maquiagem leve e desci para acompanhar a família. Chegamos à

igreja, cumprimentamos algumas pessoas e como de costume, nos sentamos na segunda fileira a direita do altar.

A situação mais contraditória de todas, era ver meu avô ajoelhado, rezando, antes da missa começar. Se pelo menos ele estivesse pedindo perdão pelos pecados, mas eu tinha certeza de que ele não tinha uma célula arrependida no corpo. O padre começou seu sermão falando do amor ao próximo, da união dos povos e eu continuava sem entender onde aquilo cabia para os mafiosos que lotavam a igreja.

Quando começamos a cantar, olhei para o lado esquerdo e me deparei com uma cadeira de rodas a frente, na primeira fileira e uma senhora muito bonita com a mão no ombro do marido e quando olhei para o outro lado, quase desmaiei: Lorenzo me olhava de um jeito sério. Não me deu nenhum pequeno sorriso, só me escrutinou ao lado do meu avô e se virou para a frente.

Minha sensação foi de uma facada no peito. O sonho havia acabado. Ele me prometeu somente uma noite e mais nada.

Capítulo 32

Estava no meu quarto ouvindo *Suffocation Blues* do Black Pistol Fire em último volume no meu fone e dançando feito uma louca. A raiva tomava conta de mim e para gastar minha energia acumulada, eu me sacodia de forma sensual em frente ao espelho e dublava o cantor. Lorenzo sabia ser insuportável quando queria. Custava me levar com ele na viagem?

Eu não conseguia acreditar na promoção do Matteo. Tudo me fazia acreditar no dedo do meu querido irmão ciumento. Bastou ele desconfiar do meu envolvimento com o policial, que inclusive, era amigo dele e dos meus primos, para meu namorado receber um convite para passar um ano se especializando nos Estados Unidos.

Lorenzo era terrível quando cismava com algo. Meu irmão era conhecido e respeitado por pessoas em todos os meios e a cada descoberta minhas desconfianças aumentavam. Meu namoro com Matteo, foi como um meteoro, mal tivemos tempo de avançarmos em nossos momentos juntos. Eu continuava pura como vim ao mundo, quer dizer, com o corpo intacto, mas era cada pensamento impuro, que eu não tinha coragem de contar.

As chamadas de vídeo não estavam mais servindo para matar a saudade do meu policial *bello*. No fundo eu tinha medo dele se apaixonar por uma americana e esquecer de mim. Eu precisava arrumar um pretexto para viajar sozinha, sem a mala do meu irmão. Aliás, alguma coisa estava incomodando meu digníssimo irmão. Ele andava calado e menos playboy, se é que isto é possível.

Lorenzo era o típico lobo mau. Como dizia minhas amigas da faculdade: “ele enxergava melhor, cheirava melhor, ouvia melhor e comia melhor”. Eu odiava saber das noitadas delas tentando seduzi-lo. O Lo tinha aquele jeito malvadão, todo hardcore, mas eu tinha certeza de que o dia que uma mulher tomasse o coração dele, ia virar um cordeirinho.

Mamãe sempre contou sobre as semelhanças entre ele e meu pai. Adorava ouvir como dona Carlota, derrubou o coração do pegador Freddo Bernardeschi. Como minha mãe dizia: ainda ia aparecer uma Carlota na vida

do meu irmão e eu andava desconfiada que ela havia aparecido.

Saí do meu momento loucura, quando Antonella com seu jeito tímido abriu a porta do meu quarto.

— Posso entrar?

Desliguei a música, tirei meu fone e sorri para ela.

— Claro, entra prima. Estava me matando de dançar, para não matar meu irmão idiota.

Ela deu uma risada e se sentou em minha cama. Eu permaneci de pé recuperando a respiração.

— Acho graça de como vocês dois são parecidos.

— Está doida, Nella? Não pareço em nada com aquele cabeça dura.

Ela deu uma gargalhada e suspirou.

— Bom, eu vim até aqui para te contar a minha ideia para você ver seu policial.

Ela conseguiu chamar minha atenção com aquela fala. Eu coloquei a cadeira da minha penteadeira em frente a ela e me sentei.

— Estou te ouvindo atentamente, prima.

Ela segurou minha mão e contou seu plano.

— Vou pedir a sua mãe, para você me acompanhar até Nova Iorque. Eu quero comprar algumas coisas para meu enxoval e preciso de você.

— Adorei sua ideia, mas meu primo vai deixar você ir sozinha comigo?

Ela sorriu de um jeito conspirador.

— *Luchiano* sabe do seu namoro com Matteo e vai ajudar vocês dois.

Meus olhos quase saíram da órbita.

— Virgem Santa, meu primo sabe desde quando?

— Desde o atentado do seu pai e do meu sogro. Matteo contou a ele no hospital. Fica tranquila, porque o *Luchiano* gosta demais daquele policial e de você.

Eu saí da cadeira e a abracei apertado. Depois olhei para ela e contei como eu era terrível antes.

— Sabe Nella, quando eu era mais nova, vivia infernizando seu marido, mas depois fui crescendo e mudando. Tenho até vergonha de dizer, mas eu era terrível.

Ela deu uma risada e passou a mão delicada pelo meu rosto.

— Não precisa me contar nada, *Luchiano* me contou.

— *Dio mio*, que vergonha. Por que aquele linguarudo foi te contar?

— Relaxa, Nina. É passado. A gente cresce e muda.

— Alguém já te disse que você é um anjo?

Ela deu um sorriso doce, suspirou e me disse:

— Seu primo, ele me fala todos os dias.

— Nossa, vocês dois são melados, credo.

Ela deu sua risadinha típica e depois passamos um tempo combinando os detalhes da viagem. Ela e *Luchiano*, pediriam a minha mãe e por isto, Lorenzo não ia se meter. A chegada de Antonella em nossa vida, trouxe alegria para todos, pois além dela ser uma querida, tinham três bebês crescendo em seu forninho.

O fato dela ser Faustino não fazia diferença, até porque ela nunca conviveu com os *maledettos*. Terminamos nossa conversa combinando os detalhes do chá de revelação dos três bebês. Vivenciei a melhor sensação de todas quando Antonella de repente puxou minha mão e colocou na barriga dela.

— Ahhh meu Deussssss, eu senti os bebês mexendo. Antonelllllaaaaaaa, que delícia. Eu não sabia que já dava para senti-los.

Ela sorriu com olhos brilhantes.

— Sentimos a primeira vez ontem à noite. Eu estava na cama com a barriga encostada nas costas do *Luchiano*, quando eles resolveram nos brindar com estes movimentos. Nossa! Foi surreal! Nós dois ficamos emocionados.

— Uauuuuu, é muito legal. Eiii bebês, eu sou a tia mais linda que vocês terão. — E senti de novo os movimentos e foi o melhor momento do dia.

O destino e suas artimanhas. Como dizia o filme: a vida era uma festa.

Capítulo 33

Encontrar a Anna junto a família e o avô *maledetto*, jogou em minha cara o quanto nós dois éramos impossíveis juntos. Ela me olhou com uma expressão sedutora, cheia de saudades, mas eu não pude retribuir. Eu havia feito uma promessa a ela e cumprido, mas não haveria mais replay. Voltei para casa disposto a esquecê-la.

Aproveitei não ter compromissos naquela noite, para arrumar minha mala. Mais do que nunca eu precisava me afastar. Avaliei relatórios de entrada e saída das casas noturnas. Mande e-mails para meus gerentes informando sobre minha viagem e dando algumas coordenadas sobre as datas das próximas promoções. Depois liguei para o meu amigo Tonny, dizendo a ele da minha viagem e combinando nosso encontro.

Terminei tudo e continuei agoniado. Olhei no relógio e ainda não havia passado das vinte e duas horas. Lembrei-me de um clube de luta clandestino onde Silvano costumava lutar. Peguei minha carteira, minha mochila que tinha tudo que eu precisava e desci para encontrar com meu segurança.

Ele estava em frente à minha casa conversando com nossa governanta. Eu andava desconfiado daqueles dois. Assim que ela me viu, entrou na casa.

— Silvano, nesta noite tem luta lá no clube?

— Tem sim, chefe. Hoje é a noite dos desafios.

— Ótimo, vamos até lá, estou precisando dar umas porradas em alguém.

— Então, estamos indo para o melhor lugar.

Entrei na SUV preta, acionei a música *Unstoppable* do The Score e aumentei o volume. Eu costumava lutar para descarregar a adrenalina, a raiva e o que eu precisasse. Gostava daquele clube, porque os homens não facilitavam para mim e eu estava cachorro doido naquela noite.

Chegamos ao posto de gasolina e estacionamos próximo a loja de bebidas, onde acontecia as lutas no porão. Os policiais faziam vistas grossas, pois todos sabiam sobre a existência do clube de lutas, mas ninguém estava disposto a se indispor com os frequentadores. Gente da pior espécie.

Descemos as escadas e o cheiro de bebida, cigarro, maconha e sangue tomaram conta do meu olfato. Perguntei a Silvano quem era o lutador principal da noite e quando ele voltou com a informação, me animei para desafiá-lo. Alessandro, o noivo da Senhorita Encrenca.

Eu havia investigado a vida dela e descoberto sobre o noivado arranjado com o cara mais filha da puta da Sicília. O *maledetto* Domenico Faustino estava a cada dia mais atolado em dívidas e meus homens descobriram ainda uma armação do noivinho com uma milionária de Londres.

Ele não pretendia se casar com a Anna e mesmo que quisesse, ela não parecia disposta a aceitar. Minhas fontes me informaram que ele era o rei da orgia e o homem da BMW, rival da Scuderia que eu investia.

— Silvano, este babaca costuma frequentar este clube?

— Sim, chefe. Disseram que ele é imbatível.

O combustível perfeito para mim. Eu seria o homem a acabar com ele.

— Pois diga aos seus amigos, que hoje ele não irá vencer. Eu o desafio.

Silvano me olhou espantado e depois sorriu. Meu segurança conhecia meu potencial matador. Ele foi o homem que me treinou. Fui para um espaço reservado aos lutadores e me deparei com o babaca. O homem teve a coragem de me encarar e depois cuspir no chão. Retribuí com um sorriso sarcástico, porque no fim ele cuspiria todos os dentes.

Entreí atrás em um espaço atrás de um armário de ferro que servia como repartição para cada lutador. Retirei meu short da mochila, troquei de roupa e Silvano me preparou para o embate. A luta era livre, os lutadores não podiam usar proteção, calçado e luvas. Era pele contra pele.

Pulei, dei alguns socos em meu corpo. Silvano treinou um pouco comigo, depois de vinte minutos, anunciaram a última luta:

— O desafiante da noite, Cachorro Louco, contra Escorpião Branco.

Eu estava muito doido naquela noite. Não me lembrava de ter vivido nada parecido na minha vida. A garota Encrenca descontrolou meu mundo equilibrado e eu precisava dar um jeito de subtraí-la do meu sistema.

Quando entrei no ringue, a mulherada gritou, talvez no fim eu saísse com alguma puta daquele lugar. Sexo hardcore, lascivo, sem nenhum cuidado, era disto que eu necessitava.

O juiz falou as regras, que aliás, eram poucas e nos liberou para o combate. Entramos em luta corporal, socos, pontapés, chutes, tudo era permitido. No começo estávamos no mesmo nível, depois dos primeiros quinze minutos, dei a ele um pouco de confiança, facilitando alguns golpes. Eu estava precisando de tomar umas porradas para colocar o cachorro louco para fora.

O juiz parou a luta para o intervalo antes do segundo round. Tomei um pouco de água enquanto encarava o homem. No meu pensamento veio a imagem dele com as mãos na bunda da Senhorita Encrenca e o cachorro louco acordou feroz. Voltamos à luta e eu parti com tudo para cima do branquelo. Passei por cima dele como um rolo compressor, sem dar nenhuma chance de revide. A luta já tinha durado tempo demais para meu gosto.

Cinco minutos e ele foi ao chão desmaiado. Eu gritei, bati a mão no peito e antes mesmo do juiz levantar meu braço como o ganhador da noite, eu pulei as cordas e saí rumo ao vestiário improvisado. Limpei o sangue que saía de um corte do meu supercílio e vesti minha roupa. Silvano me olhava sem entender o que estava acontecendo comigo, mas eu não queria papo.

Quando saí do cubículo onde ficavam os lutadores, algumas mulheres se jogaram para cima de mim. Olhei para elas, mas a filha da puta da Senhorita Encrenca surgiu em meu pensamento. Mulher dos infernos, ela deve ter me enfeitado.

— Vamos embora, Silvano. Acabou a noite.

Ele só balançou a cabeça e saiu abrindo caminho para que eu

pudesse sair daquele local sujo.

Quando cheguei em casa, a noite estava fria para caralho. Resolvi apagar meu corpo incendiado na piscina. Naquela hora todos estavam dormindo, então arranquei minha roupa e pulei nu na piscina. Nadei por quase meia hora, depois saí da água, vesti minha calça e subi para meu quarto. Aquela noite estava acabada.

Capítulo 34

Dormi um sono pesado, daqueles que não descansam. Acordei cedo como de costume, tomei banho e me vesti para um dia de negócios. Olhei no espelho e meu rosto não estava dos piores. Apenas um pequeno roxo perto do olho onde havia machucado e um pequeno corte na boca.

Cheguei à mesa do café da manhã e antes de me sentar, minha mãe me deu um recado nada animador.

— Lorenzo, seu pai está te esperando no escritório. — Olhei para ela com uma sobrancelha arqueada e minha irmã deu sua contribuição irritante.

— É irmãozinho, a coisa nesta família está ficando cada dia mais interessante.

— Nina, cala a boca? — Mamãe esbravejou com ela.

— Vou para o escritório ver o que papai quer, perdi a fome.

— Lorenzo, sente-se e tome seu café em paz. O seu pai não vai sair de lá. — Olhei para mamãe e desisti de contestá-la. — E onde foi que você se meteu para estar machucado assim?

— Nada demais, mamãe. Estava treinando luta com Silvano e ele levou a melhor, só isto.

Minha irmã me olhou ressabiada, mas eu a encarei deixando claro que não estava bom para brincadeiras. Ela revirou os olhos e continuou comendo sua salada de frutas.

Eu me sentei e tomei o café da manhã sem nenhuma vontade, mas minha mãe não me daria paz se eu não a obedecesse. Nos negócios nós mandávamos, mas naquela casa ela dava a última palavra. Depois de satisfazê-la saí em direção ao escritório.

Dei dois toques de leve na porta e entrei. Papai estava atrás de sua mesa, lendo o jornal, quando me viu fez sinal para eu me sentar à sua frente. Quando me sentei, ele dobrou o jornal e me olhou por alguns segundos intermináveis. Eu não sabia qual era o problema, mas mantive meu olhar no

dele. Papai respirou fundo e soltou o ar pela boca, em seguida me entregou o jornal dobrado na página da coluna social de um fofoqueiro de plantão e me arguiu:

— Pode me dizer o que significa isto, Lorenzo?

Olhei para a matéria a minha frente e não acreditei na fotografia estampada em tamanho grande. O fotógrafo conseguiu uma imagem da apresentação no momento em que nós dois ríamos um para o outro. A matéria dizia da inauguração da loja, mas no fim anunciava sobre um casal inusitado surgindo na Sicília e ao lado uma pequena foto de nós dois nos beijando na praia.

Dobrei o jornal, tentei pensar em algo, mas nada veio a minha cabeça. Eu estava cansado da turbulência em meus dias, então resolvi lidar com calma com a situação.

— A matéria é explicativa, papai.

— Não se faça de bobo, Lorenzo. Esta é a neta daquele *maledetto*, uma Faustino. Qual o problema desta família? Todos os homens resolveram se unir aqueles infelizes?

— Antonella não é Faustino, papai, e o senhor sabe disto.

— Mas esta garota é, Lorenzo. Você ainda não me respondeu, preciso me preocupar?

— Não papai, não precisa. Foi só esta noite, não temos nada um com o outro.

— Lorenzo, seu pai já viveu demais para não se preocupar com esta foto onde vocês se olham como dois apaixonados.

Quando ouvi meu pai falando daquele jeito, perdi a cabeça. Eu me levantei, olhei para ele e acabei com aquele assunto.

— Papai, com todo o respeito, mas não tem nada disto nesta foto. Somente duas pessoas apresentando um evento onde por coincidência fomos convidados. Preciso sair, me dê licença. — Virei as costas, mas antes de sair ainda ouvi meu pai falando.

— Não acredito em coincidências, meu filho.

Olhei para ele, respirei fundo e saí daquele escritório pior que entrei. Resolvi dirigir minha menina para me acalmar, aquilo sempre me acalmava. Silvano estava perto dos carros e eu disse a ele para me escoltar. Quando estava chegando perto do carro, ouvi Antonella me chamando. Olhei para trás e ela estava perto da fonte. Eu me virei e fui até ela.

— Lorenzo, podemos conversar um pouco?

— Claro, Nella. Vamos nos sentar e você me diz o que está te deixando com esta ruguinha na testa.

Ela sorriu, eu dei o braço para ela, que segurou em mim e andamos juntos até uma mesa próximo a piscina. Quando nos sentamos, eu olhei para ela e percebi como estava constrangida.

— Querida, seja lá o que estiver te deixando encabulada, saiba que nada neste mundo me assusta. Estou aqui para o que precisar. Aquele meu primo te magoou? Se for isto me fala que vou lá quebrar a cara dele. — Ela deu uma risadinha engraçada, que era típica dela.

— Não, é mais fácil eu fazer algo com ele. *Luchiano* é o melhor marido do mundo, mas o que me trouxe a você, não é meu casamento. Eu vi o jornal, Lorenzo. — Ai meu Deus, mais uma com a história deste jornal? Olhei para ela e não falei nada, esperei para ver qual era a questão dela. — Você sabe que a Anna é minha prima, não é Lorenzo?

— Sei sim, Nella.

— Não quero me meter na sua vida, só quero te pedir para me ajudar a encontrar com ela. Anna e os meus tios, pais dela, eram as únicas pessoas que me amavam naquela casa.

Olhei para ela sem saber como fazer aquilo, porque só naquele momento me dei conta de não ter o número do telefone da Senhorita Encrenca. Porém, resolvi aproveitar para descobrir um pouco mais da vida dela.

— Você conheceu o noivo da sua prima?

— Eu o vi algumas vezes, mas nunca conversei com ele. A Anna foi

criada protegida do mundo, ela sonhava com seu príncipe encantado, mas ele nunca me convenceu.

— Ela não me pareceu esta menina sonhadora.

— acredite em mim, Lorenzo, ela era esta menina. Se não está mais assim, algo deve ter acontecido. Desculpe-me minha intromissão, mas vocês estão juntos?

— Não. Nós dois fizemos algumas loucuras, mas acabou. Somos incompatíveis. — Ela me olhou com sobrancelhas arqueadas. — Nella, é complicado. Eu vou dar um jeito de fazer vocês duas se encontrarem. Eu prometo.

Ela me deu um abraço carinhoso e sorriu.

— Obrigada, Lorenzo. Você não sabe como estou com saudades daquela maluquinha.

— Eu posso imaginar, querida.

Ela saiu andando em direção a sua casa e eu respirei fundo. Força Lorenzo, é só um encontro entre as primas, nada mais que isto.

Capítulo 35

Sáímos da missa e passamos por uma pizzaria. Eu não estava com a mínima vontade de passear em família, mas meu avô insistiu. Meus pais conversaram amenidades enquanto aguardávamos a pizza e eu tentava fingir interesse na conversa. Minha estratégia não me livrou dos questionamentos do vovô.

— Anna, tem falado com seu noivo?

— Tem dois dias que não consigo me comunicar com ele, vovô. O celular dele está sempre desligado.

— Estranho, não acha?

Sendo honesta, eu dei graças a *Dio* quando ouvi a mensagem de celular desligado ou fora de área, mas precisava fingir a noiva preocupada como combinado com minha mãe.

— Sim, vovô, inclusive estou preocupada com ele.

— Amanhã cedo vou ligar para o pai dele. Não estou gostando desta história do seu noivo viajar sem antes comunicar conosco.

Meu pai mudou o rumo da conversa, me deixando livre das perguntas sobre o Alessandro. Minha cabeça estava longe dali. Eu não conseguia parar de pensar na melhor noite da minha vida. Lorenzo carinhoso era como estar no paraíso. Só de pensar no piercing em seu mamilo, sentia meu baixo ventre se contrair. Eu estava viciada no corpo daquele homem e não sabia como ia viver sem prová-lo de novo.

Enquanto meu pai falava de negócios com meu avô, me distraí vendo o telão da pizzaria, onde passava um vídeo da música *Tutto questo sei tu*. A letra dizia o que estava em meu coração:

Quanto custa ter você dentro

É como o imenso

É o igual e o diferente

Tudo isso é você

Suspirei fundo e chamei a atenção de todos a mesa.

— O que foi, filha? Estou te achando triste.

— Não estou triste, papai, só cansada.

Meu avô me escrutinou com seu olhar de águia, mas eu me mantive com a expressão em branco. Por fim, ele voltou para sua pizza, me deixando em paz. Depois de quase duas horas, voltamos para casa. Naquela noite demorei a dormir, virei na cama várias vezes. Era como se meu corpo estivesse febril.

Ele havia me prometido uma noite, mas eu não sabia como passar pelo turbilhão Lorenzo Bernardeschi e continuar a viver a minha vida sem graça. Depois da noite na boate, onde cometi a loucura de me entregar sem nenhum juízo, tudo se complicou para mim. Eu o desafiei, provoquei, mas acabei caindo na minha armadilha. Depois de me martirizar, acabei dormindo.

Acordei com mamãe me chamando. Eu não havia dormido quase nada a noite toda e minha cabeça estava doendo. Abri os olhos com dificuldade e olhei para minha mãe. Ela estava sentada ao meu lado segurando uma folha de jornal.

— Filha, acorda. Preciso conversar com você sobre esta matéria. Graças a Deus recebi o jornal e consegui retirar esta folha sem ninguém perceber.

Sem energia, me sentei na cama, esfreguei meus olhos e tentei entender o que mamãe falava com tanto desespero.

— Você está falando sobre o quê, mamãe? Não estou entendendo nada. Jornal? Ninguém viu. Explica direito.

— Anna Faustino, olhe para esta matéria na coluna social e me explique o que é isto?

Peguei a folha na mão dela e quando meus olhos se dirigiram para a foto principal, meu coração quase parou de bater. Que merda era aquela? Li toda a matéria com o coração aos pulos no meu peito. Quem era o paparazzi

filha da puta que fez a foto do beijo? Terminei de ler, puxei o ar pela boca com força e olhei para minha mãe.

— Eu não tenho como explicar nada. Foi um evento da New Sports, nós dois fomos convidados para apresentar. Só isto.

— Não se faça de besta, Anna. Quero saber desta história de novo casal. Filha, este é Lorenzo Bernardeschi, um playboy cafajeste, inimigo de nossa família e muito mais velho que você.

— Ah mamãe, pode parar. Meu pai é quinze anos mais velho que você.

— Anna...

— Desculpe-me mamãe, mas é verdade. E antes que me pergunte, não. Eu e ele não estamos namorando. Foi só um beijo no lugar e hora errada.

Minha mãe passou a mão pelos cabelos, respirou fundo, fechou os olhos e depois quando abriu, me olhou desconfiada.

— Filha, o que está acontecendo com você?

— Nada, mamãe, nada. Foi só um beijo, está bem. Mais nada. Agora deixe-me arrumar, pois preciso tomar café e me correr para a aula.

Quando mamãe saiu do meu quarto, mandei mensagem para as meninas que estavam bem bravas por eu não ter contado nada da noite com Lorenzo.

Estudávamos juntas na mesma faculdade e no mesmo curso. Fazíamos Direito. Helena coagida pelo pai Juiz, eu por não saber o que queria da vida e Paola? Bom, esta era a mais decidida. Queria ser delegada, segundo ela, a mais fodona de todas.

Eu passei tempo demais vivendo o sonho de ser a esposa perfeita para meu noivo príncipe. Coitada de mim. Iludida por um noivo inexistente, com raiva da vida e tentando viver sem medo de errar, mas me ferrei. Fato. Ferrada e atropelada por um mafioso playboy.

Capítulo 36

Meu pai me pediu para adiar a viagem, segundo ele, espalhava nos bastidores, um movimento de represália por parte dos fornecedores, tudo por causa do *vecchio maledetto*. Não estava nos meus planos cancelar a viagem, mas eu não podia me isentar das minhas responsabilidades.

Afinal de contas, eu era um homem ou um rato? Homens aguentam o tranco, ratos escondem nas suas tocas. Avisei meu amigo Tonny que não viajaria mais naquela data, ele entendeu meus motivos e nos despedimos prometendo nos encontrar o mais rápido possível.

Eu e Luciano passamos o dia revisando os relatórios de contabilidade dos negócios da família. Controlávamos com pulso de ferro, as entradas e saídas de bebidas, armas e drogas. Não dava para deixar na mão dos nossos soldados. Vincenzo era responsável por monitorar as transações das outras famílias, para verificar senão havia desvios de conduta.

Os negócios aconteciam de forma harmônica, mas meu irmão era obcecado por vigilância e controle. No fim do dia, saímos para a esperada reunião entre nós e o segurança, aliás, pai de Antonella. Precisávamos terminar de costurar aquela colcha de retalhos, porque alguma coisa estava faltando para esclarecer aquela história. Conversei com mamãe para que ela nos ajudasse a segurar Antonella longe do marido por algumas horas.

Chegamos no escritório e encontramos com nossos pais nos esperando. Luciano chamou o segurança e quando ele chegou se espantou com todos o aguardando.

— Boa tarde senhores, estou à disposição.

— Senta-se aí, Gian. Queremos conversar com você sobre um assunto delicado. Vamos precisar fazer uma viagem ao passado.

Ele olhou para todos com uma expressão confusa, mas se sentou e aguardou. Homens treinados pelo exército, sabiam conter a ansiedade e aguardar comandos. Meu tio Enrico foi o primeiro a falar.

— Gian, você se lembra de quando estive na guerra? Há quase vinte anos?

Ele franziu a testa, mordeu os lábios e depois balançou a cabeça.

— Eu me lembro de tudo, até o momento em que fui transferido para outro hospital de campanha, mas por que a pergunta?

— Você vai entender, meu amigo. Quero te mostrar uma foto.

Estávamos apreensivos, porque sabíamos o peso daquela informação. Ele descobriria que o amigo havia se casado com a mulher da sua vida e assumido a filha dele. Meu tio abriu a gaveta de uma das mesas e retirou uma fotografia antiga e desbotada onde havia três amigos abraçados.

Quando ele a entregou, o homem à nossa frente a olhou primeiro sem nenhuma emoção, mas bastou alguns segundos para sua expressão se tornar surpresa.

— Meu Deus, como conseguiu esta foto, senhor Enrico? — Meu tio puxou o ar com força, ele estava visivelmente emocionado.

— Soldado Rico Bernardeschi, se apresentando Senhor.

O rosto do homem empalideceu ao ouvir aquela informação. Ele balançou a cabeça algumas vezes de um lado para o outro em uma negativa da informação. Meu tio se levantou, foi até ele e o entregou as duas medalhinhas. Ele olhou para elas sem nenhuma expressão, como se não se lembrasse.

Depois analisou as duas com cuidado e então vimos sua face se transformar em dor, algo estranho estava acontecendo ali. Gian fechou a mão com elas dentro, baixou a cabeça apoiando a testa em seus dedos, enquanto seu peito subia e descia de forma visível.

Permanecemos em silêncio dando a ele o tempo necessário para digerir todas as emoções. Era como se aquele momento fosse um gatilho para ele.

— Eu só me lembrava do acidente, de Francesco me carregando por horas e depois um branco... — ele parou de falar e permaneceu puxando o ar pelo nariz e soltando pela boca.

Luciano se levantou e foi até ele colocando a mão em seu ombro.

— Senão quiser continuar, podemos conversar depois, Gian.

— Não, eu preciso saber de tudo, *Luchiano*. Depois que *Francesco* voltou, alguns dias depois íamos ser transferidos para outro hospital e daí em diante, tudo se apagou... não me lembrava de nada. Acordei do coma sem história — ele passou a mão pelo rosto, olhou para o meu tio e continuou — *Dio mio*, havia minha noiva, um bebê... deixei estas medalhinhas com vocês para encontrá-la. Vocês não a encontraram?

— Antes de te responder, preciso te dizer, que só descobrimos quem você era quando encontramos a segunda medalha. Gian, quando *Francesco* voltou a base, alguns dias depois fomos informados da sua morte. Recebemos a notícia de um atentado a ambulância que transportava os soldados feridos e você estava na lista.

— Só soube depois de dois meses... fui o único sobrevivente, mas quando nos encontraram, acharam que todos estavam mortos.

— Gian, o que temos para te contar, vai mudar sua vida. Só te peço que me ouça até o fim.

Ele balançou a cabeça, enquanto todos nós estávamos apreensivos. Meu primo Luciano se sentou ao lado dele para apoiá-lo e como todos permaneceram calados, eu tomei frente da situação.

— Gian, nós começamos a juntar as peças, quando *Luchiano* apareceu com uma destas medalhinhas. No início não entendemos por que o pai dela deu a ela a joia junto com nosso endereço. Foi então que *Vichenzo* disse ter visto uma junto aos guardados do pai.

Gian estava dando sinais de nervoso, pois balançava a perna de forma contínua.

— Eu não estou entendendo, Lorenzo. Por que a outra medalhinha estava com o *Luchiano*?

Olhei para o meu primo e ele fez sinal de que continuaria.

— Gian, não estava comigo e sim com a Antonella. *Francesco*, pai dela, entregou a ela antes de morrer e disse que algo acontecesse a ele, ela

precisava procurar este endereço.

O segurança balançou a cabeça, respirou impaciente, abriu as mãos como se pedisse explicações.

— Será que vocês podem ser mais claros? Eu não estou conseguindo entender nada.

Meu primo respirou fundo, olhou para meu tio Enrico que fez um sinal sutil para deixá-lo falar.

— Gian, não tem como falar isto de outra maneira. Depois da guerra, o *Franchesco* encontrou sua noiva, ele achava que você estava morto, então os dois acabaram se apaixonando e se casaram. Ela estava grávida da Antonella. A esposa do *Luchiano*, é sua filha.

Um silêncio absurdo tomou conta da sala. Giancarlo começou a respirar com dificuldade, balançando a cabeça de um lado para o outro, meu primo colocou a mão em seu ombro. Ele baixou a cabeça encostando a testa em seu joelho. Depois de alguns segundos, ele a levantou, prendeu o lábio superior no inferior e meu primo para tentar quebrar o clima tenso brincou.

— Acho que você terá que se acostumar, os papéis inverteram. Você é meu sogro e eu te devo respeito.

Gian sorriu, abraçou meu primo e para nosso espanto, caiu em um pranto sofrido, sem nenhum pudor de se mostrar vulnerável. Aquilo era característica de poucos, assumir a vulnerabilidade frente a outras pessoas. Todos nós nos mantemos em silêncio em respeito a história daquele homem.

Quando ele conseguiu se acalmar, se levantou, foi até o meu tio e nos deixou emocionados.

— Enrico, obrigado por me trazer de volta lembranças escondidas em minha mente. Eu me sentia sem passado, um homem sem memórias e você as trouxe de volta e ainda me deu uma filha linda. Desde o momento em que vi Antonella pela primeira vez, meu coração a reconheceu.

Meu tio tentou segurar o sentimento, mas falhou. Abraçou seu irmão de guerra com todo o seu coração. Foi pesado segurar a emoção naquele escritório, todo mundo estava com olhos marejados. Depois de tudo, meu pai

com sua sabedoria, nos convidou a rezar para a Virgem Santa para agradecer por aquele momento de alegria e reconciliação com o passado.

Depois brindamos com um vinho. Gian estava ansioso para saber como contaríamos tudo a Nella. Luciano explicou a ele sobre a conversa com a médica e encerramos aquela conversa com um abraço entre sogro e genro. Respirei fundo, era muito bom ver uma pessoa fechando as arestas do passado e se reconectando com o presente.

E naquela hora a Senhorita Encrenca veio a minha cabeça. Por que me lembrei daquela mulher? Nunca fui homem de acreditar em destino traçado, mas estava acontecendo alguma coisa diferente e eu precisava descobrir o que era.

Capítulo 37

Como a vida era cheia de imprevistos. Os momentos vividos no escritório quando contamos a Gian sobre o seu passado, foram emocionantes para todos nós. Os heróis de guerra mereciam ter sua história resguardada e meu sogro havia se perdido da dele em função da amnésia.

Presenciar todas as emoções em suas expressões quando ia escutando a trajetória da sua vida, criou entre todos nós uma conexão maior. Minha esposa não sonhava sobre sua verdadeira identidade. Ela não era e nunca foi uma Faustino.

Depois da descoberta de tudo, Gian ainda sofreu relembrando tudo que a filha passou, em função da informação errada de sua morte. Quando o declararam na lista de óbitos, negaram a ele o direito de estar com sua noiva, de ser pai. Eu estava louco para acabar com o miserável que deixou tantas cicatrizes invisíveis, mas tão presentes na vida da minha esposa.

Naquela mesma semana, eu e Gian saímos cedo para ver a médica da Antonella. Contamos de forma resumida toda a história e ela nos disse sobre o ótimo estado de saúde da minha esposa, mas recomendou ir contando aos poucos, gerando indagações sobre a medalhinha, até ela mesma chegar à conclusão.

Quando voltamos para a casa, Gian me olhou de lado e sorriu.

— Qual é a graça, sogro?

Ele deu outra risada.

— Eu não tinha ninguém na vida, agora tenho filha, genro, três netos ou netas chegando e ainda agregados barulhentos. Fala senão sou um afortunado?

— Com certeza, é sim, sogrão.

— *Luchiano*, a vida é uma bagunça, não acha?

— Sim, uma verdadeira baderna.

Ele bateu a mão em meu ombro e continuou filosofando.

— Feliz de quem consegue passar por ela amando e sendo amado. Estamos neste mundo, *Luchiano*, para fazermos conexões, mas só consegue se conectar, quem se permite ser visto, com suas falhas, medos, inseguranças. Quem tem medo de ser vulnerável, não vive.

Respirei fundo e soltei o ar pela boca.

— Profundo, mas real. Quando eu me recordo como Antonella chegou em minha vida, um anjo corajoso, envolto em raiva e desejo de vingança.

— Eu te entendo, ela tem este poder. *Luchiano*, eu sequestrei a minha própria filha, imagina o que é isto?

Balancei a cabeça para ele, tentando mensurar os sentimentos dele.

— E o coração falou mais alto, não foi Gian?

— Sim, desde o início, tinha algo familiar naquela garota. Minha filha. Obrigado por cuidar bem dela, *Luchiano*.

— Eu a amo demais, Gian. Não precisa me agradecer por isto.

Continuamos conversando até chegar em casa. Fomos recebidos por minha grávida linda. Ela veio sorrindo em nosso encontro e estava sendo difícil para meu sogro se manter profissional perto da filha. Vendo os dois conversando, resolvi convidá-lo para jantar conosco. Era uma forma de aproximá-lo ainda mais dela.

Durante a tarde, estava no escritório com meu primo, quando ouvi ele reclamando pela milésima de vez.

— *Pe'l amore di Dio*, qual o seu problema? Não aguento mais ouvir você resmungando.

Ele respirou fundo, virou o resto do uísque que estava no copo em sua boca e me assustou com sua fala.

— Eu estou preocupado com uma garota que se acha esperta demais

e está entrando em uma fria.

— Está falando de Nina? Cara, sua irmã não é boba, aquela dali é mais esperta que nós dois juntos.

— Não estou falando da Nina, mas da neta do *vecchio*, Anna Faustino.

Olhei para meu primo sem entender por que ele se preocuparia com a garota.

— Pode me explicar melhor, por que o grande Lorenzo Bernardeschi estaria preocupado com a neta do Faustino?

Ele ficou calado e foi então que entendi.

— Caralho, você está apaixonado por uma Faustino?

— Claro que não. Enlouqueceu? Eu só descobri que ela está sendo obrigada a se casar com o maior canalha da Sicília: Alessandro Carraro.

— Puta merda, logo com aquele babaca pedófilo? Matteo me contou que ele está sendo investigado sobre uma rede de pedofilia, mas Lorenzo, não foge do assunto, onde conheceu a garota?

— Eu fiquei com ela algumas vezes. Satisfeito, *Luchiano*?

— Algumas vezes? *Dio mio*, é mais grave que eu imaginava. Você? O playboy que tem tatuado *vida loca* no peito, que não repete mulheres, ficou com a garota Faustino algumas vezes?

— Vai se foder, *Luchiano*. Você não viu o jornal? Todo mundo sabe. O fofoqueiro *Ley Volponi* colocou em sua coluna social, inclusive com fotos.

Sem controle, comecei a rir sem parar. Meu primo era o pior de todos.

— Não vi jornal nenhum, Lorenzo.

— Está desinformado, porque sua esposa não só viu, como me pediu para levá-la até a prima.

— O quê? Ela não me disse nada. Você não vai fazer isto, Lorenzo.

— Ah cara, vou sim. Eu prometi a Nella e vou cumprir.

— Porra nenhuma. Você não vai colocar minha esposa em perigo.

— Claro que não vou colocá-la em perigo, não é? Você vai me ajudar.

— Sim. Estava pensando em um passeio longe desta cidade. O que me diz? Vamos fazer uma surpresa para as duas?

— Não sei. Ela está grávida.

— Porra, *Luchiano*, ela está grávida, não doente. Ela me pediu, está louca para ver a prima. Cara, vai ser bom, porque quando descobrir sobre o pai, não vai perder a prima que ama.

— Está bem, você me convenceu. Vou pensar em um lugar e te falo.

Agora vamos trabalhar, já conversamos demais, Lorenzo. Deixa para pensar na Senhorita Faustino depois. Ele me fez sinal com o dedo do meio e voltou para suas planilhas no computador. Aquilo não ia prestar, estava prevendo mais tempestades na família.

Capítulo 38

Uma semana depois de passar a melhor noite da minha vida nos braços daquele homem, eu me sentia frustrada e sem esperanças de revê-lo. Ele desapareceu. De repente, não nos encontrávamos mais a todo momento. Varri as redes sociais a procura de alguma novidade, mas nada além da fofoca da coluna social.

Na faculdade as pessoas me olharam curiosas, algumas meninas mais corajosas me perguntaram como era estar nos braços do homem mais cobiçado da Itália e outras invejosas diziam ter ficado com ele várias vezes. Eu desconversava com todas elas. Não queria falar da minha vida pessoal com pessoas que eu mal tinha intimidade.

Helena estava trancada em casa, estudando, pois, suas notas não agradaram ao pai Juiz. Paola tinha viajado com os pais para o enterro da sua bisavó. Eu estava sozinha, morrendo de tédio e me escondendo dentro da minha própria casa para não ser vista pelo meu avô. Ele estava a cada dia mais obsessivo pelo casamento, mas por milagre, meu noivo havia recusado a ideia de adiantar a data.

No fim de semana, coloquei um vestido leve, calcei meu tênis branco e observei o movimento da casa. Quando ninguém estava por perto, saí sorrateiramente, sem levar segurança. Eu só queria ser uma garota normal, passeando pelas ruas da *Taormina*, sem um armário de terno atrás dela.

Eu adorava a minha cidade, havia pontos turísticos lindos e o Teatro Greco era tão romântico. As lojas de artesanato nas ruas do Centro eram as minhas favoritas. Depois de comprar algumas coisinhas, parei em uma lanchonete com decoração vintage e fiz um pequeno lanche.

Eu não queria voltar para casa. Mandeí uma mensagem de texto para minha mãe dizendo a ela para não se preocupar e desliguei o aparelho. Resolvi esticar meu passeio até a praia para andar um pouco pelas águas mornas e transparentes. Peguei meu chinelinho na minha bolsa e guardei o tênis. A areia cheia de pedrinhas não eram amigas de pés finos como os meus.

O dia estava bonito e muitos turistas passeavam pelo lugar. No fundo eu gostava de observar as pessoas de várias culturas diferentes. Os brasileiros, eram parecidos com os italianos. Sempre mais alegres e falantes que americanos e canadenses.

Depois de andar por quase uma hora, resolvi sentar e admirar o mar. Eu me distraía sentindo o vento e o cheiro da maresia. Estava perdida em pensamentos, quando avistei um homem de pé em frente à praia. Meu coração o reconheceu antes mesmo dos meus olhos, era ele: Lorenzo Bernardeschi.

Ele estava vestido com uma bermuda azul, quase da cor da água e sem camisa. Meu Deus, aquele homem deveria ser proibido de exibir o corpo daquela maneira. Ele estava segurando uma camisa branca e parecia pensar. Por alguns segundos eu o fantasiei pensando em mim. Sonhar era permitido. Olhei um pouco mais atrás e vi o segurança dele atento ao chefe.

Tentei esperar um pouco, mas meu lado impulsivo decidiu agir. Eu me levantei, andei na direção dele e fiz sinal para o segurança ficar onde ele estava. Quando eu estava quase atrás do homem, ele virou de uma vez, me deu uma rasteira me derrubando na areia e ficando em cima de mim.

— Nossa, você sempre recebe as pessoas assim? As derrubando?

O rosto dele ficou próximo ao meu, eu via sua veia subindo e descendo no pescoço e os olhos verdes me mostravam o quanto estava irritado.

— Você é louca? E seu te machucasse? *Dio Mio*, Anna.

Ele saiu de cima de mim, se sentou na areia, apoiou os braços no joelho e permaneceu respirando com dificuldade.

— Calma, Lorenzo. Você não me machucou, está tudo bem.

— Não está tudo bem, Anna.

— Uau, estou com receio, porque deixei de ser a Senhorita Encrenca e você está sério demais. Está igual minha mãe quando quer brigar comigo.

— Eu não quero brigar com você. Quero brigar comigo.

Ele permaneceu quieto, respirando com dificuldade. Aquele homem estava me deixando maluca. Eu precisava saber o que estava acontecendo entre nós. Segui minha intuição e comecei a falar.

— Lorenzo, está acontecendo algo entre nós, eu não sei explicar o que é, mas por favor, converse comigo.

O corpo dele brilhava ao sol, suas tatuagens perfeitas reluziam brilhando com as gotas d'água, quando ele virou e me encarou, eu sustentei o olhar dele com ferocidade. Eu não era a garotinha que ele imaginava. Ele respirou fundo, virou o rosto em direção ao mar e começou a falar.

— Quando você invadiu minha vida, eu te achei louca para caralho e talvez isto tenha sido o gatilho para eu começar a caça. Você precisa saber que não está em meus planos me envolver com ninguém.

— Eu não te pedi em casamento, Lorenzo.

Ele me olhou com as sobrancelhas arqueadas e me provocou.

— Você é sempre atrevida assim, Senhorita Encrenca?

— Você gosta, garanhão.

Ele respirou fundo e me fez um convite inesperado.

— Topa uma loucura?

— Só se for agora.

Ele se levantou, me deu a mão, me puxou para ele e saímos andando de mãos dadas na praia. E eu me senti no melhor certo e na hora certa.

Capítulo 39

Estava em casa, perdido em pensamentos, quando resolvi andar pela praia, dar um mergulho e esfriar a cabeça. Eu nunca imaginei encontrá-la naquela tarde. A garota tinha coragem e calibre para me desafiar. O olhar dela tinha um poder magnético sobre mim, me atraindo sem nenhuma chance de recuo.

As respostas abusadas da encrenqueira, me fizeram agir por impulso e convidá-la para uma loucura comigo. A garota era mesmo corajosa. Aceitou minha proposta sem saber para onde eu a levaria. Quando entramos no carro, sinalizei para o Silvano somente o nome do chalé. Ele balançou a cabeça e saímos com o carro.

— Você pode voltar amanhã? Quero te fazer uma surpresa.

Naquele momento resolvi pedir ao Luciano para levar a esposa no chalé no domingo. Seria um ótimo lugar para as duas se encontrarem sem nenhum perigo.

— Adoro surpresas. Estou somente com a roupa do corpo.

Cheguei próximo ao ouvido dela e sussurrei.

— Para o que eu quero, você não precisa de roupa, Senhorita Encrenca.

Ela deu um sorriso sedutor, atingindo direto o meu pau.

— Uauuu, gostei da sua proposta, garanhão “*vida loca*”.

A garota passou o dedo por minha tatuagem e depois o chupou. Puta que pariu, a diaba sabia me provocar.

— Cuidado com o que provoca, Senhorita Encrenca.

Ela chegou à boca perto do meu ouvido e me deu um ultimato.

— Quero o seu lado hardcore, mafioso.

Caspitta, a *ragazza* estava me deixando louco de tesão. A nossa viagem durou menos de uma hora. O chalé estava com a geladeira abastecida, porque eu tinha solicitado ao nosso caseiro para deixar tudo preparado. Desde quando conversei com meu primo sobre o encontro entre as duas, pensei naquele lugar.

Quando chegamos, pedi a Silvano para comprar algumas roupas para ela. Meu segurança era especialista em corpos de mulheres, porque só perdia para mim no quesito quantidade.

O chalé ficava em uma encosta florida, com alguns arbustos cercando o local. A propriedade era constituída por seis chalés idênticos, mas cada um com seu dono. Meu pai e meus tios investiram muito naquele lugar dos sonhos. Era nosso pequeno paraíso na Terra. Descemos do carro e Anna demonstrou seu deslumbramento com a beleza do lugar.

— *Dio mio*, que lugar lindo, Lorenzo.

— *Grazzie ragazza*.

Segurei a mão dela e a conduzi para dentro. Quando fechei a porta, eu a puxei para meu peito e a beijei com voracidade. Aquela boca abusada encaixava na minha de forma perfeita.

— Saudades desta boca atrevida, Senhorita Encrenca.

— Você gosta, garanhão.

— Quero ver o quanto é atrevida?

Eu a arrastei dentro do meu abraço até o sofá, a deixando de barriga para cima. Naquele momento só pensava em chupá-la toda, cada centímetro daquela pele cremosa. Enquanto minha boca descia pelo seu pescoço, ela ofegava, dava pequenos gemidos, me deixando doido.

— Eu precisava de um banho antes para ficar cheirosa, garanhão.

— Gostosa, salgadinha e cremosa. Não tem como estar melhor, Senhorita Encrenca. Só relaxa e curte o momento, eu gosto do seu cheiro de mulher. — Ela respirou fundo e eu voltei as minhas investidas.

Tirei o vestido, a calcinha branca indecente e o sutiã da mesma cor.

Ela nua no sofá com bochechas vermelhas, eram meu paraíso particular.

Aquela menina atrevida, desbocada, despertava em mim o desejo de aproveitar o sexo devagar, em seu tempo. Não que eu fosse um filha de puta de só gozar e não dar prazer. Quase sempre eu só gozava depois da *ragazza*, fato era: nenhuma mulher conseguiu me estimular tanto quanto a Senhorita Encrenca.

Enquanto minha boca descia por seu pescoço, lambendo, dando mordidinhas e pequenos chupões, meus dedos brincavam nas proximidades da sua boceta. Só provocando, devagarzinho, daquele jeito sacana, fazendo ela gemer e chorar sem sentir dor. Pressionava de leve seu botão e passava a mão por cima, alisando a preciosa.

Anna começou a gemer sem controle quando meus dentes seguraram seu bico do peito, apertando, chupando e lambendo. O peito dela subia e descia. Ela choramingava.

— Não estou aguentando, Lorenzo.

— Aguenta sim, gostosa. Hoje eu vou te castigar por esta boca atrevida. Quero você chorando e me implorando.

Ela arregalou os olhos, sua boca aberta arfava, enquanto tentava juntar as pernas que estavam separadas pelas minhas. Continuei a sessão tortura, pressionava seu clitóris repetidas vezes e quando eu percebia o seu orgasmo chegando, eu voltava a morder seu seio e retirava o dedo.

Desci minha boca lambendo sua barriga, umbigo e quando cheguei a sua boceta, coloquei uma mão em cada parte interna da coxa as separando o máximo possível e comecei a chupá-la. Primeiro lambendo de baixo para cima, depois apertando-a com os lábios e enfim, chupando com força.

Ela gemia, puxava meus cabelos, implorava e choramingava. Resolvi soltar as pernas dela, pois tremiam tanto, que fiquei com receio de machucá-la. Bastou soltá-la e suas coxas apertaram meu rosto. Forcei a garota até ela quase arrancar meus cabelos e gozar de forma esplendida.

Enquanto ela retorcia, eu a virei no sofá, fazendo com que ela segurasse o encosto, baixei minha bermuda e depois dei uns tapas em sua bunda linda. Sem nenhuma timidez me pediu:

— Me bate, me bate muito. Eu quero tudo...

Puxei sua cintura para meu corpo, passei o braço por sua barriga e enfiei o dedo todo em sua boceta. Ela gemeu alto, eu mordi seu ombro e a masturbei com suas costas presas a minha barriga. Quando ela explodiu em um novo orgasmo, dei dois tapas fortes, um cada lado da bunda e enfiei meu pau todo em sua boceta apertada. Dei estocadas fortes, segurando sua cintura firme em meu corpo, levantando-a do chão presa em mim.

Depois eu me sentei no sofá e a trouxe para cavalgar em mim, enquanto caía de boca em seu mamilo, chupando e mordendo. Ela chegou ao orgasmo antes de mim, que continuei bombeando dentro dela. Quando percebi que não dava mais para segurar, eu a tirei meu pau e ejaculei em suas coxas roliças.

Ela me olhou com pupilas dilatadas, rosto vermelho, puxando o ar com força, toda linda e eu a beijei com uma sensação nunca vivida antes, a de posse. O caralho que outro homem colocaria as mãos nela. Ela era minha e de mais ninguém.

Capítulo 40

Vivendo em uma montanha russa de emoção. Assim eu definia meus momentos com Lorenzo Bernardeschi, o herdeiro da máfia mais importante da Itália. Se meu avô soubesse o meu pensamento a respeito disto, mandava me passar em um triturador.

Eu sabia que minha atitude teria consequências, pois eu saí de casa para um passeio inocente e acabei nos braços daquele homem intenso. Escrevi uma mensagem para minha mãe, enviei e desliguei meu celular. Escolhi viver e depois assumir as implicações dos meus atos.

Passamos o restante do sábado praticando sexo de todas as maneiras possíveis e impossíveis. Não tinha palavras para nominar o furacão Lorenzo. Ele oscilava momentos selvagens e carinhosos, às vezes eu o pegava disperso como se estivesse preocupado com algo.

A noite estávamos famintos. Depois de um banho longo com outra rodada de sexo, ele me disse para ficar à vontade para escolher qualquer roupa em seu closet.

— Enquanto você se arruma, vou verificar se Silvano chegou com a encomenda que pedi a ele.

Ele me beijou de um jeito carinhoso e saiu do quarto. Seu closet era organizado, tinham poucas roupas e bastante espaço vazio. Senti seu perfume de homem, amadeirado e minha pele se arrepiou com as lembranças do corpo dele no meu. Escolhi uma camiseta de malha branca e cueca boxer preta.

Fui ao banheiro, sequei meus cabelos e depois desci para ver o que ele estava aprontando. Minha boca encheu de água ao me deparar com uma farta mesa de comida japonesa. Vi algumas sacolas de roupas em cima do sofá e olhei para ele sem entender.

— Silvano me perguntou quais roupas eu queria para você, meu desejo era dizer: deixa ela nua, mas não achei legal a ideia do meu segurança fantasiando com a minha mulher, então, pedi para ele trazer um pouco de

tudo.

Meu coração chegou a errar algumas batidas quando ouvi ele me chamando de sua mulher. Respirei com dificuldade, mas não disse nada com receio de alertá-lo para o que tinha dito. Ele falou de forma tão natural, preferi ficar calada.

Abri as sacolas e encontrei: um vestido, biquini, short e calça jeans, duas blusas de tecido fino e um pijama. Dentro de uma sacola menor havia duas calcinhas e dois sutiãs, um par preto e o outro branco, além de, sabonete líquido feminino, creme, shampoo e condicionador.

— *Dio mio*, para que isto tudo? Como Silvano acertou tudo isto? Inclusive minhas marcas favoritas de cosméticos?

— Eu podia mentir dizendo que eu conhecia seus gostos e cheiros, mas não vou. Pedi ao Silvano para procurar a dona da loja New Sports. Ela o ajudou.

— Uauuu! Você é bom em conseguir soluções para seus problemas, hein?

— Você não imagina quanto, Senhorita Encrenca. Digamos que não há problema sem solução para mim.

Sorri balançando a cabeça de um lado para o outro e preferi encerrar o assunto. Depois de comermos quase todas as peças do nosso jantar, andamos um pouco pela propriedade e depois dormimos saciados um pelo outro.

No outro dia, acordamos tarde, coloquei o short jeans, amarrei a camiseta branca e descemos para preparar nosso café da manhã. Eu achava incrível a dedicação do segurança do Lorenzo. O homem parecia não dormir nunca e sempre antecipava os pedidos do chefe.

Por isto tínhamos brioches fresquinho para o café da manhã e preparamos capuchino para acompanhar. Lorenzo tomou o dele puro, mas eu me lambuzei com a Nutella.

Lorenzo estava distraído vendo o jornal quando recebeu uma ligação e pediu licença para atender. Continuei comendo e quando ele voltou, o achei

um tanto quanto ansioso.

— Aconteceu alguma coisa?

Ele me olhou de forma intensa, suspirou e me fez uma pergunta estranha.

— Você tem algum problema de saúde?

A princípio me ofendi achando que era por termos transado sem camisinha.

— Só se você me passou algo, Lorenzo, porque eu nunca transei com ninguém antes.

Ele começou a rir e eu me aborreci.

— Qual é a graça? Eu tenho cara de palhaça?

Ele veio para meu lado, eu corri e ele me pegou antes de chegar à porta.

— Bravinha, eu não perguntei sobre isto? Estou perguntando se alguém na sua família tem problemas cardíacos ou você mesma?

Arqueei as sobrancelhas, achando aquela pergunta bizarra, mas revirei os olhos para ele e suspirei.

— Bom, acredito que se eu tivesse qualquer coisa no coração, tinha morrido ontem quando você não me deixava gozar, não é?

Ele deu uma risada e me puxou para o colo dele.

— Cuidado, eu posso te amarrar e te provocar por vinte e quatro horas.

Fui obrigada a rir dele e ele começou a me fazer cócegas, quase me deixando sem fôlego. Paramos de rir quando ouvimos o barulho de um carro chegando.

— Estamos esperando alguém?

— Anna, promete não surtar?

— Surtar? O que está aprontando?

Saí correndo do colo dele em direção a porta e quando a abri, eu dei um grito e tudo se apagou.

Capítulo 41

Quando Luciano me ligou dizendo que estava chegando, eu me preocupei por não ter falado nada com a Anna. Meu primo havia me alertado sobre a importância de prepará-la para o encontro com a Antonella, mas eu acabei me perdendo nos braços da gostosa e não me lembrei de falar.

Eu estava pronto para comentar com ela sobre a prima estar viva, mas eles chegaram antes. Se eu não tivesse corrido, ela teria batido a cabeça no chão. Cheguei a tempo de amortecer a queda, a segurando em meus braços. Meu primo e a esposa vieram ao nosso encontro.

— *Dio mio*, Lorenzo, você não falou nada com ela antes?

— Eu ia falar, mas vocês chegaram cedo, *Luchiano*.

— Cedo? São treze horas, primo.

— Vocês dois podem parar de brigar e colocá-la no sofá? Lorenzo, tem álcool neste chalé?

— Tem tequila e uísque, serve?

Antonella revirou os olhos e continuou dando ordem.

— *Pe'l amor di Dio*, coloque a cabeça dela no meu cabelo e me traga um copo de água fria.

Corri até a cozinha e voltei com um copo de água gelada. Coloquei um pouco de água na mão e molhei a rosto dela.

— Anna, acorda. Não me mata de susto, por favor.

Beijei a testa dela, sobre o olhar escrutinador da prima. Quando ela começou a abrir os olhos e viu a Antonella, se levantou rápido e começou a chorar.

— *Dio mio*, não era um fantasma? Era você mesmo, Nella?

— Sim, Aninha, *sono io, cara mia*.

As duas se abraçaram e choraram juntas por muitos minutos. Eu

assistia a cena emocionante, tentando não me comover e Luciano estava visivelmente preocupado com a esposa grávida. Quando elas começaram a se acalmar, se olharam de forma intensa e com tanto amor, que ninguém duvidaria do sentimento entre elas. Mesmo não sendo primas de sangue, o que Antonella ainda não sabia.

— Nella, eu sonhava com você viva e quando acordava, eu chorava de frustração por ser somente um sonho.

— Ahhh minha querida, como senti sua falta.

Naquele momento, minha encenqueira favorita olhou para a mão do Luciano no ombro da prima, se virou para mim e balançou a cabeça repetidas vezes.

— Espera. O que está acontecendo aqui? Você está grávida? E por que está com o primo do Lorenzo?

Antonella sorriu de forma delicada e depois segurou as mãos da prima.

— Respire e tenha calma, eu vou te contar tudo.

Ela começou a contar a história para Anna desde o encontro dos dois na boate. Ouvir a versão contada pela Nella, foi muito mais emocionante que a contada pelo cabeção do meu primo.

— E esta é toda história. Bom, pelo jeito, as garotas Faustinos atraem os Bernardeschi, não é Anna?

Ela sorriu encabulada, enquanto Luciano me deu uma olhada cheia de significados. Resolvi encerrar a sessão emoção convidando-os para um passeio a praia que ficava próxima a nossa propriedade. Saímos os quatro juntos, sendo seguidos pelo meu segurança e o pai da Antonella, que ainda não havia conseguido se revelar para a filha.

Anna estava deslumbrada com a barriga da prima, o tempo todo a tocava e beijava. Ela deu um gritinho lindo, quando sentiu os bebês se mexendo. Aliás, aqueles nenéns eram a sensação da família. Caminhamos por quase meia hora, até pararmos a sombra de uma árvore.

Todos nós nos sentamos, meu primo colocou sua esposa muito

grávida sentada em seu colo e começamos a conversar. Antonella aproveitou para falar sobre o evento que seria a descoberta de sexo dos bebês.

— Anna, iremos realizar o chá de revelação dos bebês no próximo fim de semana e eu quero você comigo. A minha Nina, é a única a saber o sexo, ela foi comigo no exame.

— Claro, eu faço questão de estar com vocês.

Meu primo me olhou preocupado e eu fiz sinal para ele falar.

— Anna, quero te pedir discrição. Ninguém sabe sobre o meu anjo. Estamos a mantendo em segredo até passar a gravidez e resolvermos alguns assuntos. Você conhece o seu avô, não é?

Observei a mudança de parâmetros no rosto da Senhorita Encrenca ao ouvir falar do *maledetto*.

— Fique tranquilo, *Luchiano*, meu avô está cada dia mais louco e eu ando fugindo dele.

— Ele não é louco, prima, ele é um monstro.

— Eu sei, Nella. Meus pais sofreram muito ao descobrir o que ele fazia com você. Não sobrou ninguém, prima. Somente nós permanecemos, mas meu pai anda cansado das confusões dele.

— E seu casamento, prima? Não estou entendendo você com o Lorenzo, o que houve com o Alessandro?

— Eu descobri que ele é um *puttano*. Tentei terminar o noivado, mas não consegui. Não sei mais o que fazer, Nella. Está insuportável viver com meu avô. Mamãe disse que meu pai vai dar um jeito de me livrar desde casamento. Vovô está uma fera porque ele queria adiantar o casamento para semana que vem, mas o noivo apaixonado, não quis.

Ela disse a última frase com deboche. Ouvi-la contando seu drama para a prima, estava me deixando furioso e com um sentimento ruim de perda. Eu sabia de tudo, mas ouvi-la era diferente.

Elas continuaram conversando, enquanto eu pensava na proporção que estava tomando minha vida com a Senhorita Encrenca. Não adiantava

mais fingir que nada acontecia. Meu pau estava apaixonado por ela e o infeliz mandava em mim. O problema era: Faustino e Bernardeschi não se comunicavam. Era quase proibido falar em minha casa o nome daquela família.

Eu me lembro bem do alívio no semblante dos meus tios e do próprio Luciano ao descobrirem a verdade sobre o pai da Nella. Quem não queria ter um sogro herói de guerra? Sogro? *Dio mio*, eu estava enlouquecendo ao cogitar ter qualquer coisa com uma garota com aquele sangue *maledetto*.

Lorenzo, por que você inventou de trazê-la ao chalé? O plano era se afastar para sempre, não trepar com a mulher por quase vinte e quatro horas.

No entanto, a hipótese de tê-la nos braços de outro, acionava o Cachorro Louco em mim. O caralho que ela ia se casar com outro. Eu era Lorenzo Bernardeschi, o rei dos casos impossíveis.

Capítulo 43

O dia com Antonella foi maravilhoso. Tiramos fotos, rimos, nos abraçamos mil vezes. Descobrir que minha prima estava viva, grávida e casada, era inacreditável. Ela estava livre, linda e feliz. Nos despedimos prometendo nos encontrar no chá de revelação. Saímos juntos do chalé e o segurança do Lorenzo me deixou em casa.

Desci rápido do carro e ao passar pela guarita dos seguranças, perguntei para Ernesto onde estavam todos.

— Seu avô saiu cedo e ainda não voltou. Seus pais estão em casa.

— Obrigada, Ernesto.

— Senhorita Anna, a senhorita está correndo riscos desnecessários saindo de casa sem segurança.

— Relaxa, eu estava com amigas e elas estavam com seguranças.

Ele balançou a cabeça com uma expressão contrariada. Eu sorri para ele e caminhei em direção a entrada da casa. Quando entrei na sala, encontrei com mamãe sentada vendo uma revista, ao me ver ela suspirou e me olhou desapontada.

— Anna, Anna, o que eu faço com você?

Fui até ela, dei um beijo em sua testa e me sentei ao seu lado.

— Mamãe, não faça nada, apenas sinta-se feliz comigo.

— Com quem você estava garota? Eu e seu pai mentimos para seu avô dizendo que estava dando apoio a sua amiga que perdeu a bisavó.

—Então foi uma mentira parcial, mamãe.

Ela deu tapinha em meu braço e continuou o sermão.

— Anna, está cada vez mais difícil acalmar os ânimos do seu avô. Ele está muito nervoso nestes dias, em função de problemas com fornecedores. Seu pai não sabe mais o que faz para conte-lo.

— Mamãe, não podemos continuar vivendo assim.

— Eu sei, filha. Ouvi uma conversa do meu sogro com alguém ao telefone, ele estava dizendo sobre Alessandro ter mentido sobre a viagem. Sabe de alguma coisa, Anna?

— *Grazzie a Dio*, não sei de nada. Ele não me liga, eu não ligo para ele e estamos ótimos assim.

— Seu pai está desconfiado de que a família do seu noivo não quer mais a junção nos negócios.

— *Dio mio*, este dia está cada vez melhor. Só notícia boa.

— Está falando de quê, Anna?

— Mamãe, vamos para meu quarto, preciso te contar um segredo. Precisa me prometer sigilo.

— Eu não guardo segredo do seu pai, filha.

— Ele pode saber, meu avô nunca, entendeu?

— Sim, com certeza não falaremos nada com ele.

Subimos para meu quarto, tranquei a porta, pedi a ela para se sentar a minha cama e dei a ela meu celular onde estavam as fotos com a Nella. A princípio ela começou olhar as fotos sem reconhecê-la, mas bastou alguns segundos, para sua expressão mudar para espanto e depois emoção.

— Filha, *per'l amor di Dio*, é a Nella? Como foi isto? Onde você a encontrou? Ela está viva? *Dio mio*.

Segurei as duas mãos dela e pedi calma.

— Respire fundo, mamãe, eu vou te contar tudo.

Comecei contando com quem eu estava, ela ameaçou abrir a boca para reclamar e eu pedi a ela para me escutar até o fim. Conte quase tudo a mamãe, omitindo apenas as partes sexuais. Quando comecei narrar tudo que a Nella havia passado, ela chorou de forma sofrida. Eu a abracei e choramos juntas. Saímos do abraço quando ouvimos dois toques em minha porta. Eu me levantei, limpei meu rosto e a abri. Era meu pai, quando ele viu nosso

estado ficou preocupado.

— O que está acontecendo aqui? Por que minhas princesas estão chorando?

Mamãe me olhou como se pedisse permissão para contar e eu fiz um sinal sutil a ela, liberando-a. Depois de ouvir toda história do meu encontro com a Nella, sem evidenciar meu envolvimento com Lorenzo, meu pai respirou fundo, prendeu o ar e depois o soltou.

— Uau. Pela primeira vez na vida estou sem palavras, mas só posso dizer uma coisa: muito cuidado, papai não pode sonhar que a Nella está viva.

Balançamos a cabeça e aproveitamos o momento para tentar descobrir algo.

— O que está acontecendo conosco, papai? Eu preciso saber. Não sou mais criança, mãe que vem faço vinte e um anos.

Ele passou as mãos pelos cabelos algumas vezes, depois coçou a sobrancelha e começou a falar.

— Seu avô está atolado em dívidas. Nossos fornecedores não estão querendo entregar a mercadoria sem receber antes. Ele não aceita deixar os negócios em minha mão. Tentei mostrar a ele que nos manter contra todas as famílias não é bom para nós, mas ele não aceita. Para piorar, descobriu que seu noivo voltou de Londres há quase dez dias. Você sabia disto, filha.

— Não, papai. Eu evito pensar no meu noivo e não nos falamos a dias.

— Filha, vou te fazer um pedido. Evite provocar seu avô. Eu estou conversando com o médico da família e estamos pensando como fazer para afastá-lo das atividades de uma forma menos traumática.

— Pode deixar, papai. Vou passar o fim de semana estudando com as meninas.

— Só te peço cuidado, filha. Nós só temos você neste mundo, a coisa mais importante na nossa vida.

Papai me abraçou apertado e naquele momento eu me senti

angustiada, com medo do futuro. Algo me dizia que coisas ruins aconteceriam.

Capítulo 44

O escritório estava pequeno demais para meu estado de agonia. Estava aguardando meus primos, pai e tios para uma reunião. Eles não estavam atrasados, eu havia perdido o sono e resolvi passar o restante da madrugada estudando uns documentos no computador, no entanto, minha mente estava me atrapalhando.

O fim de semana surreal com a Senhorita Encrenca estava prejudicando meu raciocínio lógico. Nosso sexo foi arrebatador. Eu estava lutando contra uma crise existencial que estava me deixando pirado. Eu, um mafioso, frio, vida loca, me rendendo a uma boceta de uma novinha? Estava tudo errado, aquilo estava mexendo comigo e me deixando virado no ódio.

Foi por este motivo, que ignorei as indiretas dela sobre números de telefone, encontros e estas coisas que as mulheres amam. Eu e a Senhorita Encrenca, não podíamos acertar nada. Telefones, encontros, namoro, tudo isto era complicado para nós dois. Porém, o que estava me deixando transtornado, era manter nossa barreira e ela acabar nos braços de outro. Vincenzo havia me dito que as fofocas estavam em torno do jogador ter ficado balançado por ela.

Eu estava em tempo de ficar doido, mas precisava me concentrar de qualquer maneira, pois, a semana seria movimentada. As transações com os vendedores e ainda a possibilidade de um confronto com a família dela, eram reais. Estávamos nos dias do fechamento com os fornecedores para não venderem mais para o *vecchio*.

As decisões foram acertadas depois de reuniões intermináveis com todas as cinco famílias que constituíam nosso círculo de confiança. Negociar com mafiosos nunca foi fácil, pois há sempre o fator desconfiança, todo mundo investiga todo mundo e ninguém quer sair no prejuízo. Às vezes, os mais jovens discutiam de forma mais calorosa e os veteranos acalmavam o ambiente.

Saí dos meus pensamentos conflitantes quando ouvi minha família barulhenta chegando.

— Caiu da cama, primo?

— Alguém precisa trabalhar nesta família, *Vichenzo*.

Meu primo deu uma risada e um soquinho meu ombro.

— Lorenzo, você tomou café da manhã, meu filho?

Don Freddo não deixava de me enxergar como uma criança.

— Papai, obrigado pela preocupação, mas eu sou um homem adulto.

— Mas não deixa de ser meu filho, Lorenzo.

— Verdade, me desculpe, papai. Estou com alguns problemas aí.

— Espero que não tenha relação com a *ragazza* Faustino.

Por sorte meu primo, percebeu meu olhar e interrompeu a conversa.

— O assunto está bom, mas precisamos começar logo nossa reunião, porque em menos de uma hora receberemos os fornecedores e gerentes das famílias.

— *Luchiano* tem razão, Freddo e Lorenzo, precisamos acertar alguns detalhes.

Meu tio Enrico repassou os valores acertados, a quantidade estipulada de drogas, armas e bebidas para cada família. Aquele controle era importante, para que ninguém ficasse descoberto. Dividimos toda cota que era destinada ao Faustino, entre cinco famílias. Precisávamos nos preparar para o revide dos soldados da *Uniti Fratelli*.

Estávamos aguardando a reunião para sabermos como foi recebida a notícia do desabastecimento. Quando nossos convidados chegaram, recebemos a notícia que uma guerra estava armada.

— Domenico Faustino não vai deixar por menos. Quando descobriu que ficaria sem mercadoria, nos ameaçou, deixando claro que atacaria.

— César Faustino estava junto? Ele participou da negociação com vocês?

— Não, Don Freddo. O filho do *maledetto*, esteve conosco quando

reajustamos o preço e tentou dissuadir o pai para aceitar, mas parece que os dois não estão mais falando a mesma língua.

— Então, acredito, que teremos um confronto armado, porque o filho do homem era o único mais sensato. Lorenzo, preparem nossos homens para dar suporte na entrega do nosso carregamento. *Vichenzo*, veja se consegue descobrir alguma informação e *Luchiano*, use seus serviços para descobrir a situação financeira dos *Fratelli*.

Papai encerrou a reunião e cada um de nós saiu para providenciar os pedidos do nosso chefe. Reuni nossos homens, separamos munição, abastecemos nossas motos e testamos nossas armas no nosso clube de tiro. Vincenzo confirmou para a noite o ataque dos Fratelli nas docas no momento de descarregar os navios que servem de disfarce para a carga. Meu primo conseguiu manter um homem na folha de pagamento do Faustino. O caçula a cada dia me surpreendia mais com sua astuta.

A noite saímos em nossas motos, eu, meus primos e os soldados, todos vestido de preto, com coletes a prova de balas. Chegamos nas docas meia horas antes do horário marcado para descarregar os navios e nos escondemos.

Prestávamos atenção em todos os movimentos, até que homens começaram a descer as caixas da embarcação. Não demorou para vários homens abrirem fogo contra os trabalhadores. Nossos soldados que estavam fortemente armados, revidaram iniciando uma verdadeira guerra.

Estávamos em maior número e abrimos fogos, a ordem era atirar para matar. Cada um de nós tínhamos homens em nossa retaguarda e Silvano estava junto comigo. Alguns homens da *Fratelli* começaram a recuar e fomos para cima deles com tudo. Um deles veio para cima de mim, Silvano entrou na minha frente e acabou sendo atingido na perna. Eu o acertei no peito, mas acabei sendo baleado no ombro antes dele cair morto no chão.

Silvano precisou passar por uma cirurgia para retirada da bala e eu passei por uma sutura levando dez pontos. Fomos atendidos em uma clínica particular, onde não precisávamos explicar ferimentos por bala. Os poucos homens que sobraram recuaram e os outros vieram ao nosso socorro. Não tivemos baixas e nossos soldados limparam a área. Eu fiquei satisfeito com a

operação, mas preocupado por causa da Anna com aquele avô louco.

Quando fui liberado, conversei com meu pai e disse a ele que não voltaria para casa. Eu precisava passar aquela noite na casa de vidro para não preocupar minha mãe e porque eu necessitava dela: da Senhorita Encrenca.

Capítulo 45

Estava no meu quarto tentando estudar, mas minha cabeça estava longe dali. Só conseguia pensar em um certo playboy. Saí das minhas recordações, quando Paola me ligou para dar uma boa notícia:

— ***Miccccaaaaaa, saí desta deprê. Vamos ser estrelas da Ferrari.***

— Como assim, Paola?

— ***Papai nos convidou para usar o macacão vermelho da Ferrari no dia do evento e mais, seremos a cereja do bolo ou melhor, do carro.***

Explicou que teria uma armação enorme escondendo o novo modelo do carro mais cobiçado no mundo e que esta seria içada por um helicóptero. Disse que ela e Helena tinham cabelos escuros e por isto ficariam uma em cada porta. Como eu era a quase loira, fui escolhida para ficar em frente ao carro.

— Caraca, nós vamos ser o centro das atenções depois do carro?

— ***Simmmmmm... e você, sua vaca, a gostosona na frente se exibindo para a homarada. Vamos deixar seu mafioso de pau duro em pleno evento.***

Ela deu uma gargalhada quase me deixando surda.

— Uau! Gostei disto.

— ***Papai disse que ninguém sabe disto, somente nós e o pessoal da logística. Bico calado hein? Não vai abrir este bocão para seu mafioso.***

— Está doida, Paola? Claro que não. Eu não encontro com ele como pensa.

— ***Ah não, sei. E como explica a mensagem do fim de semana dizendo: ele tem um pinto lindo. Até agora estou tentando imaginar o que a senhorita chama de “pinto lindo”.***

Dei uma risada antes de responder.

— Paola querida, cada um tem seu padrão sobre o pinto lindo. O meu eu sei qual é e não vou te dizer.

— ***Poxa, você já foi mais legal com as amigas. Fico só imaginando você com o pinto lindo: ahnnn ahnnn ahnnnnnn, enfia seu pintão lindo em mim, mafioso.***

— Paola, vai se FODER. Vou estudar, depois nos falamos. Tchau.

Desliguei a ligação, senão ela não me daria paz. Recomecei a leitura do mesmo capítulo pela milésima vez. Estava tentando me concentrar quando ouvi o sinal de uma mensagem. Ao abrir, levei um susto.

“Prima, não se assuste, mas Lorenzo levou um tiro de raspão, mas está bem, não se preocupe. Ele me pediu para te avisar, que dentro de meia hora, um carro vai parar em sua porta para te levar até lá.”

Meu coração disparou em meu peito. Tomei um banho rápido, vesti calça preta e blusa de manga comprida vermelha, pois estava começando a esfriar. Coloquei uma blusa rosa, roupas íntimas e um pijama em minha mochila e saí atrás da minha mãe.

Mais uma vez menti para ela dizendo que dormiria na casa da Paola para estudar.

— Peça Ernesto para te levar, filha. Não quero você andando sozinha por aí. Estamos com problemas na família. Seu pai e avô saíram cedo e não voltaram ainda.

— Não precisa, mamãe. O motorista dela estava aqui por perto e vai me levar, fique tranquila.

Dei um beijo em sua testa e saí correndo antes que meus olhos me entregassem. Quando cheguei em frente à minha casa, o SUV preto com um segurança que eu já havia visto abriu a porta para eu entrar.

— Boa tarde, Senhorita Anna. Vou te levar para a casa do senhor Lorenzo.

— Boa tarde. Obrigada por me buscar. Ele está bem mesmo?

— Está sim, só precisou de alguns pontos.

E depois disto continuamos sem falar nada. Pedi a ele para colocar qualquer música, pois eu estava agitada demais para ouvir meu silêncio. A música *Road Rage* tomou conta do ambiente, me fazendo distrair.

Chegamos à casa do Lorenzo antes dele. Uma governanta abriu a porta e fui recebida pela cadela Lyra que chegou perto de mim e lambeu minha mão. Fiz carinho em sua cabeça e entrei com ela andando ao meu lado.

— O senhor Lorenzo pediu para deixar a senhora a vontade, ele chega daqui a pouco. Deseja alguma coisa?

— Não, obrigada. Vou me sentar no sofá e esperá-lo junto com minha amiga Lyra.

A senhora deu um sorriso carinhoso para mim e sumiu dentro da casa. Eu me sentei no sofá, a cadela colocou sua cabeça em minha perna, enquanto eu fazia carinho em seu pelo. Fechei meus olhos e comecei a me recordar de quando fui naquela casa. Enquanto lembrava, meu corpo arrepiava com as lembranças do sexo mais louco que já fiz em minha vida.

Acho que acabei cochilando, porque despertei assustada sentindo um beijo em minha boca. Abri os olhos e Lorenzo estava de pé atrás do sofá me beijando. Depois encostou a testa na minha e sussurrou.

— Eu preciso entrar em você, Senhorita Encrenca, mas te aviso logo: hoje estou no modo cachorro louco.

Abri a boca para falar, mas o homem voltou a me devorar. Eu queria saber como ele estava, mas não deu tempo. Lorenzo me pegou no colo de um jeito afobado e me levou para seu quarto. Quando trancou a porta, arrancou minha blusa passando pela cabeça, foi abrindo minha calça, nós fomos andando e tropeçando nas peças até chegar nus a cama.

Ele estava com um curativo no ombro, mas parecia não o incomodar. Sem muito cuidado me jogou sobre a cama e veio para cima de mim, mordendo meu ombro, enfiando o dedo, em mim.

— Esfrega esta boceta no meu dedo, gostosa.

Nossa! Ele me atropelou como um trator, eu mal respirava. Era como se meu corpo estivesse ligado no dele, pois eu sentia uma corrente

perpassando nós dois. A boca dele se apossou do meu mamilo, enquanto uma mão estava no meu sexo e a outra mão apertando o outro seio. Eu só conseguia dizer...

— Lorenzo... aaaahhhhhh... Lorenzoooo...

E não saía nada, porque na verdade meu cérebro estava anulando o meu lado racional, era carnal, sexual, quase visceral. Ele me virou na cama, prendeu meu corpo e sua língua começou fazer movimentos circulares na pele dos meus ombros, depois enfiou seu dedo em minha boca, eu o chupei de leve, mas ele retirou rápido.

Sua boca desceu em minhas costas, enquanto ele começou a passar o dedo molhado no meu buraco proibido. Ai meu Deus, o que ele estava fazendo? Era uma sensação estranha, mas prazerosa, ele foi afundando o dedo devagar, uma dorzinha me preenchia. Lorenzo substituiu seu dedo por sua língua e eu quase vi estrelas.

Eu já havia ouvido falar de beijo grego, mas nada me preparou para um homem me lambendo, chupando e passando a língua ali. E confesso ter sentido um pouco de medo ao ouvi-lo e contraí meu buraco.

— Eu quero comer seu cuzinho, Senhorita Encrenca, mas não precisa ser agora.

Meu Deus, eu não conseguia emitir meus pensamentos, era como se tivesse uma trava na boca, só sabia gemer. Meu corpo foi içado para cima, minhas costas encostaram em sua barriga, ficamos ajoelhados na cama e ele virou meu pescoço me beijando. Acho que foi a coisa mais lasciva que já fiz, sendo beijada e sentindo meu gosto na boca dele.

— Quero comer sua boceta com você de quatro, Senhorita Encrenca.

Obedeci a seu comando, enquanto ouvi barulho dele abrindo a camisinha. Depois senti um tapa na bunda forte na bunda, uma mordida no pescoço e Lorenzo rosnou no meu ouvido.

— Rebola esta bunda no meu pau, gostosa do caralho.

Não precisou pedir, pois meu corpo movimentava por vontade própria. As estocadas foram fortes, quase violentas. Durante nosso ato louco,

ele empurrou meu pescoço para o colchão quase me enfiando dentro dele. Quando chegamos ao orgasmo, foi como ouvir as trombetas do céu ou do inferno, não sabia como mensurar meus sentimentos naquele momento.

Caímos na cama sem ar, permanecemos abraçados e em silêncio, apenas ouvindo o som da nossa respiração. Depois de um tempo juntos, ele se levantou, foi ao banheiro e voltou sem a camisinha, mas com uma embalagem parecendo de uma pomada na mão.

Lorenzo se deitou atrás de mim, começou beijar meu ombro e sussurrou:

— Só relaxa e deixa seu cuzinho comigo, Senhorita Encrenca.

— Lorenzo, eu tenho medo.

— Psiuuuu, confia em mim. Você vai gostar.

Meu corpo inteiro se retesou. Ele beijou meu ombro todo, minhas costas, depois beijou meu buraco, passou a língua, enquanto seu dedo estimulava meu clitóris de um jeito enlouquecedor. Depois refez o mesmo caminho até ficar com seu corpo inteiro atrás do meu.

— Vou começar a fazer uma massagem no seu cuzinho, se solte. Cadê minha garota atrevida?

Senti um tapa na minha bunda, me deixando elétrica e logo depois ele passou algo gelatinoso em meu buraco virgem. Seus dedos foram massageando minhas pregas, até ele introduzi-lo dentro do orifício. A princípio incomodou, mas depois foi ficando prazeroso quando ele fez um movimento de vai e vem. Lorenzo retirou um dedo, passou mais gel e recomeçou com dois.

— Gostosa pra caralho. Uhuuuuu, rebola no meu dedo, bem vagabunda. Se solta, Encrenca.

Aquelas palavras tiveram um efeito afrodisíaco em mim. Comecei a me sentir feminina, devassa e cheia de tesão. Rebolei em seus dedos que foram entrando em mim. Era como se eu estivesse sendo preenchida aos poucos. Quando ele retirou os dedos, ouvi o envelope de mais um preservativo sendo rasgado e me preparei para o famoso sexo anal.

Respirei fundo e me preparei para sentir a tal dor que todo mundo dizia, mas Lorenzo me lambuzou mais uma vez com o gel e começou a empurrar a cabeça de seu pinto no meu buraco. Prendi a respiração quando a dor começou a me rasgar, ele parou o movimento e com a mão livre começou a me masturbar.

A sensação era louca e me vi em um tesão alucinante e quando eu explodi em outro orgasmo, ele entrou com o resto do seu pau em mim. Dor e prazer, como era possível? Doía, mas eu não queria parar e ele foi se movendo e quando menos esperei, lá estavam novamente as estrelas e o meu corpo caindo em queda livre no prazer.

Putá que pariu, se aquilo era resultado da adrenalina de um tiroteio, eu me candidataria a sempre estar à disposição para acalmá-lo. Depois daquela sessão de sexo animal, dormimos de conchinha. E tudo estava no lugar onde deveria estar.

Capítulo 46

Depois daquela noite, não tinha mais como negar para mim mesmo que eu havia sido destruído por Anna Faustino. Desde a data na qual ela adentrou na minha boate e deu seu show no balcão do meu bar, meu mundo virou de cabeça para baixo.

Dois meses e a única boceta que me fazia perder o juízo era a dela. A Senhorita Encrenca me aniquilou para qualquer outra mulher. Mulher feiticeira do diabo. Minha cabeça estava em parafuso, principalmente, depois de acordar com ela toda cremosa nos meus braços.

Ela se assustou com meu curativo sujo de sangue, mas eu estava acostumado a coisa pior. Depois de nosso café da manhã, eu a deixei na faculdade e voltei para casa. Precisava me dedicar um pouco mais aos meus negócios, era a melhor forma de parar de pensar na diaba.

Os dias se passaram depressa, chegando o evento da Ferrari. Eu me arrumei com cuidado, colocando meu melhor terno, meu perfume *Savage Dior* e saí para o lançamento do novo modelo mais esperado do ano.

Quando cheguei ao teatro grego, onde seria o evento, fui recebido por uma enxurrada de repórteres. Os seguranças que estavam me acompanhando naquela noite, me ajudaram a conter a fúria da imprensa. Paolo e sua esposa estavam recebendo os convidados mais ricos de todo o mundo, mulheres belíssimas desfilavam com bandejas do mais caro espumante e eu olhava para todos os lados tentando encontrar minha deusa da Encrenca.

Depois de muito procurar, acabei me frustrando por não a encontrar. No fundo, eu tinha certeza de que ela estaria naquele evento, mas havia me enganado.

Foram muitas fotos juntos ao casal anfitrião, entrevistas e pessoas se aproximando para me conhecer. Como esperado, os homens mais ricos e acostumados a luxo e conforto, estavam ávidos para investir seus euros no

novo modelo.

Quando os ganhões de luzes começaram a brilhar no céu, eu, Paolo e sua esposa, nos dirigimos ao centro da arena, onde havia uma grande armação forrada por um tecido vermelho escondendo o carro.

O mestre de cerimônias iniciou o espetáculo contando a história da Scuderia Ferrari e depois um vídeo foi exibido a todos. A plateia estava deslumbrada e ansiosa pelo grande momento. Eu olhava para a enorme armação no centro e tentava descobrir como aquilo sairia dali.

Todos nós fomos surpreendidos, quando ouvimos um barulho de helicóptero e ao olharmos para cima ele estava sobrevoando em cima da armação. Um cabo de aço começou a descer da aeronave e naquele momento foi anunciado o grande momento da noite.

A orquestra começou a tocar o hino do campeão brasileiro Ayrton Senna que morreu em um acidente no Grande Prêmio de San Marino, em Imola, no dia primeiro de maio de mil novecentos e noventa e quatro. Ele era um ídolo mundial e na Itália não menos.

Estava tudo muito emocionante, mas para mim ainda aconteceria algo inesperado. Quando o helicóptero levantou a armação, o novo carro estava envolto por lindas mulheres vestidas com o macacão vermelho da marca. O que meus olhos demoraram para internalizar a informação, era de que a mais linda delas era nada mais, nada menos que a minha Senhorita Encrenca.

Ela estava deslumbrante com cabelos esvoaçantes, maquiada e sorrindo com olhos brilhantes. Fotos e mais fotos eram disparadas. Aplausos. Gritos, tudo ao mesmo tempo. Eu caminhei junto ao Paolo e sua esposa até o carro, meu coração estava disparado.

Ao chegarmos junto delas, Paola beijou o pai, a Helena estava vermelha feito o carro e a diaba sorria para mim com seu olhar sedutor. Ela me entregou a chave do carro para que eu pudesse entrar e ligar o motor. Acenei para ela com um leve balançar de cabeça e entrei na máquina. Fiz isto no modo automático e acelerei para o barulho do motor deixar o público enlouquecido.

Quando foi permitido que os convidados se aproximassem da Ferrari, as meninas começaram a ser assediadas pelos mais abusados. Eu estava conversando com Paolo, mas de olho nela.

Estava conseguindo controlar meu gênio indomável até ver o playboy atacante do Juventus aparecer e se instalar ao lado da minha mulher. Ele a abraçou de um jeito íntimo demais e aquilo fez meu sangue ferver. Daquele momento em diante, parei de ouvir o que os homens falavam ao meu redor.

Para meu total descontrole, a diaba ainda sorria para ele e tocava seu braço quando falava. Comecei a imaginá-lo na cama com ela. Tirando sua roupa, tendo seus beijos para ele, seu gozo e de repente perdi a cabeça. Sem pensar nas consequências dos meus atos, me aproximei deles, passei meu braço em volta da cintura dela e falei com posse.

— Vamos para casa, meu amor?

O jogadorzinho de merda e a Senhorita Encrenca me olharam espantados. Ela abriu a boca com jeito que ia reclamar e eu me adiantei dando nela um selinho. Um repórter que viu a cena, veio para cima da gente com microfone e fotografo.

— Lorenzo Bernardeschi, é verdade que você e a senhorita Anna Faustino estão juntos?

— Sim, estamos juntos.

— As suas famílias apoiam?

— Somos maiores de idade, rapaz. Se me dão licença, temos outro compromisso.

E sem esperar ou me despedir de ninguém, saí arrastando a garota para a minha Ferrari. Meus seguranças se colocaram a postos para nos acompanhar. Quando chegamos dentro do carro, ela se virou para mim feito uma fera.

— Está louco, Lorenzo? Desde quando eu sou sua namorada? Você pensou antes de...

Eu avancei para aquela boca atrevida e a beijei. Ela tentou me

empurrar, mas eu não deixei. Aos poucos ela foi amolecendo e nosso momento se tornou urgente. Quando a soltei, não dava mais para enganar ninguém, muito menos ela.

— Você é minha, entendeu? Eu sou seu.

— O que você está dizendo, Lorenzo?

— Isto mesmo que ouviu. Eu quero você, inteira, só para mim. Eu estou totalmente rendido por você, Senhorita Encrenca.

Ela arregalou os olhos, respirou fundo, mordeu a boca e quando me respondeu, abriu as portas do paraíso.

— Me leva com você, Lorenzo. Eu sou sua.

Capítulo 47

Não esperava o resultado daquela noite. Lorenzo tendo uma crise de ciúmes, depois se declarando e para fechar com chave de ouro me propondo fazer amor, era demais para mim. Nos amamos devagar, cheio de declarações implícitas e pela primeira vez eu consegui ver o lado vulnerável daquele homem forte.

Eu tinha receio da luta que enfrentaríamos para permanecer juntos, mas ele me prometeu resolver. Segundo ele, daria um novo fim para a triste história de amor entre Romeu e Julieta. Passamos a noite juntos, trocamos números de telefone e ele me disse para qualquer problema ligar para caso acontecesse algo.

— Anna, não banque a corajosa, por favor. Qualquer problema com seu avô louco ou com seu noivo de mentira, me ligue.

— Está bem, não vou fazer nada sem te falar. Prometo.

Naquela manhã, ele fez questão de me levar. Precisei de todo meu vocabulário para convencê-lo a me deixar entrar sozinha.

— Assim que esfriar as coisas, te mando uma mensagem, mas eu acredito que nada tenha acontecido, caso contrário, mamãe me avisaria.

Despedi dele com um beijo rápido e entrei para dentro da casa do meu avô. Eu não me sentia mais confortável naquele lugar. Estranhei o silêncio na entrada, mas me preparei para o sermão dos meus pais, só não esperava ser recepcionada pelo meu avô. Quando pisei no hall da mansão, ele estava de pé em frente a porta.

— Posso saber onde a senhorita estava?

— Eu passei a noite estudando com Paola, vovô.

Mal terminei de falar e a mão pesada dele em meu rosto. Vovô me

deu um tapa na cara com tanta força, que caí no chão. O susto foi tão grande, que eu mal consegui raciocinar. Como se não bastasse, ele partiu para cima de mim com a bengala que as vezes usava como apoio e começou a me bater, gritando feito um louco.

— Sua vagabunda. Eu não sou seus pais. Está trepando com aquele *maledetto* dos Bernardeschi. Seu noivo veio até mim hoje pela manhã, esfregou um jornal na minha cara e depois se desfez do nosso negócio.

Eu tentava me defender, mas ele me segurou pelo braço enquanto batia em minhas pernas, bunda. Quando percebi que ele ia me machucar se eu não reagisse, dei um solavanco no braço e corri para longe dele. Ele veio atrás de mim feito uma onça e eu subi as escadas gritando.

— Eu não sou um negócio, sou uma pessoa.

— *Non, sei una vergogna.* Vou matar você e aquele *maledetto*.

Sem nenhum controle ele pegou uma jarra com flores e jogou em mim quase me acertando no rosto. Desisti de argumentar e corri para o meu quarto e tranquei a porta. Meu coração estava disparado, o ar não entrava e quase desmaiei quando ele começou a socar minha porta feito um doido.

— Abra esta porta, sua vadia. Eu vou te ensinar o que seus pais não ensinaram. *Maledetta*.

Ele gritou por alguns minutos e depois ouvi ele se afastando. As lágrimas começaram a descer sem controle, estava com dificuldades de respirar e com medo. Eu me sentei em minha cama, puxei o ar com força, peguei meu celular e comecei digitar algumas mensagens para o Lorenzo, quando ouvi os passos do meu avô no corredor e gritei.

— Saí daqui, vai embora. Mamãe, papai.

— Pode gritar, ninguém vai te ouvir. Seus pais saíram e vão demorar, netinha.

Quase morri do coração quando ele atirou na maçaneta da minha porta. Eu tentei correr para o banheiro, mas minhas pernas não ajudaram e ele me agarrou pelos cabelos. Comecei a gritar socorro feito louca, mas ele colocou o revólver em minha testa e me ameaçou.

— Mais um grito e eu estouro seus miolos.

— Vovô, o senhor está louco? Sou eu, sua neta.

— Ele me deu outro tapa e apertou a arma no meu peito.

— Cala sua boca. Eu não tenho neta vagabunda. Agora você vai descer abraçada com o vovô, caladinha e entrar no carro comigo. Entendeu?

— *Per' l amor di Dio*, vovô. O que o senhor vai fazer?

— Vamos dar uma volta.

Tentei pensar rápido, mas nada apareceu em minha mente. Ele limpou meu rosto com o maior cuidado. Pegou minha bolsa em cima da cama e retirou meu celular de dentro dela. Meu Deus, as fotos minhas com a Antonella estavam nele.

Guardou o aparelho no bolso e depois descemos. Quando descemos não havia mais vidros pela escada. Ao chegarmos no hall de entrada, ele chamou seu secretário, braço direito e deu uma ordem.

— Conserte aquela porta antes do meu filho voltar, caso contrário está demitido. Outra coisa: avise a todos: Anna não voltou do seu passeio com as amigas. Entendeu minha ordem, Sebastian?

— Sim senhor, entendi tudo.

Quando entramos no carro, o outro segurança que fazia todas as vontades do meu avô estava ao volante.

— Você providenciou tudo?

— Sim senhor.

— Perfeito, agora vamos fazer uma pequena viagem, antes preciso de sua digital, netinha. — Tentei puxar a mão, mas ele empurrou o revólver em minha costela. — Vamos mandar uma mensagem para mamãe que você resolveu passar um tempo fora.

— Vovô, o que vai fazer comigo?

— Nada demais, netinha. Só vou dar um jeito de receber o dinheiro que você me fez perder.

As lágrimas desciam e quando o carro saiu de nossa propriedade, meu avô me puxou para um abraço de lado e apertou um pano em meu nariz, tentei não respirar, mas tudo se apagou.

Capítulo 48

Quando recebi Alessandro em minha casa pela manhã, achei que finalmente marcaríamos o casamento da minha neta. A família dele era minha última esperança para dar um respiro aos negócios. Eu estava a cada dia mais sozinho, pois meu filho era um fraco e sua esposa o influenciava nos negócios.

Não podia mais confiar no César. Desde o dia antes do confronto com as famílias, em que ele veio com um papo estranho para o meu lado, venho desconfiando das ações dele.

— Papai, vamos repensar nossos negócios. Todas as outras famílias vivem em harmonia na Sicília. Esquece esta sua ideia de fazer fusão com máfias de outros países.

— Você está me sugerindo aceitar ser conduzido pelos Bernardeschi? É isto mesmo?

— Sim, papai. Eles não mandam nas famílias, tudo é decidido em reuniões mensais, onde cada negócio tem um gerente os representando.

Quando ele terminou de falar, dei um tapa naquela cara de marido bundão. Aquilo com certeza era ideia da Mirella.

— Nunca mais fale uma asneira desta comigo, entendeu, César Faustino?

Meu filho estava com a mão no rosto, onde foi o tapa e me olhava com repulsa. Aquele olhar não significava nada para mim.

— Papai, com todo o respeito, nunca mais encoste um dedo em mim...

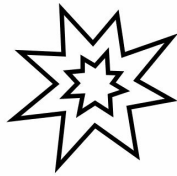
— Senão o quê? Vai me abandonar também?

— Não, papai. O senhor mesmo nos abandona com sua falta de amor.

O *maledetto* virou as costas e me deixou falando sozinho. Porém, eu

ainda sofreria outra traição, quando Alessandro jogou o jornal em cima de mim, naquela manhã. Não acreditei quando li o título da matéria: ***Bernardeschi X Faustino – Romeu e Julieta da modernidade.***

Li e reli a matéria. Quando tentei argumentar com o jovem rapaz, ele apenas retirou a aliança, me entregou, virou as costas e foi embora. Meu filho e sua esposa não estavam em casa. Minha neta vagabunda, eu soube pelo jornal com quem passou a noite. Naquele momento eu decidi: Anna não era mais uma Faustino e sim uma vadia que eu venderia para os russos.



Depois de deixá-la no cativeiro, enquanto voltava para casa, resolvi ver as fotos do celular dela. Eu havia trocado a digital dela pela minha. Para aumentar meu ódio, a primeira mensagem era do *maledetto* Bernardeschi perguntando se estava tudo bem. Ele ousou macular o nome da minha família e sofreria as consequências.

A surpresa veio quando resolvi olhar a galeria de fotos do celular. Comecei a rir feito louco. A bastarda, Antonella, estava mais perto de mim que eu imaginava. Além disto, a puta estava grávida do outro Bernardeschi. *Dio* não havia me abandonado: eu ia vender as duas e de bônus tinha o bebê.

Cheguei em casa e verifiquei a eficiência dos meus homens ao observar a porta do quarto da minha neta intacta. Entrei em meu escritório e fiz uma ligação para os russos. A princípio eles não quiseram fazer negócio, mas se interessaram pela vadia grávida. Segundo eles o bebê renderia um alto valor no mercado cibernético.

Porém, desta vez foram mais precavidos, só me pagariam quando a mercadoria estivesse em poder deles. Quando eu questionei sobre a garantia de recebimento, recebi uma resposta seca.

— É pegar ou largar, *vecchio*. — Eu não tinha mais nada a perder, então, aceitei.

A segunda providência foi colocar espões vinte e quatro horas

vigiando os passos daquela família *maledetta*. Chamei Sebastian até meu escritório, pois ele era meu homem de confiança.

— Olhe para esta foto. — Ele olhou por alguns segundos e depois me entregou com um olhar espantado.

— Senhor, esta é a menina Antonella? Ela não estava morta?

Dei uma gargalhada. Como eles eram ingênuos.

— Defuntos tiram fotos, Sebastian? Claro que ela não está morta.

— E o que o senhor precisa de mim?

— Vá agora mesmo para este endereço e fique de olho. Se esta garota sair, siga e a leve para junto da priminha.

— Sim senhor, vou levar reforço comigo.

— Qualquer novidade, me avise.

No primeiro desvio, eu pegaria a netinha bastarda fujona.

Capítulo 49

O jornal do dia causou um verdadeiro tsunami na minha casa. Meu irmão não gostava de causar problemas, na verdade, ele era o problema inteiro.

Na primeira capa com o título do romance de Shakespeare havia nada mais nada menos que a foto do irmãozinho e da garota Faustino. Até que eles faziam um belo casal. Quando meu irmão chegou, deu logo uma rasteira ninja em todo mundo.

— Estou namorando com ela e não vou terminar.

Meu pai olhou para ele com cara de poucos amigos, mas não se pronunciou. Eu nunca soube o que era pior: papai gritar e brigar, ou permanecer calado. Na verdade, preferia a primeira versão. Depois do episódio da manhã todos se dispersaram e a vida continuou.

Eu estava muito ansiosa e sofrendo guardando o segredo dos sexos dos bebês. Quando a médica me disse que eram três menininhas, quase surtei. Era inacreditável saber que nossa família seria agraciada com três *bambinas* e guardar só para mim. Se eu soubesse que seria tão difícil, não tinha dado a ideia de fazer chã de revelação. Eu quase me entreguei algumas vezes, mas faltava apenas um dia para o grande dia e eu não havia dado nenhum vacilo.

Todos os homens da família estavam em uma reunião fora de casa, Manu tinha saído com mamãe e eu não aguentava mais morrer de tédio pensando nas providências que precisava tomar.

Olhei no relógio e vi que ainda não passavam das dezoito horas. Aproveitei estar sem a vigilância do Luciano e fui até a Antonella para convidá-la para ir ao shopping comigo.

— Nina, não sei se devo ir, *Luchiano*, não gosta que eu saia por aí sem ele.

— Ahhhh prima, você por acaso é prisioneira ou esposa?

Ela sorriu para mim, pensou um pouco antes de fazer outra pergunta.

— Vamos sair com o segurança, não é?

— Ahhhhh, não aguento mais andar cercada por estes brutamontes. Nós só vamos ao shopping.

— Eu não estou com o Gian, pedi a ele para buscar uma encomenda de um presente que fiz para o *Luchiano*. Nina, você sabe que não devemos arriscar.

— Sei sim, prima, mas podemos fazer assim: vamos com ele e pedimos para nos esperar no estacionamento. Não vamos demorar, só preciso comprar algumas coisas naquela loja de decorações para festas.

Antonella pensou um pouco, eu fiz cara de gato do Shrek e ela acabou aceitando meu pedido. Nos arrumamos e saímos de casa por volta de dezoito horas. Antonella estava preocupada por não ter conseguido avisar o marido. O celular dele estava dando mensagem de desligado.

O shopping estava lotado, mas não vi perigo. Éramos apenas duas primas fazendo compras. Passamos por diversas lojas de roupinhas de bebês, enquanto eu quase trancava minha boca para não dar na cara. Tudo que olhava era de cores neutras.

Quando chegamos em frente à loja de decorações de festa, pedi a Antonella para me esperar na porta, porque ela não podia ver a cor predominante.

— Pode deixar, eu vou te esperar.

— Não saía daqui, *per'l amor di Dio*.

Ela sorriu e me empurrou para dentro da loja. Eu precisava entrar sem ela, mas meu coração estava aflito. Acho que era o medo de acontecer algo e meu primo me matar.

Estava olhando o dispositivo de chuva colorida, quando vi um homem e uma mulher parados perto da Antonella. Minha prima estava com um olhar assustado, larguei tudo onde estava e corri até ela. Quando me aproximei, quase morri do coração ao ver o homem com a arma apontada para a barriga dela.

Infelizmente, cometi o maior erro de todos. Ao perceber o revólver,

deveria ter voltado para dentro da loja, mas não, eu me aproximei deles. A mulher segurou meu braço como se me conhecesse e me mostrou outra arma.

— Caladas e me sigam, sem gracinhas.

— Moço, o senhor deve ter nos confundido com alguém.

Ele apertou o revólver em Antonella que estava muda e eu parei de falar. O casal nos levou para uma saída de serviço, eu tentava pensar em algo, mas nada vinha a minha cabeça. Até que tive uma ideia bizarra, mas a única que veio a minha cabeça.

Eu sabia que eles iam retirar nossas joias, celular e jogar em algum lugar, porque todo mundo sabia que mafiosos andavam cheio de rastreadores. A mulher estava andando atrás de mim e o homem ao lado da Nella, sem ela perceber, dobrei meu braço e coloquei o dedo indicador na boca. Sem pensar muito, puxei meu anel com o dente e o engoli.

A joia passou por minha garganta arranhando, eu fiz tanta força para não tossir, que lágrimas começaram a descer pelo meu rosto. Quando chegamos na saída, dois homens enfiaram um pano com um cheiro forte em nossa boca e tudo se apagou.

Capítulo 50

Deixei a Senhorita Encrenca em casa e me dirigi para a propriedade dos Bernardeschi. Eu sabia sobre o jornal, pois meu primo Vincenzo me mandou uma mensagem animadora.

“Casa em guerra. Causa? Romeu e Julieta hahahaha”

Eu amava demais meus primos, mas tinha hora que eles superavam as expectativas. Respirei fundo, mandei um emoji com o dedo do meio para ele e segui sem nenhuma pressa. Quando cheguei, fui curto e grosso. Acabei com a conversa em uma porrada só, um corte de cirurgião. Respeitava muito meus pais, mas não tinha mais idade para ninguém se meter em minha vida.

Depois do almoço, por volta de quinze horas saímos todos juntos para uma reunião nas docas. Precisávamos acertar as entregas, horários, logística e algumas orientações referente a embalagem. Estávamos a quase três horas reunidos, me lembrei da Encrenca e procurei meu celular para verificar se ela havia me mandado mensagem.

Coloquei as mãos em meus bolsos e não achei meu celular. Só então me lembrei que havia deixado o telefone dentro da Ferrari desde a hora que deixei Anna em casa. Comecei a ficar angustiado, desinquieto, como se alguma coisa estivesse errada.

— *Luchiano*, tem notícia da Nella? — Meu primo me olhou sem entender.

— Está em casa. Por que a pergunta?

— Sei lá, cara. Esqueci meu celular em casa, dentro da Ferrari e estou angustiado.

— Deve ser por causa da matéria no jornal. Calma, vou mandar mensagem para meu anjo.

Meu primo digitou a mensagem e ficou olhando para a tela do celular por alguns minutos.

— E então? Não te respondeu?

— Ainda não. Estranho, ela não está online.

Na mesma hora, o celular dele tocou e eu vi no visor: mamãe. Ele se levantou para sair da sala de reuniões e atender a ligação. Comecei a coçar meu pescoço, alguma coisa estava errada. Passei a mão pelo meu rosto e chamei a atenção do meu pai.

— Algum problema, Lorenzo?

Respirei fundo e quando pensei em responder, Luciano voltou mais branco que já era.

— Precisamos terminar esta reunião, Antonella e Nina sumiram.

— Como assim, sumiram? Explique isto direito, *Luchiano*.

— Tio, minha mãe estava chorando no telefone, um dos nossos seguranças ligou do shopping apavorado, dizendo não as encontrar.

Interrompi meu primo, fazendo mais perguntas.

— Shopping? O que elas estavam fazendo lá? E o segurança? Não estava com elas?

— Mamãe não as viu sair. O segurança disse que Nina pediu para ele esperar no estacionamento. E Gian havia saído para buscar algo para Nella.

— E aquele incompetente recebeu ordens daquela desmiolada?

— Filho, lembre-se que Nina também é a chefe dele. E não fale assim da sua irmã.

— *Per' l amor di Dio*, chega de discussão e vamos para casa. Você vai comigo, Lorenzo?

— Vão na frente, vou passar no shopping, tenho alguns amigos que trabalham à paisana na segurança do local.

— Está bem, *Vichenzo*.

— E os rastreadores delas, *Luchiano*?

— Mamãe disse que o segurança os encontrou jogados em uma área de serviço do shopping.

Vicenzo estava na porta, mas nos prometeu ficar rastrear tudo.

— Deixem o shopping por minha conta.

Saímos todos da doca em direção a minha casa. Quando chegamos eu fui direto a Ferrari e peguei meu celular. O aparelho estava descarregado, nos dirigimos todos para o escritório e eu o liguei no carregador. Mal esperei o aparelho ter condições de ligar e ativei o aparelho. Quando ele abriu, vi uma notificação de mensagem da Anna, senti meu coração perder muitas batidas e quando abri, perdi o ar:

“Socorrooo”

“Meu avô louco”

“tá voltando, socorro”

E depois o vazio. Tentei não entrar em pânico. Liguei para ela, uma, duas, três vezes e todas deram desligado. Olhei para o cenário a minha frente e vi o caos. Gian chegou correndo, branco como uma cera e falava com meu primo.

— A Nella estava quietinha em casa. Ela me pediu para buscar um presente que tinha encomendado para você, *Luchiano*.

— Gian, me ajude no computador, estou tentando outros sistemas de rastreio. Recebi uma foto das joias encontradas na Doca do shopping e minha tia sentiu falta de um anel. Minha intuição diz que Nina o escondeu, mas não estou identificando o sinal dele.

Olhei para o outro lado e minhas tias choravam. Tio Enrico e tio Lucca se juntaram ao Gian e meu primo tentando descobrir algo no computador. Mamãe estava ao lado do meu pai, que fazia algumas ligações. Nós éramos acostumados a entrar no modo estratégico em situações como aquela, mas eu não estava conseguindo colocar meu lado racional para funcionar.

Decidi, em um impulso, agir de outra forma. Eu me levantei da cadeira com tanta pressa, fazendo barulho, todos me olharam achando que eu

tinha uma solução mágica.

— Preciso sair.

— Meu filho, aonde você vai?

— Matar Domenico Faustino. — Antes de chegar na porta, mamãe pulou em minha frente.

— Você não vai a nenhum lugar.

— Mamãe, por favor, me deixe passar.

— Não, você não vai sair. Volte para dentro deste escritório, sente, respire e conte o que está acontecendo.

Olhei para ela bufando, mas não atrevi a desrespeitá-la. A única pessoa que me barrava, era minha mãe. Respirei fundo, cocei meu pescoço com força e voltei para dentro controlando o vulcão dentro de mim. Entreguei meu celular para o meu pai. Ele leu as mensagens e me pediu para me sentar.

— Calma Lorenzo, vou fazer uma ligação.

Obedeci ao meu pai sem entender, me sentei a frente dele, mas antes de fazer a tal chamada, nossos seguranças entraram dizendo que César Faustino queria falar comigo. Eu me levantei para ir até ele, mas meu pai me interpelou.

— Sente-se, Lorenzo, você não vai sair deste escritório. Por favor, voltem lá fora e tragam-no para cá.

Os seguranças acataram a ordem do meu pai e eu olhei para ele demonstrando minha impaciência. Minhas pernas balançavam tanto, que movia a mesa.

Quando voltaram com o César, o homem tentou avançar sobre mim, mas foi contido pelos nossos homens. Ele tentou se soltar, mas foi impedido e resolveu me xingar.

— Seu maldito, onde está minha filha? Ela é uma criança e você um monstro.

Criança? *Dio mio*, como pais eram cegos em relação aos filhos.

Respirei fundo, tentando me acalmar.

— César, eu não estou com sua filha. Talvez o seu pai saiba onde ela está.

— Meu pai? *Stai zitto bugiardo.*

Eu não perderia meu tempo dizendo a ele que não era um mentiroso ou um monstro comedor de criancinhas. Preferi me levantar e entregar meu celular a ele.

— Eu não estou mentindo, César.

Os seguranças soltaram um dos braços dele para segurar o celular e quando ele leu as mensagens, foi possível ver a mudança em sua expressão corporal. Os ombros que estavam tensos, caíram, o rosto passou de raiva a desespero. Meu pai deve ter percebido o mesmo que eu e deu uma nova ordem.

— César, precisamos de sua ajuda. Não é somente sua filha que está sumida. — Ele olhou para meu pai sem entender. — A minha filha e a esposa do meu sobrinho, que por sinal vivia com vocês, também estão sumidas.

O espanto foi visível em sua face.

— Esposa do seu sobrinho? Vivia conosco? Você está falando de quem?

— Solte eles, rapazes. Sente-se César.

O homem caminhou de um modo altivo, exatamente como a Senhorita Encrenca. Meu coração disparou, pois ela era a versão feminina do pai. O desespero só aumentava em meu peito. Se aquele *vecchio* encostasse um dedo na minha mulher, o mataria com requintes de crueldade.

Papai fez sinal para que eu falasse. Luciano estava sem respirar na mesa do computador digitando feito um louco, então restou a mim contar a história da Nella.

— Estamos falando da Antonella, César.

— Da minha sobrinha? Como? Ela está morta.

— Não César, ela não está morta. A Antonella está muito viva, casada com meu primo *Luchiano* e grávida.

O homem respirou com dificuldade, como se estivesse passando mal. Mamãe correu e buscou um copo de água para ele, que bebeu em um gole só.

— *Dio mio...*

— César e tem mais, Antonella, não é sua sobrinha legítima. — Ele olhou para mim, seu peito subia e descia, mas eu não tinha tempo de contar a história naquela hora. — Não temos tempo de contar agora. Você tem alguma ideia de onde seu pai possa ter levado a Anna?

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro antes de falar.

— Eu fui ao médico com minha esposa hoje pela manhã e quando voltei, Anna ainda não havia voltado. Papai me olhou transtornado e jogou o jornal em cima de mim. Minha filha estava na casa da amiga e tinha aula a tarde. Eu só descobri que ela havia sumido, porque minha esposa ligou para a casa da Paola e a mãe dela disse que minha filha tinha saído do evento com você, Lorenzo.

— César, eu te prometo, que minhas intenções são as melhores possíveis com sua filha, mas preciso saber que horas você e sua esposa voltaram para casa?

Ele me olhou tentando acalmar a vontade de quebrar minha cara por ter violado a “criança” dele, mas me respondeu.

— Chegamos em casa por volta de onze e quarenta da manhã.

Respirei fundo, cocei minha sobrancelha e dei a má notícia a ele.

— César, deixei sua filha na porta da sua casa antes das nove da manhã. Eu queria entrar com ela e conversar com você, mas você conhece sua filha. Ela me disse que não poderia ser naquela hora, que precisava conversar com vocês antes. Anna me mandou estas mensagens minutos depois que a deixei em casa, eu esqueci meu celular aqui e só voltei agora a noite. Por isto não vi as vi antes.

Acabei de falar e fomos surpreendidos com a chegada aflita do meu

primo Vincenzo.

Capítulo 51

Comecei a despertar de forma lenta, mas com muita dificuldade de abrir os olhos. Minha boca estava seca, tentei me mexer, mas eu estava presa a um lugar duro e frio. Todas as partes do meu corpo doíam e meus braços e pernas estavam amarrados.

Agucei meu ouvido, mas não identifiquei nenhum barulho e quando consegui abrir meus olhos, não vi nada além de escuridão. O pânico começou a tomar conta de mim, percebi que havia algo em minha cabeça, como se fosse um saco de pano.

Balancei o pescoço de todas as formas possíveis, mas não consegui me livrar da coisa que estava enfiada em mim. Sensação de falta de ar, desespero e medo, era assim que eu estava. Comecei a gritar socorro feito uma louca. Acho que meus gritos devem ter durado uns cinco minutos, quando ouvi barulhos como se fosse alguém dando socos em uma porta e depois uma voz grossa gritou comigo.

— Cala a boca, sua vadia.

Só então as recordações vieram, eu havia sido sequestrada pelo meu próprio vô. *Dio mio*, que avô era capaz de sequestrar a própria neta? Só um monstro mesmo como era Domenico Faustino. Resolvi voltar a gritar e depois de um tempo, ouvi uma porta se abrindo com rompante. Passos em minha direção e alguém agarrou meu ombro me sacudindo.

— Eu mandei calar a porra da boca. Melhor a mimadinha me obedecer, caso contrário posso desobedecer ao vovô e provar seu doce, vadia.

Ele falou com uma voz que eu conhecia de algum lugar e passou a mão pelo meu peito, descendo até o meu sexo. Balancei o corpo desesperada, ele me soltou e saiu rindo do lugar. Ouvi a porta batendo com força e resolvi parar de gritar.

Tentei pensar em algo, mas nada vinha a minha cabeça. Meu corpo estava doendo demais e minhas mãos estavam pinicando por causa da corda apertada. Fechei os olhos, respirei fundo e conversei com Deus.

O tempo passou sem que eu percebesse, acabei adormecendo, não sei se foi pela fome, dor ou sede, mas apaguei. Acordei com o barulho da porta abrindo e continuei quieta, fingindo dormir. Agucei minha audição e ouvi três pessoas conversando, enquanto entravam e saíam do lugar.

— Não é para machucar as garotas, ouviu? O chefe as quer intactas.

— Eu não encostei na vadia.

— Cadê a água, comida, seu *stronzo*. Se elas morrerem não vai servir para nada. Deixe uma garrafa de água e biscoitos aqui.

— Amor, precisa amarrar as outras duas?

— Não precisa. Deixe-as perto da outra, quando acordarem elas a desamarram.

Ouvi passos saindo, voltando com barulho de sacolas e depois a porta bateu de novo. Arrastei meu pé para os lados, até encostar em uma perna, com muita dificuldade movi meu corpo. A cada movimento sentia como se minha pele descolasse do osso, mas eu precisava tentar despertar as duas, sejam elas quem fosse.

Depois de uma eternidade, consegui colocar a mão em uma delas. Apalpei o corpo e quando cheguei a barriga, meu sangue congelou: era Antonella. Só podia ser ela, estava grávida e tinha um cabelão. Segurei seu braço e o balancei tentando acordá-la.

— Antonella, acorda, sou eu, sua prima.

Nada, silêncio total. Voltei a chamar por ela, mas a outra pessoa começou a tossir.

— Acorda, por favor, me ajuda.

A tosse foi cessando e ouvi uma voz feminina. Ela parecia rouca, com dificuldade para falar.

— Nella, acorde, por favor.

Ouvi barulhos como se ela estivesse se mexendo.

— Ela está bem? O que aconteceu com vocês?

— Fomos sequestradas no shopping. Antonella, por favor, acorda prima.

Comecei ouvir tosses e a outra menina agradecendo a Deus.

— *Dio mio, grazie.* Nella, você está bem?

— Acho que estou. Meus bebês estão mexendo.

— Calma, estamos bem.

— Onde estamos? Quem é ela, Nina? Vamos ajudá-la.

— Por favor, me ajudem.

Senti uma mão mexendo em meu corpo e retirando o saco da minha cabeça.

— Anna Faustino? A Julieta do Lorenzo.

— Sou eu mesma.

Ela me abraçou e só então comecei a chorar de alívio por não estar só e desespero por não saber do nosso futuro. Com cuidado ela retirou as cordas das minhas mãos e pés. Senti uma dor absurda quando o sangue começou a circular melhor, era como facas.

— Calma, respira fundo, vou te ajudar.

Nina começou a massagear meus pés, enquanto a Nella cuidava das minhas mãos. Elas me deram a garrafa de água que estava ao lado e tomei depressa, pois estava morrendo de sede. Depois elas me contaram como chegaram naquele cativeiro e eu contei a elas todo meu drama com o monstro que deveria me proteger.

Nella se levantou com a ajuda da Nina e andou pelo local. Só então percebi que estávamos em um porão, havia ferramentas velhas parecendo de jardinagem, caixas e coisas amontoadas. Depois que minha prima andou por todos os lados tocando alguns objetos, ela se virou para onde estávamos, segurava uma boneca suja que estava em uma das caixas, foi possível ver a emoção em seus olhos.

— Estamos no porão da casa dos meus pais. Eu brincava aqui com

minhas bonecas.

— *Dio mio*, não sei o que dizer, Nella.

— Anna, você precisa se lembrar de tudo que aquele monstro falou. É importante, qualquer detalhe pode nos ajudar.

Balancei a cabeça, fechei os olhos e revivi tudo que passei com meu avô. Depois de alguns minutos me lembrei de algo importante.

— *Caspitta*, meu avô me disse algo como: vou ganhar o dinheiro que perdi com você, sua vadia. E quando trouxeram vocês, ouvi um dos homens brigando com o outro dizendo que o chefe nos queria vivas.

Nina arregalou os olhos e acrescentou:

— *Dio mio*, o homem e a mulher que nos sequestrou, disse que trêsdaria mais dinheiro que duas.

Nella pensou, respirou fundo e balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Aquele *maledetto* vai nos vender para os russos. Ele não perdoou ter perdido dinheiro comigo na negociação com Nikolai.

— Nella, ele vai nos vender? Para prostituição? *Dio mio*...

Comecei a chorar e minha prima nos deu uma lição de resiliência e força.

— Meninas, precisamos ser fortes. Eu sei como sair daqui, mas vou precisar da ajuda de vocês, porque minha barriga está pesada.

— Nella, cuidado com minhas sobrinhas.

Minha prima arregalou os olhos, Nina tampou a boca com as mãos apavoradas e eu me emocionei.

— São três meninas, prima?

— Eu não sabia.

Ela olhou para a barriga e começou a chorar.

— Puta merda, eu e meu bocão. Desculpe Nella, eu não podia... me

desculpe...

Nella foi até a Nina e a abraçou. As duas choraram emocionadas e eu sem entender muito bem qual era o lance, me juntei ao abraço. Quando conseguimos nos acalmar, eu perguntei o que estava acontecendo.

— Você não sabia que eram meninas, Nella?

— Não. Só a Nina sabia, porque íamos fazer um chã de revelação amanhã.

— Desculpe-me Nella. Eu não poderia ter contado.

— Deixa de ser boba, Nina. Só me deu mais forças para lutar por nós e por elas.

Eu precisei de apoio para continuar de pé porque estava sentindo muita dor nas pernas. Nella achou um cabo de vassoura velho em um canto e me entregou para usar como bengala.

— Meninas, eu sei como sair deste lugar. Nós estamos embaixo da casa onde eu cresci. Tem uma portinha atrás daquelas caixas, onde passaremos por um túnel e chegaremos no meio de uma plantação de azaleias.

— Prima, como você vai conseguir com esta barriga?

— Com a garra de uma mãe, Anna.

Capítulo 52

Vicenzo entrou feito um louco no escritório, quase não respirando.

— Vocês precisam ver este vídeo da câmera de segurança do shopping. — Ele acionou um pendrive no computador da mesa do meu pai e todos nós nos esprememos em volta a mesa.

Na imagem a nossa frente, foi possível visualizar de forma nítida minha irmã maluca enfiando o dedo com um anel na boca e o retirando sem ele. Vicenzo pausou a imagem e se animou.

— *Caspitta*, minha prima é fodaaaaa, *Luchiano*, ela engoliu o anel com o rastreador.

— *Dio mio*, amo esta garota. Por isto, estou tendo dificuldade de localizar de forma exata o sinal, porque está na barriga dela.

— Agora vocês vão ver o restante do vídeo.

A imagem voltou a passar pelo monitor e vimos a hora que as garotas foram colocadas em uma SUV preta. As joias delas e os celulares foram jogadas pela janela e quando o carro saiu, César deu um grito.

— *Dio mio*, esta placa é de um dos nossos carros.

O silêncio tomou conta da sala por alguns segundos, até o pai da Anna pegar o celular e fazer uma chamada. Ouvimos ele conversando com a esposa e depois que ficou calado, percebemos ele ficando nervoso. Quando ele desligou a ligação, nos contou o que ouviu.

— Minha esposa me falou que meu pai sumiu desde a hora que saí de casa. Ela foi ao escritório dele e acionou a gravação das câmeras de segurança. Meu pai bateu na minha filha e saiu arrastando-a da casa, entrando no carro com um dos nossos seguranças.

Vicenzo que estava ouvindo tudo, nos passou suas descobertas.

— Meu infiltrado em sua casa, César, estava de folga. Ele me informou que um dos seguranças, Sebastian, é o faz tudo do seu pai.

— Vocês tinham um homem dentro da minha casa?

— Temos ainda, César. Estávamos monitorando seu pai por causa da Antonella, mas infelizmente, não adiantou muito, não é?

Meu primo Luciano passou um braço pelo ombro do caçula o consolando.

— Claro que serviu. Você é demais, caçula. Vem me ajudar no computador, vamos achá-las.

Gian que estava aflito e mudo até aquele momento, se pronunciou.

— Eu vou deixar todos os homens preparados para sairmos. Tenho certeza de que meu genro vai encontrar minha filha.

— Sua filha?

— Sim, César, a Antonella é minha filha.

O pai da Anna olhou espantado para todos, mas nossa atenção foi despertada por Silvano. Meu segurança ainda estava se recuperando da cirurgia, mas fez questão de vir nos ajudar com suas habilidades em sistemas. Ele e *Luchiano* eram uma dupla infalível no computador.

— Consegui rastrear o sinal, *Luchiano*.

Corremos para perto do monitor e uma luz vermelha piscava no mapa. Meu primo ampliou um pouco mais a imagem, depois me olhou e disse:

— Lorenzo, elas estão na casa dos pais da Antonella. Você se lembra quando fomos lá? A propriedade estava fechada sendo cuidada ainda pelo Domenico.

— Lembro sim, vamos buscar nossas garotas.

Gian começou a dar ordens aos homens, cuidando das estratégias e logísticas. Todos nós saímos para trocar de roupa, colocar colete e pegar nossas armas.

— *Vichenzo*, vamos de moto, *Luchiano* e Gian vão de carro.

— Eu vou junto. Meu segurança é da minha confiança.

— Tudo bem, César. Você precisa de um colete.

— Eu tenho no carro.

— César, acho prudente você pedir para sua mulher vir para nossa casa e esperar aqui. Não sabemos até onde vai a loucura do seu pai.

Ele balançou a cabeça concordando, veio até mim e segurou minha mão.

— Obrigado, Lorenzo. Não sei o que seria da minha filha nas mãos do meu pai.

Eu apertei a mão dele e saímos correndo para nos arrumar, enquanto nossos homens colocavam nossos carros a postos. Vincenzo tinha um visor instalado em sua moto, conectado com satélite, tecnologia de ponta. Era por ele que íamos monitorar o rastreador.

Depois de ouvir recomendações de mamãe e do meu pai, saímos eu, meus primos, tios, César e os seguranças. Deixamos Silvano e seis homens cuidando da nossa casa.

Antes de sairmos, liguei para nosso amigo na polícia de trânsito e pedi para liberar as principais vias, dizendo ser um caso urgente. Ele não me questionou, porque eu quase nunca pedia nada do tipo, mas aproveitei para denunciar os homens do Nikolai que tentavam se estabelecer na Itália.

A viagem era cerca de quatro horas dali. Precisávamos correr, porque cada minuto era risco para elas. Eu estava contendo meu ódio, caso contrário, podia colocar a operação a perder por atitudes intempestivas.

Passamos por todas as vias mais complexas sem nenhuma dificuldade. Meu amigo havia cumprido sua promessa e avançamos em comboio para o local do cativo. Eu e Vincenzo cortamos em velocidade máxima a frente de todos. Prometi ao meu pai não nos colocar em risco desnecessário, mas precisávamos correr.

Eu só tinha uma certeza: noite só estava começando e eu tinha sede de vingança, Domenico não viveria para contar sua história.

Capítulo 53

Almocei sem conversar com ninguém e depois saí para acertar algumas coisas com os negociantes das três vadias. A irmãzinha do *maledetto* e minha netinha, renderiam muito dinheiro, pena que as vadias não eram mais virgens. Já a netinha bastarda, grávida, renderia dinheiro duplo. Venderíamos o bebê e depois ela serviria para a prostituição.

Cometi a besteira de dizer que a bastarda estava casada com um Bernardeschi e quando descobriram que as outras eram irmã do mafioso metido a herdeiro e a minha neta que havia saído no jornal como namorada dele, não quiseram manter o negócio. Tentei de todas as formas, baixei preço, ofereci minha nora junto, mas nada mudou a cabeça daqueles russos idiotas. Um deles ainda teve a audácia de dizer:

— Não queremos problemas com os Bernardeschi.

Filhas de uma *puttana!!!* Eu me vingaria deles depois, não deixaria barato. Saí daquela reunião com ódio e resolvi procurar uns homens que trabalhavam na doca, eles eram acostumados a vender prostitutas para os espanhóis.

Passei pelo porto, conversei com uns aliciadores que achei por lá e eles aceitaram levar as três por oitocentos mil euros. Era muito menos que eu precisava, mas dava para começar um negócio novo e ficar livre dos meus inimigos. Saí para o local do cativo por volta de dezessete horas, precisava ser rápido, pois negocieei de entregá-las ainda de madrugada.

Depois de quase quatro horas de viagem, cheguei a antiga casa do bastardo do meu primogênito. A propriedade estava escura, somente com uma luz acesa. Meu segurança parou o carro o mais próximo da entrada da casa possível. O cheiro daquelas flores inundou meu nariz, me deixando com ânsia de vômito.

Respirei fundo três vezes e andei em direção a porta da casa. Abri sem bater, porque eu era o dono e não precisava me anunciar. O idiota do homem pago para vigiar a casa estava cochilando quando entrei. Ele abriu os

olhos assustados, colocou a mão na arma e ficou chocado quando me viu.

— Seu idiota! Assim que estão vigiando as vadias?

— Chefe, elas estão quietinhas. Deixei água e biscoitos como o senhor mandou.

— *Dio mio*, muita incompetência. Anda, se levante e me leve até elas.

O idiota saiu andando na frente e abriu uma porta que ficava na cozinha. Uma escada de uns vinte degraus levava até o porão. O segurança acendeu a luz e nós descemos devagar. Eu estranhei o silêncio, mas ele me garantiu que as ameaçou se continuasse gritando. Quando chegamos ao local, fomos surpreendidos pelo vazio. Não havia ninguém, sombra, nada das vadias.

— Onde elas estão? Seu desgraçado. Perdeu três garotas?

Começamos a andar de um lado para o outro, jogando caixas no chão, ferramentas, tudo.

— Chefe, eu não sei como isto pode acontecer, elas estavam aqui. Eu desci faz pouco tempo, não tem como elas estarem longe.

— Tem alguma passagem neste buraco de lugar. Procure.

O idiota começou a procurar por todos os cantos, até achar uma caixa encostada na parede, quando a empurrou, viu um buraco que dava para um túnel. Inferno, eu não trouxe mais homens, somente o motorista que permaneceu vigiando a casa.

— Eu vou subir e você vai atrás delas por este buraco. Leve sua arma e quando chegar no fim deste túnel, atire para cima para acharmos vocês.

O imbecil agachou e saiu se arrastando, eu retornei pela escada, tentando respirar. Aquelas malditas com certeza ainda estavam por perto.

Capítulo 54

— Prima, como você vai conseguir com esta barriga?

— Com a garra de uma mãe, Anna.

A resposta da minha prima me deu garra e coragem para lutar contra o monstro no qual se tornou meu avô. Ignorei a dor nas minhas pernas e comecei organizar nosso processo de fuga.

— Nina, você consegue ir na frente? Pensei em ir atrás de Antonella para ajudá-la caso seja necessário.

— Não precisa, prima. Eu estou bem, podem acreditar.

— Então vamos nesta ordem, mas juntas. Ok?

As meninas balançaram a cabeça concordando. Pegue a garrafa de água e prenda em meu corpo. Respiramos fundo, demos as mãos e fizemos uma oração pedindo proteção a Deus.

— *Dio* nos proteja!

Nina agachou e entrou no buraco do túnel, logo depois eu ajudei a Nella e entrei atrás dela.

— Meninas, vamos tentar ser o mais rápidas possíveis. Não temos luz dentro deste caminho, vamos somente seguir em frente.

Na verdade, estávamos arriscando em território desconhecido, inclusive expostas a algum tipo de inseto, rato ou cobra, mas não tínhamos outra opção a não ser arriscar.

— Ai meu Deus, acho que coloquei a mão em um bicho!

— Nina, calma, respira fundo e tente não pensar nisto.

— Anna, eu não vou conseguir, estou com medo.

A irmã de Lorenzo estava começando entrar em pânico, Nella estava

calada, tentando engatinhar e respirar, sobrou para mim o papel de coragem. Fechei os olhos, pensei em Lorenzo e em quanto eu queria estar com ele de novo. Naquela situação de risco, dentro daquele túnel, com meu avô louco querendo nos vender, descobri que amava aquele homem e por ele faria tudo.

— Nina, ouça bem. Você é uma Bernardeschi, uma guerreira. Eu conheço o seu irmão e ele me ensinou, que os Bernardeschi, nunca desistem.

Ouvi a respiração da minha prima e depois ela complementou minha fala.

— Nina, não desiste, por favor. Nós vamos fazer o melhor chá de revelação de todos os tempos. Suas priminhas precisam de você.

Permanecemos em silêncio por alguns minutos, enquanto avançávamos sem pensar muito em bichos peçonhentos. Eu fazia tudo para encostar minhas mãos no pé da Nella, ela seguia firme, em movimentos bastante acelerados para uma grávida. De repente, ouvimos o grito da Nina e nos animamos.

— Meninas, estamos perto de uma claridade. Acho que estou vendo a saída. Vamos começar uma pequena subida. Tudo bem aí com minhas meninas, Nella.

Minha prima respirou fundo e com uma voz ofegante pelo esforço respondeu:

— Estamos bem, Nina. Acelera, não para.

Meu coração estava quase saindo pelo peito. Pânico começou a tomar conta de mim, com receio de dar de cara com meu avô na saída, mas *Grazie Dio*, ouvimos Nina dizendo o que encontrou do outro lado.

— Menina, a lua está cheia e saí em meio a flores. Podem sair, não tem ninguém aqui.

A adrenalina só não me fez sair voando daquele túnel, porque a Nella estava a minha frente. Quando nós três conseguimos chegar do lado de fora, ajudamos Nella a levantar para nos dar a melhor opção de caminho a seguir.

— Vamos seguir nesta direção, porque chegaremos à estrada.

— Como alguém vai nos encontrar? Ninguém sabe nosso paradeiro.

Nina deu uma risadinha e olhou para minha prima. Eu não entendia como ela conseguia rir naquela hora.

— Relaxa, Anna, você está com Nina Bernardeschi, irmã do seu Romeu. Eu engoli meu anel, ele tinha um rastreador.

Olhei para ela sem acreditar que aquela maluca havia mesmo engolido uma joia.

— Você está falando sério? Por que fez isto?

— Simples, meu irmão me ensinou. Segundo ele, a primeira coisa que sequestradores fazem é arrancar nossas joias e celular, porque sabem que usamos rastreadores.

— Ela está certa, Anna. Meu relógio, joias e celulares tinham rastreadores.

— *Dio mio*, nunca teria esta ideia.

— Anna, cola nos Bernardeschi, que é sucesso.

Nina era a versão feminina do irmão: linda e modesta.

— Tudo bem, senhorita fodona, vamos acelerar o passo em busca desta estrada.

Caminhamos por cerca de dez minutos, quando ouvi a voz do meu avô gritando dizendo que ia atirar. Nós três paralisamos no lugar, mas eu não deixaria nunca ele tocar na minha prima de novo.

— Corram, eu vou cuidar dele.

— Não Anna, ele vai te matar.

— Não vai Nella, eu sei o que estou fazendo. Eu te suplico, por favor corra.

Ela me olhou apreensiva, mas Nina tomou a atitude necessária.

— Vamos Nella, ela sabe o que está fazendo.

Eu a incentivei com o olhar. Elas começaram a correr e eu abrir os

braços, sem a mínima certeza de estar agindo certo, mas não tinha outra saída.

— O senhor vai atirar em sua neta? Atire então.

— Eu vou te matar, sua vadia.

— Não vai, vovô. E sabe por quê? Porque está arruinado e se me matar, meu pai vai acabar com sua vida.

— Seu pai é um frouxo, não mata nenhuma galinha e ele não vai saber que fui eu. Vou sumir com seu corpo.

Minha única saída era blefar e foi o que eu fiz.

— Ele vai saber, vovô. Eu mandei mensagem para Lorenzo contando tudo o que o senhor tinha feito. Acabou. Domenico Faustino, dentro de segundos este lugar estará cheio de policiais.

Ele deu uma gargalhada e eu continuei sem falar nada. O melhor jogador era aquele que esperava seu oponente agir para dar sua cartada.

— Você está mentindo, eu estou com seu celular e vi todas suas mensagens.

Pensei rápido e resolvi jogar com a dúvida.

— Tem certeza de que viu tudo, Domenico Faustino. Eu sou sua neta, alguma coisa eu aprendi com você. Eu apaguei as mensagens depois de enviada, porque eu sabia que tomaria o meu celular.

A arma dele continuava mirando em mim, enquanto ele se aproximava. De repente, ouvimos barulhos de moto e foi naquele momento em que eu vacilei. Olhei para o local onde vinha o som e meu avô pulou em mim, me segurando de costas em frente ao seu corpo.

Quando as duas motos de aproximaram, pararam a uma distância onde eles podiam nos ver. O primeiro homem tirou seu capacete e meu coração disparou no meu peito ao reconhecer Lorenzo, meu Romeu.

— Largue ela, seu *maledetto*...

— Senão o que? Vai me matar, Lorenzo Bernardeschi. Basta dar

mais um passo e eu estouro os miolos dela.

Vicenzo tirou seu capacete e mirou sua arma em nós. Meu avô apertou a arma na minha cabeça e gritou com ele.

— Largue esta arma, senão eu vou matá-la. Não estou blefando, *maledetto*.

Vicenzo começou a se abaixar como se fosse deixar a arma no chão, ele estava se aproximando da terra, mas de repente, olhou para cima, mirou o revólver e matou o homem que estava saindo do túnel. Eu gritei com o barulho, meu avô virou para trás e naquela hora, senti meu corpo sendo sacudido e ele caiu no chão. Corri para Lorenzo e me joguei nos braços dele chorando desesperada.

— Calma, meu amor, eu estou aqui. Você está machucada?

Ele tentava me soltar para ver meu corpo, mas eu o segurava forte, sem dar a ele condições de me soltar. A única coisa que consegui fazer foi apontar a direção na qual as meninas tinham corrido.

— Antonella e Nina, correram para lá.

Vicenzo pegou a moto e saiu pelo caminho onde eu mostrei. Ouvimos mais tiros vindo de perto da casa e logo depois, Luciano vindo correndo em nossa direção.

— Matamos o segurança em frente a casa.

Quando ele me viu sozinha, ficou apavorado.

— Cadê as outras?

Contei a ele o que tinha acontecido. Luciano pegou a moto do primo e saiu atrás de sua esposa. Eu respirei fundo e olhei para Lorenzo. Ele passou o dedo pelo local do meu rosto onde estava doendo, depois deu um beijo e me deixou emocionada.

— Nunca mais ninguém neste mundo vai te machucar. Eu te prometo, Senhorita Encrenca.

— Lorenzo, eu senti tanto medo.

— Anna, eu morri algumas vezes sem você. Eu te amo demais, garota atrevida.

Eu não acreditei quando ouvi ele dizer que me amava, mas antes de poder curtir aquele momento, o barulho das motos nos despertou. Vincenzo voltava com Nina e Luciano com Antonella. Quando elas desceram das motos, nos abraçamos e choramos. Aquele era um choro de felicidade por estarmos bem, mas também uma forma de deixar fluir toda a tensão vivida nas últimas horas.

Os três primos permaneceram em volta de nós três, até que ouvi uma voz conhecida.

— Minha filha, *Grazie Dio*.

Papai veio correndo e me abraçou apertado. Nossos corpos foram agachando até o chão, ainda abraçados e acabamos ajoelhados, enquanto chorávamos, ele me pedia perdão.

— *Bambina mia, amore dela vita, scusa me*.

Não saiu nenhuma palavra da minha boca, apenas lágrimas desciam pelo meu rosto. Aquele pesadelo havia acabado.

Capítulo 55

Meu mundo perdeu todas as cores, quando visualizei minha Senhorita Encrenca sobre a mira do revólver do louco. Domenico Faustino estava transtornado e eu estava disposto a matá-lo. A astúcia do meu primo, facilitou minha missão.

Quando ela me abraçou, *Dio mio*, eu me senti vivo, com tudo no lugar certo. Eu a amava demais. Aquela garota virou meu mundo de cabeça para baixo. Depois que consegui retirá-la dos braços do seu pai, entregamos as motos para dois seguranças e voltamos para casa nos carros.

Luciano estava muito nervoso, mas a Nella com sua serenidade, conseguiu acalmar meu primo. Eu tinha orgulho de ver o quanto aquela garota era forte. Mesmo grávida, não estava abatida e em seu rosto era possível perceber a garra de uma mãe. Um pouco antes de sairmos daquele lugar, ela nos deu uma lição com sua bravura e resiliência.

— Eu passei anos felizes junto aos meus pais neste lugar. Não vou deixar este louco, destruir a memória deles. *Luchiano*, amanhã mesmo vamos pedir ao Gian para restaurar a propriedade que é minha por direito.

— Com certeza, meu amor. Seu desejo é uma ordem.

E depois daquilo entramos nos carros. César fez questão de estar junto comigo e Anna na mesma SUV. Ele foi a frente com um dos nossos seguranças, enquanto a filha dele estava dentro do meu abraço no banco de trás.

Luciano e Antonella, voltaram no carro junto com Gian e meu tio Lucca. Todos nós permanecemos emocionados com a força do Giancarlo ao segurar a emoção ao rever a filha. Precisávamos contar a Nella sobre ele, não era justo mantê-la sem saber por mais tempo.

Vicenzo, Nina e meu tio Enrico e dois seguranças voltaram em outro carro. Quando chegamos em casa, foi outra sessão de choro. Nunca tinha visto meu pai chorar, mas naquele dia ele permitiu nos mostrar a vulnerabilidade de um pai frente a hipótese de perder uma filha. Ele e

mamãe, agarraram Nina por longos minutos.

A emoção da mãe da Senhorita Encrenca, quando viu a filha cheia de hematomas, deixou a todos bastante comovidos. Eu queria cuidar de cada ferida dela, mas precisava esperar nossa família se acalmar. O medo de que todos nós passamos, estava refletido nas expressões de alívio de todo nós.

Mamãe pediu nossas cozinheiras para preparar uma bela macarronada para todos nós. Estávamos sentados na sala da casa dos meus pais, ouvindo as meninas contando tudo o que tinham passado, quando mamãe perguntou a Nella como ela conseguiu correr com a barriga.

— Eu só pensava em chegar à estrada, porque tinha certeza de que vocês iam nos encontrar. Quando colocamos os pés no asfalto, o carro do Gian estava passando e me viu. Ele é mesmo um grande protetor, não é?

Naquela hora, todos olharam em direção ao segurança e foi então, que ele não conseguiu segurar a emoção. O homem de quase dois metros de altura começou a chorar de forma sofrida, fazendo com que Antonella fosse até ele e colocasse seu braço em volta do ombro dele. Meu pai olhou para meu primo e fez um sinal dando a entender que aquele era o momento da revelação.

Luciano andou até os dois, colocou a mão no ombro do sogro, que olhou para ele com olhos vermelhos.

— Anjo, sente-se ao lado do Gian, ele tem uma história para te contar.

Ela olhou para o marido sem entender, mas se sentou ao lado do segurança. Gian respirou fundo, segurou a mão dela e começou seu relato de forma emocionada.

— Quando eu te vi a primeira vez, naquele dia horrível do seu sequestro, meu coração a reconheceu, mesmo quando eu não sabia quem você era. No meu íntimo, eu sentia o quanto precisava te proteger daqueles homens maus.

— Gian, não precisa se lembrar disto, passou. Você me salvou.

— Eu sei, pequena, mas eu preciso que me escute. Enquanto você dormia naquele avião, eu te olhava e algo em seu rosto me lembrava alguém. Porém, na guerra, sofri um atentado e fui dado como morto, mas estava vivo, apenas sem memória. Seu rosto rosado, o desenho da sua boca, era como uma luz acendendo nas minhas lembranças.

Nella olhava para ele sem entender nada, mas seu peito subia e descia como se ela estivesse antecipando uma grande surpresa.

— Gian, o que você quer me dizer? Não precisa se preocupar comigo, pareço frágil, mas já provei que não sou.

Ele sorriu, enquanto uma lágrima escapava do seu olho.

— Você é uma fortaleza, Antonella, exatamente como a sua mãe.

— Minha mãe? Você a conhecia?

— Sim filha, Beatrice era minha noiva antes da guerra e quando fui servir ao meu país, eu a deixei grávida.

O silêncio na sala era ensurdecedor. Foi como parar o tempo. Antonella olhou para Gian, depois para meu primo que de forma sutil balançou a cabeça para ela, em uma comunicação só deles.

— Gian, você é o meu pai?

Ele não conseguiu responder, apenas confirmou com a cabeça e voltou a chorar.

— Eu não sou filha do *Franchesco* Faustino?

— Não, pequena, você é minha filha. Eu só descobri isto há menos de vinte dias e não te contei antes, porque estávamos preocupados com sua gravidez. Nós vamos te contar tudo.

Então Gian colocou a mão no bolso e deu a ela as duas medalhinhas. Ela segurou emocionada, respirou fundo e falou:

— A medalhinha que meu pai deixou comigo, mas eu só tinha uma. Por que são duas?

— Era uma da sua mãe e outra minha. Ela me entregou antes da

guerra, para que eu voltasse para casa, mas eu deixei uma com *Franchesco* e a outra com Enrico, caso algo acontecesse comigo, eu os fiz prometer que entregariam de volta a sua mãe.

Meu tio resolveu se pronunciar.

— Recebemos a notícia, Nella, que seu pai estava morto. Eu, *Franchesco* e Gian, éramos da mesma base e amigos. Ele encontrou sua mãe grávida de você e se apaixonou. Eles fizeram uma promessa de nunca contar esta história com receio do pai dele.

Antonella ouvia tudo atenta, tentando controlar a respiração, mas ela foi vencida pela emoção, quando Gian colocou todo o seu coração na sua fala.

— Antonella, eu nunca vou tirar o lugar do seu pai, *Franchesco*, da sua vida. Eu só quero te pedir para me dar espaço em seu coração.

Ela baixou a cabeça e começou a chorar. Luciano ameaçou intervir, mas meu pai fez sinal para ele esperar um pouco. Papai era meu ídolo em sua sabedoria. Depois de alguns minutos, ela olhou para o Gian e com voz embargada pelo choro, fez o grandão chorar de novo.

— Você já tem este lugar no meu coração, Gian. E agora, será maior ainda, porque eu vou ter dois pais, meus bebês dois avôs e meu marido, dois sogros.

Ela o abraçou e todo mundo naquela sala tentou disfarçar as lágrimas, e eu? Bom, eu estava a cada dia mais convencido que o destino sabia onde estava se metendo.

Capítulo 56

Se você pensa que minha vida virou um mar de rosas com a Senhorita Encrenca, está muito enganado. O pai dela entrou em uma vibe de só permitir nós dois namorando em casa e acredite se quiser, sentadinhos na sala, como se fossemos da década de setenta.

Minhas bolas estavam em tempo de explodir, tudo porque meu digníssimo sogro decidiu que só poderíamos sair juntos como um casal depois do nosso casamento.

A princípio tentamos argumentar de todas as formas possíveis e impossíveis, mas para o meu desespero, meu sogro conseguiu em meu pai um aliado.

César Faustino pediu ajuda do poderoso Don dos Bernardeschi, para se livrar das dívidas do pai e papai o convidou para se aliar a nossa família. Nunca vou me esquecer da conversa mais bizarra que fui obrigado a participar.

— César, pelo jeito, nossos filhos estavam juntos há mais tempo que imaginamos. — Olhei para o meu pai e revirei os olhos. — Lorenzo tem muitos negócios e acredito que precisa de um homem de confiança para ajudá-lo, uma vez que em breve pretendo me aposentar, deixando ele a frente de todos os negócios.

César olhou para mim e eu mantive meu olhar no dele. Não deixaria nunca ele me constranger.

— Eu estou à disposição de sua família, Don Freddo. Saiba que pode contar com minha lealdade e gratidão eterna por salvar minha **única** filha.

Ele fez questão de frisar que a Senhorita Encrenca era sua única filha e eu me fiz de desentendido.

— Eu conto com esta lealdade, Senhor César. Eu não costumo errar com as pessoas que convido para a família e acredito no amor do meu filho por sua Anna, não é Lorenzo?

Papai me introduziu na conversa de um jeito incisivo, com se quisesse me pressionar a admitir minhas intenções com a Senhorita Encrenca.

— Sim, papai, eu a amo de todo meu coração. César, pode ficar tranquilo, porque eu aprendi a ser leal com meu pai. Sua filha será muito amada. Quero aproveitar o momento, para dizer que quero a Anna ao meu lado.

O homem me encarou com olhos apertados, arranhou a garganta e quase me matou do coração com sua proposta.

— Fico feliz em saber o quanto ama minha filha e por este motivo, acredito que não se oporá as minhas condições.

— Condições? Quais?

— Ela vai morar com você somente depois do casamento, enquanto isto, vocês só vão namorar em casa. **Na sala da minha casa.**

— O que? Está falando sério?

— Como nunca falei antes, senhor Lorenzo Bernardeschi, meu futuro genro.

Olhei para meu pai, implorando ajuda pelo olhar e ele apenas levantou os ombros. Como assim? Ele estava aprovando aquela maluquice?

— César, eu e sua filha, não somos mais crianças. Somos adultos.

— Lorenzo, minha filha tem apenas vinte anos. Ela fará vinte e um semana que vem. Então, estas são minhas regras e sua única opção.

Respirei fundo desesperado e sem saída. Eu não conseguiria ficar tanto tempo longe do corpo da Senhorita Encrenca.

— Trinta dias, César. Este é o tempo que vocês têm para providenciar a festa de casamento, caso contrário, eu vou me casar com ela somente em um cartório.

Meu futuro sogro me encarou por alguns segundos e depois abriu um grande sorriso.

— Combinado, genro. Eu e minha esposa prepararemos o casamento

para daqui a trinta dias.

Somente naquela hora, meu digníssimo Pai resolveu abrir a boca.

— César, gostaria que a cerimônia acontecesse na Capela da minha propriedade e a festa também. Todos Bernardeschi se casaram nela.

— Aceito, Don Freddo. Eu e minha esposa iremos conversar com nossa filha para acertar detalhes da festa. Senhor Lorenzo, providencie os proclames.

Balancei a cabeça concordando com aquela loucura. Ele ficou de pé, me estendeu sua mão como se tivéssemos acabado de fechar negócio e se despediu. Esperei ele sair para interpelar meu pai.

— Papai, por que o senhor não falou nada? Não tem cabimento eu namorar em sofá.

Não acreditei quando meu pai começou a rir e acabou em um ataque de risos. Olhei para ele de cara feia e quando ele conseguiu se controlar me falou.

— Filho, eu jamais perderia esta chance. O grande pegador da Sicília namorando em um sofá. Você mereceu, Romeu.

— Paiiiii... Não acredito nisto.

— Pode acreditar, meu filho. Um conselho? Tome muitos banhos frios.

Depois daquilo, ele pegou suas muletas, pois graças a fisioterapia estava conseguindo ficar de pé e saiu do escritório rindo de mim.

Foram dias tensos e infernais no sofá. Quando pensávamos em avançar os sinais, aparecia sempre alguém. Ou minha sogra inventava um assunto, outra hora era detalhes do casamento e até mesmo as amigas da Anna estavam rindo da nossa cara. Viramos verdadeiros maníacos de sexo virtual. Era a única forma de conseguirmos acalmar nossos desejos enlouquecedores.

Nossa única oportunidade aconteceu no dia do esperado Chá de Revelação dos bebês da Antonella. Por milagre dos deuses, minha irmã havia

conseguido manter segredo sobre o sexo dos anjos. A área de festas da nossa casa estava toda decorada de rosa e azul. Gian e Antonella não se desgrudavam mais, inclusive, ele participou da seleção do novo segurança da minha prima.

Meu primo colocou tantas exigências, que foi difícil arrumar alguém, pois todos eram: novos demais, velhos demais, bonito demais, inexperiente demais, Gian acabou selecionando uma segurança mulher, pois desconfiou que o genro estava com ciúmes da esposa.

Os pais de Anna estavam feitos cães de guarda nos vigiando, mas nós tínhamos Paola e Helena para nos ajudar a distraí-los. As meninas se tornaram minhas aliadas e estava rolando um lance de olhares entre a amiga tímida e o caçula da família Bernardeschi. Eu estava prevendo mais problemas para família, pois o paizinho Juiz dela era uma pedra no nosso sapato.

No momento que Nina fez seu discurso de fiel escudeira do segredo, eu e Anna aproveitamos o momento de distração para fugirmos para o interior da minha casa. Paola e Helena se comprometeram a correr nos avisar caso estivéssemos em perigo.

Eu saí de fininho e logo depois a Senhorita Encrenca em seguiu. Antes mesmo de trancar a porta do quarto, comecei a beijá-la de forma ansiosa.

— Nós não temos muito tempo, cremosa, então vai ser rápido, mas eu preciso entrar em você.

— Me fode, garanhão.

— É para já, Senhorita Encrenca.

Arranquei o vestido dela e a gostosa estava somente com uma calcinha pecaminosa.

— Porra, você está deliciosa, Senhorita Encrenca.

Eu a beijei com fome daqueles lábios, estava com tanta saudade dos gemidos, do corpo macio daquela mulher, que meu pau não aguentaria esperar. Mantive ela com salto, pedi para se segurar no colchão da cama,

porque eu queria aquela bunda encostada em mim.

Mordi seu ombro, lambi suas costas, passei meu braço por sua barriga e enfiei meu dedo dentro da sua calcinha a fazendo gemer mais alto. Tirei a calcinha dela e guardei no bolso da minha calça. Abri meu zíper, passei a mão por suas costas e depois a penetrei com vontade. Puta que pariu, estava com tanta vontade, que chegamos ao orgasmo juntos e gozei dentro dela. Foi uma das transas mais psicodélicas da minha vida.

Eu a limpei rápido, ajudei ela colocar seu vestido e falei em seu ouvido.

— Vou guardar sua calcinha comigo. Vai ficar sem ela e pensar em mim o tempo todo.

— Eu penso em você o tempo todo, Lorenzo.

Quando abrimos a porta do quarto, demos de cara com Helena.

— Corre na frente, seu pai está em sua caça.

— Desce com Helena, diga que estava no banheiro. Eu vou depois.

Ela me deu um beija gostoso e desceu rindo mais a amiga. Que situação: um herdeiro da máfia precisando driblar o sogro. A que ponto você chegou, Lorenzo Bernardeschi.

Epilogo

Eu e mamãe escondemos meu vestido de noiva de todo mundo. Antonella estava inconformada por não a deixar participar da escolha, mas eu queria surpreender com meu modelo de Julieta. Uma réplica quase idêntica do usado no filme de Franco Zeffirelli.

No meu cabelo usaria apenas uma tiara delicada de diamantes e minha maquiagem seria no mesmo estilo da roupa. Para manter meu padrão ousadia, fiz uma fenda até a coxa da perna esquerda. Meu futuro marido estava nervoso como nunca imaginei que ficasse.

Saímos da minha casa para a propriedade dos Bernardeschi na hora marcada. Meu noivo quase me fez assinar um documento prometendo não me atrasar. Eu estava louca para chegar e ver meu lindo no altar me esperando. Papai estava bastante emocionado com meu casamento e apesar da ideia absurda do namoro no sofá, ele estava caidinho pelo meu noivo.

Quando chegamos a frente da igreja e Paola, Nina, Helena e Antonella vieram até o carro me ver, fiquei emocionada com minhas madrinhas. Elas estavam lindas com vestidos rosa bebê, cor escolhida por causa das três menininhas dentro do barrigão da minha prima. Manu a irmãzinha do Lorenzo, entraria com as alianças.

Os padrinhos estavam conversando na porta da capela, Luigi, Vincenzo, Luciano e Matteo, sim, Matteo, estavam esperando as madrinhas. Eu convenci meu futuro marido, a aceitar o amigo de infância como padrinho. Minha cunhada quase surtou quando descobriu que o policial dela viria para o casamento e ainda entraria de braços dados com ela.

O mais difícil, foi convencer o segurança turrão, a aceitar nosso convite para ser o padrinho. O pai de Paola estranhou a nossa escolha, mas Lorenzo inventou uma história bem convincente para justificar nosso convite.

Tudo estava pronto para minha entrada e meu coração estava quase saindo pela boca. Eu me preparei com meu pai no lugar demarcado esperando a porta da capela ser aberta. Quando ouvi as trombetas tocando a marcha nupcial de Mendelssonh, pensei que fosse sofrer uma parada cardíaca.

O corredor da capela estava florido de um lado e do outro até o altar.

Todos nossos amigos estavam de pé esperando minha entrada. Quando comecei andar e vi meu noivo com seu terno preto, perfeito em seu corpo pronto para o pecado, meu coração explodiu de amor em meu peito. Como eu amava aquele homem.

Eu vivi uma das maiores emoções da minha vida, quando me aproximei dele e vi seus olhos marejados. Meu pai beijou minha testa e me entregou a ele pedindo que cuidasse do seu bem mais precioso. Lorenzo apertou a mão dele, depois beijou minha testa e falou baixinho somente para eu ouvir.

— Senhorita Encrenca, você está linda e toda cremosa.

Eu sorri para seu jeito peculiar de dizer o quanto eu estava gostosa. Mamãe e minha sogra, tentavam disfarçar as lágrimas. Minhas madrinhas estavam radiantes e o meu pai emocionado, com olhos marejados.

O padre do nosso casamento, era o mesmo que batizou Lorenzo e fez um sermão muito bonito sobre cumplicidade, vida a dois e amor. O momento mais lindo, foram os nossos votos.

— Lorenzo Bernardeschi, eu, Senhorita Encrenca, vulgo Anna, prometo movimentar todos os dias de sua vida, sempre me atrevendo a te amar cada vez mais. Meu nariz arrebitado, estará de prontidão para te lembrar o quanto foi difícil me conquistar. — Todos os presentes riram naquele momento. — E por último, mas não menos importante, serei a brava esposa que estará sempre ao seu lado, para te amar e reverenciar. Eu te amo, garanhão.

Lorenzo riu, minha mãe quase enfartou e o padre achou graça dos meus votos audaciosos. Porém, nada me preparou para os votos do meu futuro marido.

— Senhorita Encrenca, minha cremosa e brava Anna, quando você invadiu a minha boate, eu pensei: *Dio mio*, de onde saiu esta louca? Porém, eu soube naquela ocasião, que meus dias nunca mais seriam os mesmos.

Naquele momento entrou um violinista tocando o tema do filme Romeu e Julieta, me fazendo perder todo o meu controle. Dali em diante, eu virei uma gelatina chorona.

— Eu te disse que daria um fim diferente a história de Romeu e Julieta, no entanto, este não é o nosso fim, é apenas o começo de uma vida onde vou te amar a cada minuto do seu dia. Cada sorriso será seu, todos os meus suspiros serão para você e toda a minha vida girará em torno de sua felicidade. Eu amo a Anna, a Senhorita Encrenca, a minha bravinha e por fim, eu sou louco de tesão pela minha cremosa.

O padre arranhou a garganta e entre lágrimas, eu sorri.

— Enfim, Anna, eu te prometo te amar de janeiro a janeiro, em todos os minutos da minha vida.

Foi difícil voltar ao meu normal, mas ainda faltava o esperado: pode beijar a noiva. Quando o padre disse isto, Lorenzo laçou minha cintura e me deu um beijo digno de cinema. Todos os nossos convidados foram a loucura nos aplaudindo.

E naquele momento, eu era a esposa mais feliz do mundo. A garota encrenqueira, que não se abateu ao ter seu castelo de cartas derrubadas, mas que tomou para si o leme da sua vida.

Você que chegou até aqui, saiba que nada e ninguém neste mundo, podem tomar conta da sua história. Seja corajosa e enfrente seus problemas de nariz em pé. Lute contra os muros em volta de você e arrebente as amarras que te atrapalham de se libertar.

Somente pessoas que têm coragem de romper barreiras e padrões predefinidos, conseguem se realizar. Permita-se ser vista como você é. Não crie personagens para agradar quem não te merece. Se ame antes de qualquer coisa. Você precisa ser o seu grande amor e só depois dar espaço para alguém que mereça te amar. Não se rebaixe nunca, você é muito mais.

Enfim, mulheres, sejam quem vocês desejam ser. Não há limites, acredite na sua força, siga o baile e quebrem tudo, mulherada.

Um beijo da Senhorita Encrenca.

Fim, aliás...

Se você quiser saber novidades sobre a história de Vincenzo, venha para o

meu grupo de Leitoras e preparem-se, porque agosto será o mês de grandes transformações.

<https://chat.whatsapp.com/BxSnOBLNm7d7vcpgyNRY7b>

E se você ainda não leu De Volta à Máfia, tem uma degustação para você, só continuar lendo.

Outra coisa, por favor, avalie meu livro, é muito importante para mim.

BÔNUS

Se você terminou este livro e não conhece a história de Luciano e Antonella, segue uma degustação.

SÉRIE
FAMÍLIA BERNARDESCHI
LIVRO 1

DE VOLTA À
MÃFIA

O PILOTO E A VIRGEM

CLÁUDIA CASTRO

DE VOLTA À
MÁFIA

O PILOTO E A VIRGEM

Copyright © Cláudia Castro

Edição Digital: **Criativa TI**

Revisão: **Perla Bianco**

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Dedico este livro a
todas as leitoras que
me desafiaram a ousar.*

A você, minha leitora, toda a minha gratidão!!!

Prologo

Senha correta...

Baixando arquivo...

0%....20%40%....60%....80%....100%

Download completo

Meu coração estava disparado, observando a tela do computador. Minha passagem para viver meu sonho dependia daquele maldito arquivo. Aquele seria o resultado de muitas noites sem dormir, debruçado sobre códigos. Rodei um software específico para quebrar a senha do arquivo. Aquele era o momento mais emocionante para mim: burlar o sistema. Meu tio, o Don de nossa família, havia feito um acordo comigo, se eu conseguisse o arquivo com todos os fornecedores do seu maior inimigo, eu poderia experimentar meu sonho: ser piloto

Aquela era minha primeira noite de liberdade para viver meu desejo desde a infância. Aos trinta e dois anos consegui permissão do *Capo* para seguir a minha vocação profissional. As pessoas normais não entenderiam como um homem da minha idade ainda dependia da autorização dos pais e do tio para tomar certas decisões. A questão é: a minha família nunca foi normal. Não existe normalidade para pessoas da minha árvore genealógica.

Na verdade, eu estava muito feliz para ficar remoendo o passado. Eu fui o único a conquistar o direito de ser dono da minha própria vida, pelo menos por um tempo. Antes de me mudar para os Estados Unidos, resolvi usar meu convite vip para passar minha última noite na Itália prestigiando a inauguração de uma das muitas boates do meu primo Lorenzo.

A sensação de liberdade provisória estava me deixando eufórico. Eu me vesti com calça jeans, camisa *off white* e blazer preto. Não era um homem vaidoso ao extremo, mas gostava de me arrumar e de me manter saudável, por meio de *Muay Thai* e corrida.

Na chegada da casa noturna, me deparei com ganhões de luzes, fotógrafos, repórteres e tapete vermelho para receber as pessoas da alta sociedade italiana. Lorenzo sempre foi exagerado, adorava ostentar seu poder financeiro, muito diferente de mim. Eu não gostava de holofotes, era quase antissocial, de poucas palavras, talvez por isto era considerado o melhor rastreador da organização.

Fui recebido pelo meu primo e uma bela loira na entrada da boate, não a conhecia, porque Lorenzo trocava de mulher como quem mudava de roupa. Eles estavam impecáveis, pareciam até um casal de revista.

Naquela noite, quase todas personalidades italianas foram convidadas, não havia bilheteria para aquele evento e estar na lista ilustre não era para qualquer um. Como esperado, quando cruzei a

porta de entrada me deparei com um ambiente próximo aos mais luxuosos hotéis cinco estrelas do mundo.

A iluminação era baixa, havia tapetes persas, sofás confortáveis e acolhedores para quem queria relaxar e muitas obras de arte neoclássicas e românticas, assinadas por artistas renomados do mundo inteiro. A grande atração do lugar com certeza era a pista de dança. Ela era circular, com teto mais alto e com capacidade para umas novecentas pessoas. Os camarotes ficavam dispostos ao redor do público, com vista privilegiada de toda a casa.

Seguindo a tendência das noites americanas, havia um DJ fazendo seus malabarismos com os dispositivos de som. Garçons circulavam atendendo os convidados VIPS com garrafas cheias dos melhores destilados e espumantes. O bar estava localizado em um ambiente mais afastado, mas não menos luxuoso que os outros. O acesso a ele se dava por um corredor que circulava o local onde as pessoas dançavam.

Eu não esperava menos do meu primo, ele sempre adorou ostentar seu poder de todas as formas possíveis, afinal, ele era o filho do primogênito que substituiu o vovô. Don Enzo Bernardeschi, nosso avô, era o *Capo*, o senhor de nossa família e quando morreu, seu lugar foi ocupado pelo meu tio Freddo. Meu primo adorava nosso lugar de destaque na sociedade italiana.

Nossa família investia de forma lícita em cassinos, boates, construtoras e bebidas, mas o negócio principal era drogas,

contrabando de armas e prostituição. Na folha de pagamento dos nossos negócios, havia nomes de pessoas influentes e poderosas de todas as organizações. Havia Juízes, capitães de polícia, delegados, promotores, muitas pessoas da imprensa e agentes da alfandega.

Meu avô era um homem muito católico e ensinou a todos nós os preceitos da Santa Igreja Católica. Alguns valores da nossa família, permaneciam inegociáveis e eram transmitidos por todas as gerações. Era proibido para todos os membros da Bernardeschi a se envolver com tráfico de pessoas, com menores e com qualquer atividade sexual caso não fosse consensual.

A inauguração da boate fazia parte das estratégias para estar entre os figurões excêntricos, loucos para gastar seus euros e esbanjar-se com mulheres lindas, com seus corpos perfeitos e vestidos curtos. Algumas inclusive sem nenhum pudor de se exibir sem lingerie, em nosso mundo, quanto mais ostentação, mais poder.

Cumprimentei alguns conhecidos pelo caminho enquanto eu me dirigia ao maior camarote destinado à nossa família. Somente os meus tios, pai e mãe de Lorenzo estavam presentes, o restante eram meus primos e muitas primas. Eu era o único a não ter irmãos, mesmo com todas as tentativas, mamãe só conseguiu levar a frente uma única gravidez, a minha.

Um garçom se aproximou fazendo malabarismo com a bandeja cheia de bebidas, peguei um copo com uísque e me

aproximei dos parentes para fazer uma social. Eu sabia qual seria o assunto dos meus tios, eles tentariam pela milésima vez a me persuadir para não seguir outro caminho fora do negócio de família. Falaram de como Lorenzo e Vincenzo precisavam de mim, pois eu era o mais centrado. Como de costume, os escutei e depois pedi licença para me livrar da insistência deles em se intrometerem em minha vida. Andei em direção ao vidro que isolava os camarotes do som, e foquei minha atenção nas mulheres dançando.

Aquele movimento todo não me atraía, puxei o ar pela boca e soltei pelo nariz, para mim, aquela multidão significava tudo, menos diversão. O meu conceito de lazer estava nos clubes para adultos nos quais eu era sócio. Nunca fui um homem de namoros longos, preferia sexo casual, era menos trabalhoso para uma pessoa complexa como eu.

Para meros mortais, não acostumados a viver em um mundo como o nosso, toda a ostentação podia parecer um tanto quanto fora da realidade. Muitos exageros aconteciam em nossa volta, mas era natural para os nossos padrões de vida.

Os convidados, em sua maioria homens de negócios milionários, estavam se divertindo muito na inauguração da *Seduzione*. Aquele espaço era um verdadeiro harém, muitos com certeza terminariam a noite com mais de uma mulher na cama.

Depois de quase uma hora no local, entendi ter sido o suficiente para prestigiar a família e, portanto, estava liberado para

ir embora. Como eu estava enganado, a noite ainda estava por começar e minha vida prestes a mudar.

Capítulo 1

Luciano Bernardeschi

Decidido a ir embora, me virei em direção a saída, mas fui lançado por minha prima Nina, de apenas dezoito anos. Ela era uma garota terrível para sua idade, bastante avançada no quesito sedução, mas eu desconfiava que era só fachada para parecer moderna.

Desde os quatorze anos ela vivia me rodeando, tentando sem nenhum pudor me seduzir. Eu a evitava de todas as formas, não queria problema com meu tio. Além disto, o olhar cínico dela, me incomodava demais, a garota era debochada e sem nenhum senso. Como era meu último dia no país, resolvi ser simpático com a priminha.

— *Luchiano*, deixa de ser um *vecchio*, vamos dançar.

Ela segurou minha mão e saiu me puxando. Junto dela estavam outras primas, Vincenzo e amigos. Eu era o filho do segundo irmão da família e esta foi minha sorte, caso contrário não poderia experimentar outro destino fora da máfia. Música alta, fumaça de gelo e muita gente no mesmo lugar, aquele era o pior cenário para mim, mas me esforcei para apreciar o momento e ser simpático com a família.

Estava dançando com a galera jovem, enquanto Nina falava sem parar e fazia questão de esfregar seu corpo em mim. De repente, um anjo ruivo com um jeito selvagem, despertou minha atenção. Eu nunca tinha visto aquela garota antes e talvez por isto, fui consumido pela curiosidade.

Ela parecia ser jovem, talvez da idade de Nina, mas tinha algo diferente nela, parecia carregar o mundo em seu olhar, com uma determinação diferente das minhas primas. A deusa de cabelos longos, ondulados e vermelhos, dançava me olhando com uma intensidade perturbadora.

Tentei não me submeter ao seu jogo, mas o desejo latente em mim, resolveu se manifestar decidindo o contrário. Começamos a dançar em movimentos sincronizados e me afastei do meu grupo me aproximando da garota misteriosa.

Ela sensualizou diante de mim, balançando seu corpo de forma perigosa. Seu jeito de menina era encantador, mesmo ela exalando uma energia como se estivesse com raiva. Aquela postura a deixava com um jeito de mulher fatal.

Aquele jogo desencadeou uma cobiça desenfreada em mim, sua pele branca em contraste com o tecido preto do vestido curto, balançando com seus movimentos me deixaram hipnotizado. Os olhos verdes, quase translúcidos, não perdia o contato visual comigo e quando ela passou a língua nos lábios me provocando, eu a puxei para meus braços e a beijei.

A ninfa sedutora correspondeu com volúpia, sugando minha língua de forma sedenta, como se precisasse ser salva de um afogamento. Seu corpo grudado ao meu, seus braços em volta do meu pescoço me puxando para ela, me envolveram na mesma intensidade. Quando nos afastamos para respirar, segurei seu rosto e com a boca próxima a dela, resolvi descobrir quem ela era.

— Qual seu nome, anjo?

Ela sorriu, me deu um selinho, mas não se apresentou.

— Sem nomes, *bello*. Quero uma noite de sensações, somente isto. Aceita meu desafio?

A palavra “desafio” era o mais poderoso gatilho para desequilibrar meu lado racional. Eu nunca soube ser desafiado e fugir.

— Desafio aceito, anjo.

Ela sorriu, segurou minha mão e saiu me levando para um canto escuro da boate. Aquele parecia ser um local apropriado para quem não queria ser incomodado. Sem nenhum pudor, ela se encostou na parede e me puxou para encostar meu corpo no dela. Começamos a nos beijar de forma obscena e ela moveu seu ventre em meu pau como se necessitasse se satisfazer com urgência. Tentou enfiar sua mão dentro da minha calça, mas eu a parei.

Tomei para mim o controle da situação, estava para nascer a mulher a dar cartas em uma transa. Eu era o dominador, eu ditava

as regras e não elas. Segurei seus braços impacientes acima da cabeça, apertei meu corpo no dela e a pressionei na parede.

A garota me olhou com sobrancelhas para baixo, próximas uma da outra, com um brilho no olhar e comprimiu os lábios. Ela não sabia, mas eu era perito em microexpressões faciais e naquele momento percebi como ela estava em fúria. Raiva era um gatilho intenso para mim, me tornando sedento por subjugar a pessoa. Meu senso de responsabilidade ia para o espaço e eu me transformava. Talvez fosse o fator hereditário agindo em mim.

— Vai ter o que deseja, anjo, mas eu decido a hora de te foder, não você.

Alguma coisa na minha fala, fez com que a garota mudasse seu padrão de comportamento, mas para uma transa casual, como ela queria, não tinha outra maneira de ser.

Capítulo 2

Antonella Faustino

Desde quando meus pais morreram, minha vida virou um inferno. Eu tinha apenas quinze anos e fui entregue para ser tutelada por meu avô, o homem mais poderoso e cruel da máfia italiana. Para minha família paterna, eu era uma bastarda, não merecia ser acolhida com amor.

Meu destino seria um abrigo para órfãos, mas quando o chefe dos chefes colocou seus olhos em mim na audiência de tutela, mudou de ideia. Na minha inocência de adolescente, cheguei a pensar na hipótese do vovô não ser mau como mamãe dizia, triste engano. O grande Don Domenico Faustino era um dos homens mais cruéis da *Fratelli Uniti*.

Papai se tornou o *cascittuni* da máfia. Ele violou os códigos de conduta da família quando se decidiu fugir com minha mãe. Eles se conheceram quando houve uma emboscada com os rivais da família e meu pai ficou ferido. Mamãe era enfermeira e o encontrou jogado em container de lixo, descartado como se estivesse morto. Ela o levou para casa, cuidou dele durante dois meses até ele se restabelecer e se apaixonar por ela.

O amor entre eles era proibido, mas o coração não entendia destas convenções e os dois viveram uma paixão avassaladora. Quando mamãe ficou grávida, papai tentou convencer meus avós a dar autorização para eles se casarem, mas não conseguiu.

A fuga os tornou inimigos da *Fratelli Uniti* e foram deserdados. Viveram felizes por quinze anos, quando foram encontrados pela máfia e assassinados a sangue frio. Esta era a lei, desertores pagavam com a vida.

Meu avô era um homem cruel, chefiava os irmãos mafiosos com pulso de ferro e ao me ver resolveu me usar como moeda de troca para adquirir informações beneficiadas. A primeira providência dele ao me levar para sua casa foi se certificar da minha virgindade. Passei por um exame constrangedor com o médico da família, um velho asqueroso e sem ética, ele me alisou toda quando me examinou.

Eu passava a maior parte do tempo longe de tudo e todos, só tinha a permissão de ter contato com minhas primas, mas quase todas elas eram seres arrogantes e me humilharam chamando-me de bastarda. A única que se tornou minha amiga, era Anna, filha do meu tio mais novo. Passávamos horas conversando sobre nossos sonhos. Ela queria ser esposa do filho mais velho de um dos aliados do meu avô, enquanto eu só sonhava em fugir daquela prisão.

Aprendi a me movimentar dentro da mansão sem ser

notada, escutava algumas conversas secretas e valiosas para a polícia. Meu desespero começou quando ouvi meu avô falar sobre a minha maioridade. Faltavam dois meses para meu aniversário, ele havia me negociado com a máfia russa, em troca de um tratado de paz e por uma grande carga de bebidas e armas. Não entendi o motivo de ser comprada por tanto, até ouvir a fala de um homem *vechio* nojento.

— Minha mulher morreu há dois anos, cumpri com a tradição, honrei a *Madre Santa* e nunca a traí.

— Sinto muito por sua perda, Nikolai.

— Agradeço. Infelizmente, minha Donatella não pode me dar filhos e meu irmão mais novo não vê a hora de seu filho de um ano crescer e ser o grande *Capo*. Minha esperança está na sua neta virgem para me dar um filho macho. Espero não ter novidades ao estreá-la.

Meu avô ficou de pé, serviu mais vinho para o seu novo aliado russo e falou com orgulho.

— Minha neta está intacta, como veio ao mundo. De seis em seis meses ela passa por exames ginecológicos para garantir que sua pureza está mantida.

Naquela hora senti ânsia de vômito ao me lembrar do médico monstro. Na última consulta, ele amarrou minhas pernas no suporte para exames, prendeu meus braços em uma barra de ferro

que ficava nas laterais e me amordaçou. O maldito começou a alisar meu corpo como sempre fazia, depois chupou meus seios, enquanto seus dedos me manipulavam.

Eu tentava gritar, mas o pano na minha boca me impedia. As lágrimas desciam descontroladas pelo meu rosto. Ele mordida meu bico do seio me fazendo sentir uma dor cortante. Eu pensava em contar para o meu avô, mas o médico dizia estar na família por trinta anos e ser de confiança do *Capo*.

— Não adianta pensar em contar para ninguém. Eu sou aquele que examinou todas as mocinhas rebeldes desta família e foram muitas. Porém, nunca tive uma predileta até ver você, meu docinho. — Eu o olhei com ódio, tentei levantar o corpo da mesa e ele morreu de rir do meu desespero. — Esta é nossa última consulta antes do seu aniversário. Uma pena não poder romper seu selo, mas você vai ter o primeiro orgasmo em minhas mãos, docinho.

Balancei a cabeça de um lado para o outro. Estava em pânico, porque não sabia o que ele queria dizer com aquilo. Ele voltou a abocanhar meus seios e me chupava devagar, alternando com mordidas. Depois desceu sua boca nojenta para minha barriga, até chegar com a língua no meu sexo. Eu estava com tanto ódio, que meu corpo não reagia a ele. Eu me tocava as vezes no banho e sabia como me concentrar para não sentir prazer.

Depois de quase uma hora de tortura física e psicológica, o velho suado e cansado, me deu um tapa no rosto e me xingou.

— Sua vadia. Pensa que não sei o que está fazendo, não é? Vou te provar como posso dominar seu corpo com o estímulo certo. — Eu rosnei com o pano na boca, meu olhar para ele era mortal. Porém, eu não sabia o efeito de um bastão com uma bola na extremidade. — Vou te fazer gozar tanto, docinho, que vai perder os sentidos.

Ele retirou o instrumento de uma base parecendo uma bateria e veio com ele para o meu lado. Minha mente quase apagou quando ele ligou o bastão e ele começou a vibrar. Quando ele colocou em meu corpo, senti ondas de calor subindo por minha barriga. A velocidade foi aumentando enquanto eu tentava me retorcer e o monstro ria. Se aquilo era gozar, não queria mais.

Comecei a sentir um misto de dor e algo desconhecido. Fui perdendo o poder de respirar quando ele aumentou ao máximo a potência do aparelho. Só me lembro de sentir uma sensação horrível irradiando pelo meu corpo até perder os sentidos. Acordei horas depois em minha cama. Quando olhei para o lado, havia uma rosa branca, com um bilhete.

“Uma pena não poder te ensinar mais, docinho.”

Corri para o banheiro e vomitei até perder as forças. Meu corpo estava dolorido e meus bicos dos seios vermelhos e inchados. Confesso ter sentido vontade de me matar, mas o ódio e o desejo de me vingar de todos, me manteve viva. Lembro-me o quanto chorei naquela noite, mas em meio ao desespero, surgiu uma ideia para

acabar com meu avô e com o falso médico: eu ia perder a virgindade com um estranho e depois eu os entregaria a polícia. Estava decidido.

Capítulo 3

Antonella Faustino

Eu precisava saber como era ter um homem de verdade, porque minhas únicas experiências com o sexo oposto foram com aquele monstro. Queria descontar minha raiva perdendo o hímen tão importante para o meu avô com qualquer um que agradasse meus olhos.

A maioria das garotas sonhavam com uma noite especial e um príncipe encantado para perder a virgindade. Comigo era diferente, eu não acreditava mais em amor, mesmo sendo criada por um casal apaixonado. No fundo eu tinha raiva de ter sido entregue a própria sorte. Algumas vezes cheguei a culpar meus pais por morrerem e me deixar sozinha.

Não enlouqueci nos três anos trancada naquela casa, porque vivia pensando uma forma de fugir. Aprendi a transitar pelos lugares sem ser vista. Alguns empregados da casa gostavam de mim e me levavam livros da biblioteca sem ninguém perceber. Foi por meio de um livro contando a história dos Estados Unidos, que me apaixonei pelo lugar e comecei a ter propósito de vida.

Eu não gostava muito do caminho escolhido por mim para

executar meu plano, mas era o único que eu tinha. Usei a amizade de Anna para alcançar meu objetivo.

Ela estava radiante com a inauguração de uma boate de um figurão da sociedade italiana, um tal de Lorenzo Bernardeschi. Todos na mansão sabiam das ordens expressas do meu avô para não me deixar sair, mas minha prima não concordava com aquilo e resolveu me levar com ela.

— Antonella, eu não concordo com esta loucura do meu avô de te casar com um *vecchio*.

Eu sempre fingia concordar com meu destino, uma vez que não confiava em ninguém.

— Anna, isto é comum na tradição da família, você também vai ter um casamento arranjado.

Ela sorriu e com seu jeito sonhador falou do Alessandro, seu prometido.

— Pelo menos meu pai é mais sensato que o vovô. O meu prometido é só dois anos mais velho e ainda é dono de uma beleza rara.

Ele era mesmo tudo aquilo, no entanto algo nele não me inspirava confiança. Alessandro tinha um jeito de olhar traiçoeiro. Porém, aquele não era um assunto meu, nada vindo da máfia me interessava. Eu odiava ser neta e filha de um mafioso. Saí dos meus pensamentos e joguei a isca.

— Eu só não me conformo de ter vivido trancada nesta casa desde os quinze anos. Não conheci nada do mundo. Faço dezoito anos dentro de dois dias e vou me mudar para a Rússia sem nunca saber como é ser uma jovem da minha idade.

Os olhos de Anna passaram a um brilho diferente, ela levantou as bochechas e sobrancelhas para cima e veio para o meu lado falando baixo como se fosse me contar algo muito importante.

— Prima, acabei de ter uma excelente ideia. A inauguração da boate *Seduzione* é no dia do seu aniversário. Vou te dar este presente, prima. Você vai comigo e com minhas amigas Helena e Paola.

Coloquei a mão na boca, arregalei os olhos como se estivesse surpresa com a ideia dela.

— Como assim, Anna? E os seguranças? Eles não vão permitir minha saída.

Ela deu um sorriso sacana e me fez uma confidência.

— Você é bobinha mesmo. O De Lucca, chefe da segurança, é apaixonado por mim e faz tudo o que peço. Um dia ele me disse ser contra o que fazem com você.

— Você está falando sério?

— Como nunca falei na vida. Antonella, você é linda demais para ficar presa sem conhecer o mundo.

Naquele momento comecei a planejar minha fuga. Eu nunca mais colocaria o pé dentro daquela maldita mansão, preferia morrer a ter que viver com um velho asqueroso e nojento. Venderia minha informação por uma vida nova em outro país.

GOSTOU? CLIQUE NO LINK

<https://amzn.to/3zkgnxd>

Sobre a Autora



Cláudia Castro é conhecida como a autora de romances imprevisíveis, que provocam emoções controversas e suspiros apaixonados.

Os livros fizeram parte de sua vida desde criança, onde tudo se transformava em letras, versos, rimas ou histórias. Atua como servidora pública municipal há dezenove anos e se entregou a carreira literária em 2015.

Escreveu mais de vinte livros, ficando entre as dez autoras mais lidas no ano de 2016 segundo a Revista Veja, venceu o concurso de contos da Qualis, tendo seu conto publicado na Antologia Permita-se.

A autora gosta de escrever sobre superação, relações familiares e temas relacionados ao seu cotidiano de trabalho onde atende vítimas de violência.

Como boa mineira, ela adora caipirinha, não vive sem queijo, gosta de chupar limão e 99% do tempo seu tempo é de bem com a vida, mas aquele 1%...

Você encontra todas as obras da autora em: <https://amzn.to/3hooYGZ>